



NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."



LASAR SEGALL — "Navio de Emigrantes" (detalhe)

SUMÁRIO

ARTIGOS de Eustáquio Duarte — Edson Nery da Fonseca — Lauro de Oliveira — Tomás Seixas — Osvaldo Lamartine — Murilo Miranda — Zilde E. Maranhão — José Lins do Régio — Costa Pôrto — Francisco Jullão — Virgínius Gama e Melo e Aderbal Jurema.

PROBLEMAS DE BASE — "O aproveitamento da Cachoeira de Paulo Afonso", palestra do professor Newton Mafa.

ESTUDO de Hélio Galvão. "HÁ UMA CRISE MORAL PERTURBANDO A VIDA CONTEMPORÂNEA" — declara o sr. Samuel Duarte, presidente da Câmara Federal, em entrevista exclusiva para "Nordeste".

CAPÍTULO DE ROMANCE inédito de Hermílio Borba Filho.

POEMAS de Angela Delauche.

O CONTO INFANTIL: — "O balão de Risoleta", de Maria Lúcia Amaral.

DESENHOS E ILUSTRAÇÕES de Lasar Segall, Zuleno Pessoa, Monteiro

FOTOGRAFIAS do Teatro do Estudante de Pernambuco. Tópicos — Bibliografia — Mala do Estrangeiro. I SALÃO DE POESIA DO RECIFE. (as bases para a exposição de poemas)

SÍNTESE

Eustáquio Duarte

CHEGUEI a Ouro Preto com três livros: um poema, uma novela e um ensaio. Mallarmé, Joyce e as últimas divagações de Juan de Mairena, aquelas que o mestre escreveu há dez anos, submerso ainda na angústia de milhões de compatriotas em luta contra a tração do mundo.

A leitura seria o lado trivial das minhas férias. Não que tenha vindo pelo "divino médico", ou por Marília; menos, ainda para rastrear a epopéia de Vila Rica, furando a história no curso dos séculos. Fato de contaminação metropolitana, vim para solver o ar da cordilheira e aspirar, nestas alturas, o hálito puro da terra.

ENQUANTO a chuva impertinente destes dias me priva do grande ar serrano, tomo entre as mãos o *Aprémidi*... Antes de reabri-lo, me dito um pouco sobre o fenômeno que a crise do espírito nos trouxe.

Mallarmé fez-se poeta numa fase em que o abuso de tudo o que era ideal em arte gritava com estridência por renovação. Os processos e temas que a poesia vinha gastando há séculos já era tão sedícios que quase ninguém podia extrair delas uma emoção nova. Inutilmente, a surrada estética da época insistia em oferecer-se às gerações sedentas dos bem-todos.

A finíssima sensibilidade de Mallarmé — como as de Lautreamont, Verlaine e Rimbaud — refugiar-se-ia naquele mundo obscuro que o gênio de Poe antevira. De lá, voltaria o poeta com uma poesia exótica, fechada em ânsias metafísicas, mas surpreendentemente bela, pura e nua; e tanto mais nua quanto menos visível.

Atingira, o poeta, aquela aura esotérica, veículo da comunicação com a Distância, e a fundara-se de vez nos abismos do mundo psíquico. Passara a deter consigo a intuição do Oculto e a consciência desse ignoto foi todo o motivo da sua transcendente mensagem. Tão absoluta essa integração, que ele chegaria a sentir-se corporificado no próprio Mistério.

Detenho-me um pouco, aturdido, ante a força de encantação desse poema. Ninguém, até então, realizara integralmente o

ideal simbolista que Valéry sintetizou nesta frase: "Reprendre a la musique leur bien".

A infiltrante e terná musicalidade dos versos de Mallarmé transporta-me às camadas interiores do hiper-sensível. Cão em zonas psicanalíticas e impressionistas e, melancólico, sinto a minha própria dissolução numa sinfonia pura de vozes.

PENETRO, agora, o território dilacerado de Joyce e ouço de perto o gemido do homem que tentou escapar às aflições do século, refugiando-se em si próprio.

Esse homem de Joyce me oprime. Sua visão da existência é a de toda a humanidade em devário. Agravado na solidão, sofrendo a nostalgia das coisas boas que se foram e das que ainda não vieram, sente o homem de Joyce a desilusão, o desprezo e o nójo de uma sociedade que não o deca realizara-se na plenitude dos seus valores mais puros.

Com Joyce, todos os melancólicos de ilusões perdidas deixaram de transmitir aquela febre de heroísmo que outrora impelia os artistas para a exaltação das idéias altruístas. Como Joyce, todos os contempáneos, hoje, um universo agônico, espelham as suas dores; e eis que há só desespero em suas criações.

VOLTO-ME para as lições de Juan de Mairena, esta última vez de Antônio Machado, o grande inspirado dos Campos de Castela.

Denso o conteúdo humano desta obra publicada aos poucos em "Hora de Espanha". Aqui, o filósofo completa o cântico imortal do lírico andaluz e oferece os dados para uma melhor compreensão de sua poesia, toda ela rica de humanidade, de ânsia ecumênica e de fé nos valores espirituais.

Já foi dito que são poucos os casos, na história das letras, de uma obra como a de Antônio Machado. Nela está toda a alma de Espanha: a do seu povo, a de suas tradições, a de seu paisagem.

Por caminhos espanhóis, apontaria Juan de Mairena, com uma vidência de profeta, a extensão heróica era uma certeza.

(Continua na p. 19)

TÓPICOS

Um congresso regional de escritores



O romancista cearense Fran Martins, um dos componentes do grupo da revista "Cla", dirigiu-se, em artigo publicado no suplemento literário do Diário de Pernambuco, aos colegas do Recife com uma sugestão oportuna: a realização, nesta capital, de um grande congresso de escritores nordestinos. Saitentava Fran Martins que a escolha do local era uma homenagem a posição de destaque que Pernambuco sempre teve no movimento cultural brasileiro, e a coincidência de estar à frente do governo um escritor ainda moço e capaz de compreender a importância de um conclave dessa natureza. O redator da "Semana Literária", o poeta Mauro Mota, em comentário à idéia de Fran Martins, pediu a palavra desbromados de letras mais chegadas ao sr. Barbosa Lima Sobrinho sobre a viabilidade do congresso, ou melhor, se poderiam contar com o patrocínio oficial. E o sr. Nilo Pereira, secretário do governo, no domingo seguinte, concordava com a idéia, mas sugeria um adiamento. Isto é, que o congresso tivesse por motivo central o próximo centenário de Joaquim Nabuco, em 1949 porque, este ano, a revolução praieira, de 48, estava já na ordem do dia.

Feito este rápido histórico, "Nordeste" vem dizer, simplesmente, que está unida à sugestão de Fran Martins e concorrerá, dentro das suas modestas possibilidades, com entusiasmo, para que possamos ter, na verdade, um congresso de homens de letras concientes da sua missão. Deus nos livre, porém, de um certame acadêmico com discursivas e conferências massadas sem nenhum valor didático como é de praxe nas comemorações oficiais. Que venha o congresso, mas com uma orientação verdadeira e medularmente democrática onde a ajuda oficial seja franca e sem absorção de quaisquer naturezas. Que os secretários e o próprio escritor-governador venham discutir conosco, em mesa-redonda, os problemas da cultura nordestina como se todos ali fôssemos, o que de fato devemos ser, uns sujeitos que, graças ao poder de expressão, que é a força do escritor, interpretamos os problemas da vida através das letras. Só assim o congresso terá a grande força de homenagear a figura de estadista e escritor que foi Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo.

Os estudantes e o teatro

Dois grupos teatrais estudantis estão em atividade: o "Teatro do Estudante de Pernambuco" e o "Teatro Universitário". O "Teatro do Estudante", sob a direção de Hernão Borbi Filho levou à cena a peça de Hendrik Ibsen, "A Casa de Rosmer", que demonstrou uma vez a sua elevada orientação artística. E o

"Teatro Universitário", sob a direção de Adauto Filho, encenou com sucesso a peça "As Jéris de Apolo".

Em ambas surgiram novos astros da cena, — rapazes e moças nos vinte anos — que apresentaram com grande força de expressão dramática. Neste particular, o Recife nunca esteve tão bem aguçado. Graças teatrais, como o "Teatro de Amadores", não pararam ainda as suas atividades e cada mês que se passa se nota uma maior compreensão do público que está se educando para o bom teatro. Os espetáculos gratuitos nos bairros, realizados heroicamente pelo grupo do "Teatro do Estudante", são, na realidade, a maior escola para espectadores que já tivemos em Pernambuco.

Fatos diversos



1 — Continua a impressionar seriamente os editores a brisa das literaturas. Os "instantâneos" do romancista parabaiano José Lins do Régio e a crônica do contista pernambucano José Condé foram muito bem recebidas pelos pernambucanos que lidam com os livros, quer livreiros, editores, escritores e leitores. Todos são unânimes em achar que é preciso baixar o preço do livro, conseguindo-se, para isso, medidas oficiais em torno do barateamento do papel.

2 — A sub-literatura está em ação aproveitando-se da vivacidade do movimento literário local nas revistas e suplementos domingueiros. Não é um caso propriamente para ser corrigido pela polícia civil e sim pela polícia da consciência dos responsáveis pelos suplementos e revistas. Mas as oscilações são terríveis.

3 — Decorreram sem incidentes as comemorações do tricentenário dos Guararapes. As pontas mais altas foram as conferências de Pedro Calmon e Luiz da Câmara Cascudo. Houve, no entanto, conferencistas que dormiram trezentos anos sobre as laudas de papel e o público, por uma questão de solidariedade, também dormiu.

4 — Mais triste do que um soneto parnasiano de subúrbio é um poema de versos livres cheirando a W. C. Nem todos os que começam estão se apercebendo desse odor. Alguns poemas mal-cheirosos, poemas só na pretensão, estão aparecendo, com frequência, em nossos suplementos e revistas. Mas, como as flores nascem vitalizadas por esturmes, talvez que elas sirvam para isso.

5 — Gilberto Freyre passou no Recife como à Paris, a convite da "Unesco". Vai tomar parte na comissão de sociologia internacional, devendo demorar-se pouco tempo nessa honrosa missão.

6 — O padre Luiz de Amaral Mousinho desenhou o Epifanismo em magnífico artigo no suplemento literário do "Jornal do Comércio". Até agora não apareceu, no Recife, nenhum epifanista, embora contemos com a maior duxia de existencialistas líricos...

Cicero Dias no Recife



Depois de um longo e prolongado inverno, Cicero Dias veio, revê-lo no palatino e em quadros de um pintor pernambucano, que na Europa, não esqueceu a sua terra, em um retrato patrocinado pela Diretoria de Documentação e Cultura, o que aproveitou durante esses longos anos de Paris.

"Nordeste" dá as boas vindas ao filho pródigo e aguarda, com ansiedade, a sua mostra de arte, a fim de informar gratamente o leitor a respeito do novo Cicero, que — confiamos — será sempre o velho Cicero transbordante de poesia canavieira nos seus desenhos e pinturas. Porque, se assim não for, ele terá perdido o seu caráter e, ao invés de pintor, poderemos chamá-lo de "rafinê".

E isso para nós e para ele seria uma hecatombe semelhante a de Hiroshima.

Função da Crítica

Um personagem de Tolstói, Mikhalov, era pintor russo, de grande vulto, estabelecido na Itália. Ele mesmo não achava jeito de medir a extensão e a grandeza das obras que criava. Esperava, ansiosamente, que os seus críticos, mais agudos, descobrissem aspectos que ele, Mikhalov, não lograra notar nos seus próprios quadros. Muitas vezes os críticos excediam a perspectiva do pobre pintor atribuindo-lhe intenções que nunca imaginaria ter.

Mas não fica somente na ficção esse fato. Huxley declarou que alguns críticos descobrem nas suas obras idéias e tendências que nunca lhe passaram pela cabeça, nem mesmo vegetativamente. "Ora", dirá o desconfiado, "a função da crítica é descobrir o que não existe". Mas tudo se resume numa só explicação: quando a crítica se agita numa ampla interpretação da obra, reveste-se de uma atividade dedutiva e criadora. Veja-se esse fenômeno claramente nos comentários de Hugo sobre Shakespeare.

Sobre Poesia

Diz um crítico inglês dos nossos tempos que a desintegração que houve na mentalidade contemporânea; "alves por efeito de política, ocasionou o desequilíbrio da poesia. Em palavras textuais diz ele que essa desintegração tanto pode preceder uma completa queda da poesia na incoerência, como pode figurar subjectivamente a maneira de um estímulo para reajustá-la numa forma cleada e coerente de expressão. "No meu triste modo de ver, se a poesia não enveredou por outra direção, estamos caminhando, a passos largos, para a incoerência". Essa é a razão de presenciar nos fenômenos das variadas formas e motivos poéticos de que se nutre a imaginação dos poetas de hoje em dia. Muitos chegam à barbaridade da criação. Disto faz uso a maioria dos "novos" e mesmo alguns dos que já se assentaram no catapé da glória. Não é preciso conceito anti-poético não. Os fatos levam à realidade; é bastante ver constantemente as revistas e suplementos literários para se ter certeza.

ISALÃO DE POESIA DO RECIFE

Será exposto um manuscrito inédito de Castro Alves

A revista, "Nordeste" vai promover, num dos principais salões do Recife, um certame inédito no Brasil e talvez no mundo. Trata-se do I SALÃO DE POESIA, idéia do poeta Carlos Moreira, nosso colaborador, que está sendo impulsionada por "Nordeste", com o apoio de "Região" e da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura.

Contribuição para a Historia da Poesia Pernambucana

(Continuação da pag. 3)

adormecidos, despertaram uma grande força de comunicação entre o poeta e o leitor através da forma do soneto, ao mesmo tempo que indicaram novos caminhos para a poesia brasileira.

Um forte choque na sua vida íntima, semelhante àquela que abalou a poesia de Amado Nervo e de onde resultou os seus belos poemas "Amada Imóvel", projetou inesperadamente o sr. Mauro Mota no cenário da poesia nacional. As suas Elegias, até agora publicadas, já asseguram ao poeta que cantou:

"Vejo que chegas linda dos espaços e eu vou contigo pela vida afora, conduzindo a tua alma nos meus braços"

um lugar de primeira plana não só como poeta, mas, também, como pioneiro da renovação do soneto nesta fase neo-clássica da poesia brasileira.

Um outro ainda jovem poeta que já atingiu a maioria das musas é o sr. Tomás Seixas, cantor do verso livre que provou nos poemas "O Duplo" e "Balada do Sanatório Recife" que a poesia prescindia de quaisquer regras fixas de poética ou de gramática para atingir a sua plenitude. Embora a maioria dos nossos aedos fique tomada de verdadeiro pânico quando os críticos descobrem, nos seus versos, influências de poetas consagrados, o sr. Tomás Seixas até se enche de satisfação ao se lhe apontar a umbelical e afetiva ligação entre os seus poemas e a obra de James Joyce. A alegria que sente quando se lhe descobre a influência joyceana na sua poesia, bem demonstra possuir ele uma das mais puras inteligências do nosso atual momento poético. Em tudo que escreve, poesia ou prosa, deixa sempre bem marcado um temperamento que não se pode medir pelo brilho da palavra escrita e sim pela profundidade de seu sentimento das coisas e das criaturas humanas, ou pela intenção proustiana que sabe, como ninguém, imprimir às palavras da quotidiana. Por tudo isso o sr. Tomás Seixas é uma força da Poesia, força audaz e indisciplinada porque coere com o seu próprio universo humano.

Poetas outros, como esse silencioso Valdemar Lopes que, embora residindo no Rio, figura na antologia do sr. Fernando Mota, mais à maneira de Joaquim Cardoso, teima em ficar inédito, continuam oscilando entre o verso livre e a disciplina parnasiana. Alguns deles, frutos de descobertas recentes nos corredores da Faculdade de Direito do Recife e outros ainda mal saídos da vida estudantil, estão a merecer um estudo em separado. A título de informação vamos falar de alguns dos muitos que estão surgindo em 1948 com a fumaça de verdadeiros iluminados.

Ainda um dia desses, o escritor paulista Alcântara Silveira, no seu livro de ensaios denominado "Gente da França", salientava com inteligência o suposto excesso de literatura francesa em nossas letras. E agora com maior razão porquanto a nova, ou melhor, a novíssima geração de poetas pernambucanos caracteriza-se justamente por uma produção quase que alheia à literatura europeia, a não ser de cunho nitidamente partidário que traz em si mais a marca de uma doutrina política do que a força da influência da literatura de um povo.

Entre os poetas recém-saídos da Faculdade de Direito do Recife, com os seus cantos jovens e saudáveis, rebeldes e líricos, cabe destacar o sr. Edson Régis que tanto transpõe para o papel os seus estados poéticos no verso livre como na mais rigorosa forma metrificada. Na sua "Canção da Vila", onde demonstra a força criadora de sua memória, ele evoca

"O tempo que voou no gramofone"

em versos simples e admiravelmente ingéniosos, essa ingenuidade criada só possível nas crianças ou nos poetas. Autor de uma "Elegia de Deolindo Tavares", o jovem poeta pernambucano

cano atingiu um dos grandes momentos de sua poesia, no soneto "Ponto Zero", quando caiu no mundo aturdido diante das misérias e dores do mundo moderno:

"Os mesmos jogos sobre as mesmas míseras. O mundo enfiado, pálido, sem nome, O céu antigo está se deslumando".

Ao lado de Edson Régis, como companheiro de geração, está esse estranho Rodolfo Maria de Rangel Moreira que, embora não use a linguagem estética do sr. João Cabral de Melo Neto acentuada no seu recentíssimo caderno "Psicologia da Composição", editado em Barcelona, ainda não encontrou uma linguagem definitiva para se comunicar com o público. Ainda esse é, sem dúvida, o grande problema da poesia moderna. E quando digo moderna quero referir-me a sua contemporaneidade e não ao seu modernismo que, hoje em dia, é corrente literária de toda superada. (Se ainda alguém tem dúvida a respeito, que leia a admirável e profunda conferência de Gilberto Freyre, publicada nos últimos números de "Nordeste", sobre "Modernidade e modernismo na Arte Poética"). No entanto, em alguns de seus poemas, o sr. Rodolfo Maria de Rangel Moreira já está se aproximando de uma linguagem mais acessível ao leitor comum, operando com símbolos poéticos de grande tensão lírica não como um estrangeiro mas com a precisão de um poeta experientado.

Isto nem sempre acontece com os jovens poetas dos corredores da nossa Faculdade de Direito, atribulados e audazes pela própria idade a não ser no ritmo de um poema como "O Barco", do jovem teatrólogo Ariano Suassuna:

"E o barco já navegava Grandes caminhos eternos, Caminhos largos do mar Fincados fundo no peito"

Ou em algum soneto de outro estudante, o sr. Geraldo Valença, que sente melancolicamente:

"Uma neblina miúda, inquieta e fria".

Quando não evoca o luar de junho, um tas to fascinado pelo linguajar poético dos vocativos românticos:

No meio da jovem poesia estudantil ainda está o sr. Guerra de Holanda, mais pelo fato de ser estudante do que pela posição que a sua poesia ocupa. Guerra de Holanda, que publicou o seu primeiro livro de versos em 1938, em contra-se, hoje, numa fase poética que bem demonstra a aguda sensibilidade de seu temperamento. E não é sem abrir a sua alma pelo inteiro à Poesia que ele balbucia:

"Tu sabes, Senhor, que sou humilde em meus desejos"

Sente-se nos poemas do sr. Guerra de Holanda a luta constante entre o mistério, o religioso com a hipocrisia geral que ameaça trazer a sua sensibilidade e arrazar o seu equilíbrio interior. A poesia em Guerra de Holanda não é uma coisa que aconteça algumas vezes na sua vida. A força íntima que vem de seus poemas revela um temperamento para o qual a poesia lhe é tão necessária como o ar que ele respira.

José Laurélio de Melo, Hernani Borba, Alfredo Duarte Neto, Craveiro Leite e Angela De Louche são outros tantos novíssimos poetas que lembram, pela juventude de sua poesia, os jovens poetas ingleses Alun Lewis, F. T. Prince, Sydney Keyes, John Heath Stubbs, soldados da poesia e da liberdade nesta última guerra. Mas, ao invés de um "rende-vous" com a morte, do verso de quele poeta inglês que Abranc Renault traduziu os poetas novos de Pernambuco surgiram com tão saudável disposição lírica de quem estão dispostos a ter um encontro marcado com a vida.

Para os jovens poetas do Recife não é demais transcrever aqui um trecho das "Cartas a um poeta" de Rainer Maria Rilke: "Fuja dos grandes assuntos e aproveite os que o dia-a-dia lhe oferece. Diga as suas tristezas e os seus desejos, os pensamentos que o afloram, a sua fé na beleza. Diga tudo isto com uma sinceridade íntima, calma e humilde".

Pereira, Edson Régis, Fernando Mota, Carlos Moreira, Edson Nery da Fonseca e o redator-chefe desta revista, organizou as seguintes bases para o certame:

Realização: — no mês de setembro, 2.º quinzena.
Local: "Hall" do Gabinete Português de Leitura, à rua do Imperador Pedro II.
Número de poemas: de um a três.
Precedência: — inéditos ou não publicados em livro.
Tamanho do manuscrito de cada poema: — devem ser escritos em folhas de papel, tamanho ofício, a

nanquim, pelo próprio ou pelo poeta, acompanhado do cada poema uma cópia datilografada a dois espaços.

Data para entrega dos originais: 5 de setembro.
Instruções: numo folha de cartolina ou papel, tamanho máximo de 22 por 22 centímetros.
Durante os dias da exposição haverá uma série de palestras sobre poesia a cargo dos escritores Luiz Degada, Odilon Norberto, José Otávio de Freitas Junior, Fernando Mota e Aderbal Jurema.

CONTRIBUIÇÃO AO ROMANCEIRO NACIONAL

HELIO GALVÃO

Ainda está por fazer o romanceiro nacional. E no entanto, é tarefa urgente. Mais dez annos de descanso, e um material precioso e irreperável ter-se-á perdido.

Para nós o romanceiro brasileiro é mais vasto que o português ou o espanhol. Isto porque possuímos quasi todos os romances da Península, acrescidos da contribuição cabocla. E esta, que é larga, poderá ser dividida em dois grupos distintos: romances brasileiros propriamente ditos e romances de Relação, de importação peninsular. Assim o romanceiro nacional teria três capítulos: romances tradicionais hispânicos (Dona Princesa, Bernardo Francés, Belgandina, etc.); romances brasileiros (Zezinho e Marizinha, José Garcia, Alonso e Marina, Rabixo da Gerarda, Boi Surubim, etc.) e romances de Relação.

Dentes ocupar-nos-emos nesta oportunidade, já que a tarefa integral, conquanto urgente, requer mão amestrada. A outrem, que não a quem escreve este breve ensaio, caberá o encargo, necessário e improrrogável.

O Romance de Relação poderá compreender os seguintes temas:

- a) explicação de nomes, fatos e caracteres;
- b) narrativas fantásticas, heróicas ou trágicas;
- c) atribuir a animais ações e gestos próprios do homem.

É insubstituível, pela clareza da exposição e autoridade do autor, a lição do prof. Vicente T. Mendoza:

"La Relación es una de las formas del romance español que esencialmente relata, en forma o describe de una manera fácil, fluida e ingeniosa, nombres de personas, de animales, de objetos; nombres y cualidades de pueblos y de oficios, así como hechos generalmente fantásticos y fabulosos verificados por animales. Suele describirnos también aventuras picarescas y llega en ocasiones a la alegoría.

El origen de esta producción popular se encuentra en Andalucía, según las noticias que don Serafín Estévez Calderón nos transmite en sus jugosos artículos reunidos bajo el título de Escenas Andaluzas (Colección de Escritores Castellanos, Novelistas, Madrid, 1847-1883).

Según lo anotado por Estévez Calderón, es la Relación una traducción árabe cuya desaparición llega a temer el propio autor" (1).

Três são as denominações que na Espanha se dão a esse gênero poético: romances, relaciones ou corridos. Explica o prof. Mendoza:

"El primero, por estar generalmente en metro de romance; el segundo, por constituir de una manera esencial una relación o enumeración detallada, cualidad que le usurpa al romance, puesto que éste no siempre relata minuciosamente y al detalle, y el tercero, porque había que distinguir de los otros géneros líricos que se cantaban en coplas o en estrofas. En la actualidad se les aplica el nombre de tonadas, por apócope tonás... En México las Relaciones son conocidas y englobadas bajo el título de Corridos y soy yo quien reivindica para ellas la especificación española de Relaciones de Romance o Corridos de Relación" (2).

Estrovenga, é a denominação brasileira. Mais abundante na Espanha que em Portugal, não entretanto de encontro frequente a Relação. Mesmo no Brasil, ao que parece, seu número é reduzido, posto em confronto com a vastidão dos temas. Raciocina o prof. Mendoza que não é considerável a antiguidade do gênero, pelo fato de se não encontrar um só espécimen no Cancioneiro de Palácio, "resumo da lírica espanhola popular e arabizante dos séculos XV e XVI".

Ainda a lição do prof. mexicano:

"El estilo literario que conserva la Relación es sencillo y llano. En su calidad de relato participa del carácter del romance; aunque pierde austeridad, majestad y altura para ceñirse casi siempre al tono de una simple enumeración, resultando, con esto, que adquiere ligereza, gracia y soltura, al mismo tiempo que un humorismo que pone a prueba la fantasía y la fecundidad del escritor.

En consecuencia, son estas Relaciones modelos de humorismo que relatan hechos increíbles o fabulosos, combates fantásticos, paradojas y exageraciones. Esto mismo lo separa ya del estilo grave del romance; pero hay más aún: el sentido de fábula o apólogo que encierra, puesto que en una multitud de casos relata los hechos refiriéndolos a los animales. La razón de esta característica se pierde indubablemente en el tiempo" (3).

Está assim, em linhas gerais, explicada a razão de ser das Relações e delimitado o seu campo de ação.

Sobretudo pelo seu lirismo caracteriza-se a poesia popular brasileira. Real e nítida, ingênua

e inquieta, retrata-se a psicologia nacional na amplitude incomparável do conceito e da forma. De uma plasticidade notável, a linguagem espraia-se em movimentos livres e espontâneos, sem freios gramaticais, sem peias de sintaxe, estirando-se em parágrafos e contraíndo-se em apócpes, multiplicando-se em expletivos, enriquecendo-se de novas formas verbais, em sons, em onomatopéias. Desaparecem a dureza do r, o empolado do l e o sibilo do s.

Em referência a Relação, um fato que constatamos é o seu afastamento dos centros povoados. E' nos recantos mais incultos e humildes que fixaram seu habitat esses formosos romances, em que se expande livremente o poder criador da nossa gente. Surpreendem-se aí, sem dificuldade, a força dedutiva, o impulso fecundo, a imaginação viva e ágil. Empurrados pelo rádio, perseguidos pelo samba carnavalesco, escondem-se, ocultam-se, refugiam-se nos logarejos isolados e, tímidos, antiquados, esquecidos, vivem vida de forajão. E' de vê-los, porém, nos lábios da cabocla roceira, pinta d'água à cabeça, ou raspando mandioca, ou acalentando o filhinho. E' de vê-los cantados pela rendeira, ao acompanhamento dos bilros. Ou mesmo pelo trabalhador no cito. E' a música brasileira na sua expressão mais natural, melódica, sincopada, entrando pelo coração e mexendo nos nervos da gente.

Documentos históricos, às mais das vezes, assinalam as Relações pela sua fidelidade ao meio ambiente, pela cor local e pelos costumes foram compostos. O Casamento da Filha do Be-souro, que damos adiante, permite identificar que foi composto no nordeste do Brasil, em zona de mandioca, antes da instituição do casamento civil. O Casamento da Catita, aludindo à ganga, velho tecido indiano, testemunha uma existência centenária.

Este fragmento refere-se ao naufrágio do vapor Bahia, nos dias de 24 para 25 de março de 1887, às 23.55 horas:

Senhor Avelino Freire.
Este moço também ia
Levava tanto dinheiro
Que afundou o Bahia.

Escapou uma menina
Em cima de uma taboinha
E uma velhinha cega
Num garajá de galinha.

Conhecemos o "senhor Avelino Freire", que era de fato, à época do evento, dono de respeitável fortuna. Faleceu na capital do Rio Grande

Do onde fui o namorado,
Quem por aqui passar que diga:
"Já morreu o malgrado
Morreu do mal de amores
Que é um mal desesperado" (4).

Na Antologia de Poetas Líricos Castelhanos registou Menéndez y Pelayo um fragmento português de Traz-os-Montes, o romance do Conde Preso:

Não me enterrem na igreja
Nem tão pouco em sagrado
Naquele Prado me enterrem
Onde se faz o mercado,
Cabeça me deixem fora
O meu cabelo entrecado,
De cabeceira me ponham
A pele do meu cavalo
Que digam os passageiros:
Triste de ti, desgraçado,
Morreste de mal de amores
Que é um mal desesperado (5).

E Menéndez Pidal (Flor Nueva de Roman-cas Viejas) anotou na Espanha:

Si me muero de este mal
no me enterreis en sagrado;
no quiero paz en la muerte,
pues nunca fui bien amado;
enterrarme en prado verde
donde pante mi ganado,
con una piedra que diga:
"Aquí murió un desdichado
murió del mal de amor
que es un mal desesperado" (6).

Também na Argentina e na Colômbia:

Por si acaso me matarem
no me enterren en sagrado,
entierrenme en un llanto
donde no pase ganado,
un brazo déjenme afuera
y un letrero colorado
pa que digan las muchachas
— Aquí murió un desdichado;
no murió de tabardillo
ni de dolor de costado;
que murió de un mal de amores
que es un mal desesperado (7).

No Chile o saudoso Vicuña Cifuentes anotara:

Si este toro me matare
no me enterren en sagrado,
entierrenme en campo verde
donde me pise el ganado.
A mí cabeceira pongam.

con un letrero que diga:
Aquí murió un desdichado, etc. (9).

Vimo a projeção deste romance, comprovada a sua existência em Portugal, e Espanha, a sua transplantação para as nações hispano-americanas. No Brasil registamos em Pernambuco, município de Goianinha (Rio Grande do Norte), fragmentos onde a sobrevivência do tema é clara, aumentando-lhe a geografia:

O povo da caixa d'água
chorava pela morena,
morreu envenenada
a pobre da Iracema.

O canção de Iracema
lá coberto de flor,
em cima lá escrito
o nome do seu amor.

Quem morre do mal de amores
não se enterra no sagrado,
se enterra no campo verde
que é lugar dos namorados.

Observe-se um tódas as versões citadas a persistência do motivo fútil, da morte nítida e prematuras, dados que ai deixamos permitirem averiguar a área abrangida por esta relação e traçar o mapa de sua projeção inter-continental.

2. A NINHADA DA VELHA

Trata-se de uma Relação de raro encontro. Portuguesa, da gema. Não conheço documento de sua existência em castelhano. A que se segue foi-me ditada por minha esposa, Iliria Tavares Galvão, que a aprendeu na infância, no estio Sumaré, em Goianinha. Tem música.

Casé-me com uma velha
Pra livrar de filharada,
Mais o diabo desta velha
Teve dez de uma ninhada.

Desses dez que me ficou
Um deu pra ladrão de bode,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram dez ficaram nove.

Desses nove que ficou
Um deu pra ladrão de porco,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram nove ficou oito.

Desses oito que ficou
Um deu pra ladrão de béstas,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram oito ficou sete.

Desses sete que ficou
Um deu pra ladrão de reis,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram sete ficou seis.

Desses seis que me ficou
Um deu pra ladrão de pinto,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram seis ficaram cinco.

Dos cinco que me ficou
Um deu pra ladrão de pato,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram cinco ficou quatro.

Desses quatro que ficou
Um deu pra ladrão de index,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram quatro ficou três.

Dos três que me ficaram
Um deu pra ladrão de boi,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram três ficaram dois.

Desses dois que me ficaram
Um deu pra roubar anin,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Eram dois só ficou um.

Esse um que me ficou
Deu pra roubar feijão,
Deu-lhe o tango, deu-lhe o mango,
Acabou-se a geração,
Só ficou o diabo velho
Para minha tentação.

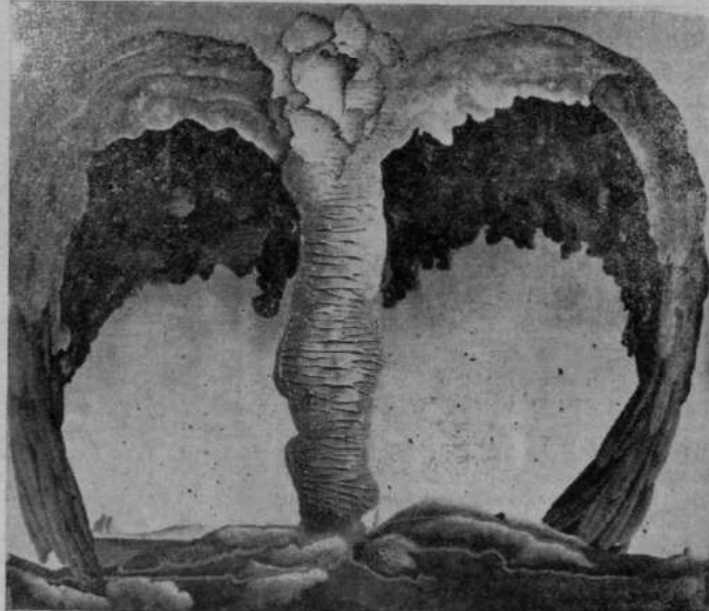
O prof. Mendoza refere Los Diez Pterritos, da tradição oral mexicana, em que ocorre também a eliminação sucessiva dos cachorritos, em ordem decrescente. O autorizou folclorista mexicano transcreve uma versão portuguesa, legítima antecedendo da que divulgamos, publicada no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, procedente de Penafiel:

Nasceram dez meninas
Metidas dentro dum fele;
deu-lhe tango-mangro nelas,
não ficaram senão nove.

Essas nove que ficaram
foram ver passá-lo broito,
deu-lhe tango-mangro nelas,
não ficaram senão oito.

Essas oito que ficaram
foram ver passá-lo vatele;
deu-lhe tango-mangro nelas,
não ficaram senão sete.

(Continua no próximo número)



"O ANJO DA GUARDA" — Tela de Miss Ithell Colquhoun, da moderna geração de artistas ingleses

do Norte em novembro de 1945, e dele ouvimos mais de uma vez o relato dramático.

Feitas estas considerações, apreçiemos especificadamente cinco temas de Relação.

1. MAL DE AMORES

A Relação do Mal de Amores é de origem hispânica. Todavia, por tal modo se dispersou, que já não é possível encontrá-la íntegra. Seus vestígios, trechos adaptados e aproveitados, sobreviveram inconscientemente num ou noutro romance. Teófilo Braga encontrou em Faro e comunicou a Ataíde Oliveira o romance As três Irmãs, no qual está consignado o seguinte passo:

Meu pai quando eu morrer
Não me enterre na igreja
Nem adro que foi sagrado
enterre-me àquêle canto

um letrero colorado
y digan las cinco letras:
Aquí murió un desdichado;
no murió de calentura,
ni de dolor de costado
murió de una cornadilla
que le dió el toro nevado (8)

Vicente Mendoza coligiu a estrovenga Al Casamento del Huilcacche, recolhida no povoado de Tiguidim, Estado de Michoacan, México, pelo prof. Alfonso del Rio. É longa, e nela aparece o tema do mal de amores:

Si me llegare a morire
no me enterren en sagrado,
entierrenme en campo verde
donde me trille el ganado.
De cabeceira me ponem
un ladrillo colorado

Os Últimos Dias De Castro Alves

TOMÁS SEIXAS

(Fragmento de um ensaio inédito)



Em abril de 1870, Castro Alves realiza no sobrado da rua do Sodré, onde residia, uma brilhante reunião literária para comemorar o aparecimento das Espumas Flutuantes...

Alguns dias depois, comparece a uma festa no Gremio Literário onde recita a Deusa Incruenta, saudação à imprensa, que é uma das suas maiores poesias...

Quando Ela se alteou nas brumas das Alturas, Alva, grande, levada em luz estranha, Na dextra suspendendo a estrofa da murcha...

Sairam as Espumas Flutuantes. Ele envia um dos primeiros exemplares a José de Alencar, que tanto fizera pelo seu triunfo no Rio e que sempre se mostrara seu amigo...

o conheceu a posteridade? (1) E' esse o derradeiro esboço do retrato do poeta, e foi assim que nós o conhecemos, e essa é a melhor imagem que guardamos dele.

Foi por essa época que se conheceu Agnese Murri, italiano jovem ainda, que tinha sido atriz de uma companhia irian e que ficara na Bahia onde ensinava piano e canto...

Feliz quem possa na anciedade louca Essa mulher prender nos braços...

Castro Alves voltara do sertão com a saúde bastante melhorada. Em Curralinho, inspirado pela natureza certaneja de tinha acabado de escrever A Cachoeira de Paulo Afonso...

Como sua saúde houvesse melhorado voltou a frequentar saraus e reuniões literárias, embora o seu pé artificial o impedisse de dançar...

Pouco depois desse acontecimento funda-se na Bahia o So-

ciiedade Abolicionista 7 de Setembro e Castro Alves é incumbido de redigir uma carta manifesto às senhoras baianas. Essa carta foi publicada no jornal "O Abolicionista" de 30 de abril de 1871...

Entretanto sua saúde continuava a decair cada vez mais. Seu estado de fraqueza era constante. A maior parte do seu tempo Castro Alves passava em casa, lendo, escrevendo ou ouvindo à irmã tocar piano...

Em novembro que fizera a alguns amigos a distribuição das Espumas Flutuantes que acabavam de aparecer com grande

sucesso. Agnese Murri é a inspiradora dessa época crepuscular, embora no intimo do coração do poeta ainda permanecesse a lembrança de Eugénia. Poeticamente ele denomina Agnese "a virgem dos últimos amores" e escreveu para ela muitas das suas últimas poesias...

Quando sosinho e triste... em horas de amargura, Tu sentes de meu seio a tentação... [pesta de escuras As asas encurvar no tenebre]

Al! toca! No meu ser accorda [ainda um astro A voz de Gotcha! — o sepulchro do mestre — Aos lampejos de luz — do Moço Paulistano —



No dia 31 de agosto encerramento do Grande Concurso de Romance de "NORDESTE" Remeta o seu original em tempo!

Al! ... Toca! Eache de sons e 'derradeiro dia Daquê que só te... po' sonho [— uma harmonia! Por única riqueza... a ti... e ao [teu piano!]

O estado de saúde do poeta agravava-se consideravelmente nos últimos dias de junho de 71, mas ele enfrenta corajosamente os lancis da enfermidade. Sabe que sua morte está próxima mas não se deixa abater...

Al! toca! No meu ser accorda [ainda um astro A voz de Gotcha! — o sepulchro do mestre — Aos lampejos de luz — do Moço Paulistano —

Adeus, meu canto! E' a hora [da partida. O oceano do povo se encapela. Filho da tempestade, irmão do [raio, Lança teu grito ao vento de [procela.

O inverno envolto em mantos de [geada Cresta a rosa de amor, que além [se ergueta... Ave de arribação, voa, anuncia Da liberdade a sua primavera

E' preciso partir, aos horizontes Mandar o grito errante da [alma] Ergue-te, ó luz! — Estrela para [o povo, — Para os tiranos] lugubre [metá]

Ao lembrar essas vezes, ele devia ter sentido que sua profecia seria um dia realizada e que as gerações futuras haviam de colher o futuro que ele e suas mãos feridas na vida tinham deixado.

No seu casarão da rua do Sodré, Castro Alves sente que o crepúsculo que dele se aproxima traz consigo uma noite bem diferente das outras. Bem diferente daquelas outras que celebrara em seus poemas de amor. Solitário por alguns momentos no seu quarto da grande casa espera a morte. E por instantes recorda fragmentos da sua vida...

Em surdina, quasi imperceptivelmente recita trechos de poemas seus e dos seus poetas favoritos, pensa no brilho enorme dos seus olhos dilatados pela enfermidade e lentamente percebe-se com a mão tremula e febril o rosto emagrecido.

(1) Pedro Calmon — Vida e Amores de Castro Alves — pag. 194. (2) Afrânio Peixoto — Castro Alves — pag. 163. (3) Pedro Calmon — Op. cit. pag. 203.

The Great Western Of Railway Company Limited. SERVIÇOS DE BAGAGEM. Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora... Tomar o Trem em Movimento é Perigoso COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA Recife, 1948. A ADMINISTRAÇÃO

(ARTIGO JA ANTIGO)

MALAZARTE E DOM CASMURRO

EDSON NERY DA FONSECA

O sub-título foi plagiado de um soneto de Alvaro de Campos (Fernando Pessoa). Estas notas são de fato antigas; foram escritas em 1944, a propósito de um artigo do sr. Octacilio Alecrim publicado no Correio da Manhã (Rio de Janeiro) de 22 de outubro daquele ano. Mas, foram esquecidas entre outros papéis e agora encontradas, por ocasião de uma dessas arrumadeiras de quem chega em casa depois de uma ausência demorada. Como o assunto não perdura a atualidade, atrevo-me a publicar o artigo, tal como foi escrito no ano já distante de 1944.

O "Correio da Manhã" divulgou um artigo do sr. Octacilio Alecrim que está exigindo de todos os intelectuais brasileiros uma definição em torno desta pergunta sugestiva: qual o personagem que melhor representa o "Espírito brasileiro"? Dom Casmurro ou Malazarte?

Para um depoimento pessoal, não tenho dúvidas: sou pelo Dom Casmurro. Porque é com este "homem calado e metido consigo" que me sinto mais identificado, em que pese a minha condição de brasileiro, sujeito a buzinadíssima influência da natureza tropical, cuja manifestação, segundo o sr. Octacilio Alecrim é a exuberância, a extroversão, a euforia constante. Um desses homens cala-

dos e metidos consigo é o personagem de romance que mais me impressionou até hoje: o Branco, de Octavio de Faria. E de Dom Casmurro posso dizer o que Octavio de Faria disse de Branco: "E a ele que vão as minhas simpatias e toda a minha esperança. Ainda que 'so importe na perda das melhores amizades, na renúncia à lição dos mestres mais venerados, e seja necessário desistir de pôr creditar na redenção nacional..." (Cf. Os caminhos da vida, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939, 2.ª v., p. 245). Mas devo esclarecer logo que, aproximando Branco de Dom Casmurro, não o faço por esquecimento das diferenças que os separam — diferenças que são, certamente, maiores do que as semelhanças. Mas as semelhanças existem, e, dentre elas destacam-se o pessimismo e a introversão.

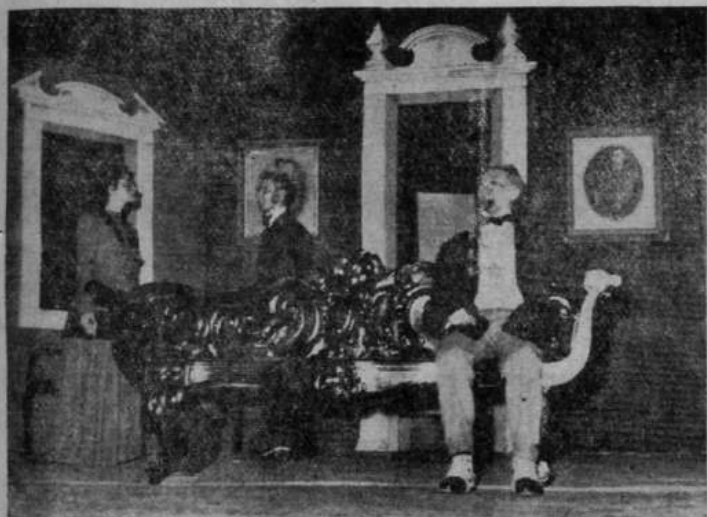
Entretanto, praticado o meu ato de decisão em favor de Dom Casmurro, não irei afirmar que

ele é o verdadeiro representante do "Espírito brasileiro" — o que seria uma tese contrária a do sr. Octacilio Alecrim, mas violada pelo mesmo erro: a simplificação. Ou muito me enganou ou foi contra um erro dessa natureza que reagiu o sr. Murilo Mendes no seu artigo sobre O espírito francês (Jornal do Commercio, Recife, 9 de junho de 1944). O autor de Poesia liberdade — que além de grande poeta é um pensador admirável — chamou atenção para o fato das referências à cultura francesa se limitarem à "fria ordem", à "clara razão" e ao "absoluto bom senso". Uma cultura que é, na expressão do sr. Murilo Mendes, "um mosaico de temperamentos e de idéias", estaria reduzida àquela lugar-comum do "clair génie français". Quando se sabe que há outra tradição na França, também significativa, e que repousa na "linha romântica do arbitrário, do imprevisto, do gênio da fantasia levado às suas

mais extremas consequências". A linha em que se destacaram os Rimbaud, os Mallarmé, os Barbey d'Aurevilly, os Laforgue, os Bernanos e tantos outros, sobretudo os surrealistas. Isto, na verdade, é outra história. Mas uma história que vem nos auxiliar a compreender a nossa própria história. O que pretendo sugerir — seguir apenas — é que tanto o estilo de vida encarnado por Dom Casmurro, como o que Malazarte simboliza, são representativos do "Espírito brasileiro". Parece-me que na caracterização nacional desse "drama da inteligência" eles se juntam e se completam, exprimindo uma fisionomia psicológica cuja qualidade dominante é a flutuação entre os extremos. Ora, o sr. Octacilio Alecrim afirmou categoricamente que "o Espírito Brasileiro não vive nem se realiza na discreção, senão na exuberância de Dom Casmurro". Não vejo como negar a este "homem calado e metido consigo" um lugar ao sol no drama

brasileiro. Porque o "Espírito brasileiro" a que se refere o sr. Octacilio Alecrim, nem por aparecer na obra de Machado "ão sutil que parece apenas um fantasma inglês" — como destacou uma vez o sr. Gilberto Freyre — deixa de aparecer. E cuida que essa discreção, esse pudor de revelar com espalhato as origens nacionais, essa sutileza de fantasia, são superiores àquela alegria tropical, àquela extroversão enfática — Malazarte é a própria Raça discursando... — que acompanha o personagem de Graça Aranha. Este, sim, tinha razões demais — razões pro domo sua — para ver na própria criatura "o maior espetáculo das letras brasileiras". Pois Malazarte, não só o próprio Graça, mas também, o que ele desejava ou fossem todos os brasileiros. Paulo Prado, cujas palavras em torno do esplendor e do mistério da natureza tropical servem de epígrafe ao artigo do sr. Octacilio Alecrim, foi o que destacou no seu Retrato do

Brasil: a "tristeza brasileira". "Numa terra radiosa vive um povo triste" — são as primeiras palavras do famoso livro. De onde vem essa tristeza? De Malazarte, o "metafísico em perpétua alegria"? Não; ela vem de Machado, que a captou dessa mesma natureza tropical que se esplendor e alegria, é também "misterio". E aqui encontramos novamente a idéia, de que não é o pessimismo machadano nem a exuberância de Malazarte que caracterizam cada um exclusivamente, o "Espírito brasileiro". Uma idéia que encontra fundamentos de ordem étnica e cultural, pois se explica tanto como resultado de dois elementos que contribuíram para a configuração do nosso "ethos" — o negro e o índio — como do próprio elemento que os aproveitou e dirigiu, o português, cujo comportamento já foi caracterizado pelo sr. Gilberto Freyre como flexível e perturbado por "dolorosas nebulosas" e cujo caráter revela segundo o mesmo sociólogo "uma especial riqueza de atitudes" (Casa Grande & Senzala, 4.ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, 1.ª v., p. 52). Donde poderemos sugerir que tanto a "discreção simulada" de Dom Casmurro como a exuberante extroversão de Malazarte são afirmações legítimas do "Espírito brasileiro".



Cena do 1.º quadro do 3.º ato da peça de Ibsen, "A Casa de Rosmer", lançada pelo Teatro do Estudante. Rebeca (Ana Canen), Rosmer (Gerválvio Wanderley) e Kroll (Joel Pontes).



Cena do 2.º ato do grande sucesso do Teatro do Estudante, "A Casa de Rosmer", direção de Hermilo Borba Filho, com cenário e figurinos de Aluizio Magalhães.

Uma conferência cheia de brilho e de sedução foi pronunciada na Universidade de Lisboa, em outubro de 1942, pelo professor N. I. Herescu, catedrático de latim na Universidade de Bucareste. Serviu-nos a sua leitura para fazer crescer a nossa admiração pelo imortal poeta, autor da Eneida, que tem um esplêndido conceito de René Pichon "Grega pelo quadro, romana pelo espírito, moderna e quasi cristã pelo coração, ela é a obra mais complexa da antiguidade latina". Nessa conferência, o autor une Vergílio e Augusto, traçando um retrato do poeta a serviço do seu soberano, em resumo, focalizando a função política da poesia. Entre as múltiplas impressões escritas sobre Vergílio e o nosso conhecimento, a que achamos mais expressiva é a de Carducci, quando afirma: "Lavoratore italico, che dalle rive del Minio salì al Campidoglio e dal Campidoglio all'Olimpo". Em verdade, filho de um hu-

milde agricultor, levando toda a sua infância nos jardins e nos prados e depois adolescente junto ao seu soberano que lhe dedicava uma amizade verdadeiramente fraternal. E não somente isto. O seu canto imortal comove as elites de todos os povos. Poderá haver maior glória humana? A vida do poeta constitui um quase milagre, se assim nos podemos expressar. As lendas que cercam a personalidade de Vergílio são inúmeras. Conta-se que, em vésperas do nascimento, a mãe do poeta sonhara e nesse sonho confiava ela à humanidade um ramo de louro, que ao contacto com a terra, cresceu rápido, cobrindo-se de flores e de frutos. Esse ramo de louro simbolizou a sua vitória. Vergílio nasceu na valeta de uma estrada. Afirma a lenda que o recém-nascido sorriu, em vez de chorar. No local de seu nascimento foi plantada uma estaca de

VERGILIO - O IMORTAL POETA

LAURO DE OLIVEIRA

choupo que se converteu numa árvore alta, objeto da maior veneração pelos habitantes da localidade. E assim desde o seu primeiro dia, neste mundo, foi Vergílio cercado de muitas lendas. O soberano Augusto tinha pelo poeta imortal uma amizade extraordinária. Em todas as suas dificuldades apelava para Vergílio e essa informação colhemos da correspondência do poeta conservada por Macróbio. A correspondência é de um valor informativo precioso. Vamos transcrever um trecho, já traduzido, para melhor compreensão do leitor: "Recebi todas as suas cartas, escrevia Vergílio.

No que diz respeito à minha Eneida, se tivesse acabado, por Hércules, qualquer fragmente dos teus ouvidos, envarto-la da melhor vontade, mas o trabalho está apenas esboçado; às vezes parece-me que não estava em meu juízo quando me abalancei a uma obra tão gigantesca como esta..." Sómente o trecho citado vai como demonstração muito alta de uma extraordinária amizade. E o professor Herescu vai mais além, sustentando que há entre o poeta e o seu soberano, uma associação, uma obra de colaboração. E escreve: O poeta foi com o imperador, um criador. A colaboração deles desenvolveu-se numa compreensão

completa e natural: no coração do imperador sonhava um poeta, sob a frente do poeta sonhava um imperador. Sempre fomos um enamorado das paragens vergilianas. Vergílio a quem Sto. Agostinho denominou praecelissimus atque optimus poeta. Incontáveis são os seguidores do imortal poeta em todos os tempos. Na velha França, as epopeias nacionais são influenciadas pelo incomparável mantuano. Basta citar "La chanson de Roland", "La Franciade". Quem ignora ter Villon intercalado personagens da Eneida nos seus trabalhos? Atualmente é ponto pacífico a influência vergiliana em La Fontaine, Boileau, Bernardino

de Santo Pierre, Lamartine e Chateaubriand. Na Itália os seus seguidores não são em número menor. Dante, Tasso, Ariosto seguem o roteiro de Vergílio sendo de notar que Guarini introduziu versos vergilianos completos em seu Pastor Fido. E na Alemanha basta referir-nos a alguns cantos de Nibelungen e Germano e Doreteia de Goethe. Na Inglaterra, Thompson as "Estações", Young nas "Meditações" e Barton dando-nos uma interpretação e tornando ampla a sua obra. E, em a nossa língua? Quem desconhece a influência de Vergílio, em nosso Camões? Não queremos alongar essa rápida nota, pois temos na memória as palavras de João de Barros: Antes sejamos breve que prolixos. Vergílio — o incomparável e imortal poeta latino — cujo canto há de superar o próprio tempo, se acha magnificamente estudado na conferência de catedrático de latim, na Universidade de Bucareste.

NOTICIA DE LASAR SEGALL

MURILO MIRANDA



LASAR SEGALL — "Retrato de Lucy"

Russo de nascimento, mas brasileiro naturalizado desde 1929 Lasar Segall veio do expressionismo alemão, movimento do qual foi um dos pioneiros, para encontrar em nosso país a plenitude de seu poder artístico, que se reflete em obras onde uma grande liberdade moderna se combina, de maneira muito feliz, com um equilíbrio e uma sobriedade verdadeiramente clássica.

Segall aborda em grandes telas os grandes temas da tragédia do mundo de hoje. Não deixa de lado, entretanto, a poesia da terra, do indivíduo e das coisas. Trabalhando com um mínimo de cores, ele apresenta um jogo extremamente sábio de tons menores, para alcançar, com esses elementos sóbrios, uma força admirável e não raro impressionante, tal a sua genial maestria técnica.

Vivendo em nosso país há vinte e cinco anos, sem contar

sua estadia anterior entre nós, quando realizou, em 1913, uma exposição que assinala a primeira manifestação de arte moderna registrada no Brasil, Segall é hoje um artista brasileiro. Aqui criou a parte mais considerável de sua obra. Pelo seu profundo e generoso sentido humano, pela sua técnica e cunho pessoal, essa obra — atualmente uma das mais valiosas da pintura contemporânea — forma um todo em que tudo se funde com perfeito equilíbrio, mantendo-se, assim, dentro do mais elevado padrão artístico. Em consequência, a nota humana, o calor de vida, que palpita em cada um de seus trabalhos, reflete

com tão intensa dramaticidade o espírito de nossa época, resalta incoercivelmente das formas e das cores, como a própria expressão de sua constituição mais íntima. Segall é também um gravador e escultor de primeira linha, realizando-se, em qualquer das modalidades por que se manifesta sua arte polifônica, com aquela mesma impetuosidade e segurança com que se revela tão poderosamente em sua pintura.

Trata-se, realmente, de um grande artista que não hesita perante o trágico e é capaz de atacar, com justa ambição, o sublime.



LASAR SEGALL — "Program"

AGÊNCIA DE AUTOMÓVEIS "STANDARD"
de EDSON VASCONCELOS



NOVO MODELO STANDARD DE 14 H.P.

Material de qualidade excepcional, com acabamento de luxo
É O MELHOR CARRO DE SUA CLASSE!

RUA DA MOEDA, 149 — 1. — RECIFE



-ESTOU AO ALCANCE DE
QUALQUER MÃO, MAS...

...nem todos podem aquilatar fielmente a espécie de "ginástica" que preciso fazer para sustentar minha característica de criado elétrico, tal a multiplicidade de fatores que, de uma maneira ou de outra, redundam em contratempos de toda sorte.

Se juntarmos a tudo isto, a circunstância de todas as despesas de operação de minha Companhia continuarem dobrando "pé com cabeça", verifica-se que estou fazendo uma verdadeira "Africa" para servir a contento — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PINHEIRO MACHADO, o ESQUECIDO

Costa Porto

A estranheza decorre em grande parte do conceito generalizado que envolve a figura de Pinheiro: a lenda de sua incultura. Para toda gente, o gaúcho era pouco mais de um analfabeto, fazendo tilitar as esporas de domador de potros bravos, impondo-se pela violência, pela coragem, pela habilidade em dominar as situações políticas.

Havia certamente, motivos que robusteciam a crença vulgarizada.

Em primeiro lugar, fato banal, mas de profunda significação psicológica, e que não escapou a argutos observadores: o ter o gaúcho ligado ao nome de General do Exército.

Título conquistado pela bravura com que se houve nos campos de batalha na luta federativa, ele lhe caberia à maravilha, se Pinheiro fosse, efetivamente, um homem de farda. Mas era, só e só, político. E como político, todos lhe esqueciam o curso de direito, a identificação com os problemas gerais, para enxergar, apenas, os bordados de militar, isto é, um homem que não tinha obrigações de estar em dia com as questões do mundo civil, vencendo, apenas, porque era ousado, corajoso e decidido.

E enquanto os militares não podiam levar a sério os "conhecimentos estratégicos" do "intruso", também os políticos tinham o direito de zombar do forasteiro, que se lhes infiltrava nos quadros e que não trazia, para a luta, aquele mínimo de qualidades exigidas dos que se ariscam no jogo da vida política partidária.

E Pinheiro ajudava esta impressão, preferindo o dinamismo da ação subterrânea e, falando em confessar seu horror às pugnas parlamentares.

Sistematicamente fugia dos debates orais e quando os adversários o arrastavam à ribalta, tinha a preocupação de confessar o nenhum entusiasmo com que entrava na luta:

"Tenho grande esquivança de ocupar esta tribuna, acentuando, certa vez, no Senado. Sempre que dela me aproximo é com muito constrangimento".

E insistindo na mesma tecla, explicava este constrangimento, como decorrência da "cegueira" de sua inferioridade.

Provavelmente, amedrontavam-no aquelas "sagrinas de grego", que lhe, uma vez, apontara, apartando Glicério...

E possível encontrar motivos para esta esquivança: Pinheiro nascera com a vocação para ser, sempre, o primeiro e, nos torneios da inteligência, havia quem lhe levasse vantagem com muita facilidade.

Das mais brilhantes era a equipe que, então, tomavam parte na agitação política do período em que mais avultou sua projeção: entre os amigos e correligionários se alinhavam nomes como Azeredo, Seabra, Lauro Müller, Alcindo, Quintino, Nilo, Haslocher, Rosa e Silva, Urbano Santos, toda uma geração de grandes figuras do cenário nacional, entre os quais ele destacava, com galhardia, o penacho de chefe e no meio dos adversários se registava o nalpe de espadachina, que iam desde "jenesse doré", com Pedro Moacir, Carlos Peixoto, João Mangabeira, Cincinato Braga, até os condestáveis como Alfredo Ellis, Albuquerque Lima, José Marcelino, Barbosa Lima, Irineu Machado, para culminar com Rui Barbosa, que bastaria para provocar a comparação humilhante, forçando o cotão entre o chefe de idéias, o "homem que falava bonito" e o "capataz do xarquemo", a que o ódio partidário queria reduzir Pinheiro Machado.

O gaúcho mesmo apressaria em ressaltá-lo, chegando a afirmar em resposta ao antagonista no Senado:

"Quando as circunstâncias me deparam o amargo ensôjo de enfrentar S. Excia., de antemão eu sei que marcho para a derrota".

Dá, porém, a estabelecer-se a tese de incultura de Pinheiro, de imaginá-lo um Pancho V. Vila de fraque e cartola, um aventureiro audaz, que só triunfou graças à chance e à estréla, vai um abismo.

Não sendo "intelectual", nem homem de estudos especializados, longe estava de ser um ignorante: tinha inteligência além do vulgar, agilidade mental pouco comum, e nos debates em que se envolvia com Rui ou Alfredo Ellis, com Glicério ou Bulhões, discutindo problemas jurídicos e financeiros, deu provas de conhecimentos apreciáveis, evidenciando que, se quisesse, poderia brilhar também nas lutas da inteligência.

Há, de Bulhões, depoimento expressivo a esse respeito.

O mestre goiano formava entre as autoridades em assuntos de economia e finanças, constituindo certo escândalo em meio ao grupo de "técnicos": porque Bulhões gostava ser claro e para muitos "técnicos" o mistério da autoridade consiste em rodear a matéria de que são donos, de uma rede de arame farpado, de modo que se afaste a aproximação dos catecúmenos...

Quando, um dia, Pinheiro enfrenta Bulhões a propósito de um projeto em estudos na Comissão de Finanças, e ao afirmar que o parecer da Comissão teria defensores "mais autorizados", o Senador de Goiás, antigo Ministro da Fazenda, aparteia:

"Mais autorizado do que V. Excia., não". (Ses. de 11-8-914).

Podia, é certo, ser simples gentileza do antagonista: mas não é de crer que Bulhões malbaratasse seu julgamento, proclamando conhecimentos em quem não entendesse do assunto.

E o conceito de Bulhões tinha confirmação nas palavras de Vitorino Monteiro, embora amigo extremado de Pinheiro, embora pronunciadas após sua morte, quando todo mundo passa a "herói":

"Era um homem de invejável cultura, no-

tável talento, de um critério inexcêdível".

Embora também suspeito, vale registrar o depoimento de Rivadávia, em discurso no Senado, no primeiro aniversário da morte de Pinheiro:

"Era um homem que tinha a visão das coisas e dos acontecimentos, com uma cultura e um senso que lhe permitiam entrar com vantagem em todas as discussões em que se tratasse de assuntos políticos ou de administração".

Não era "intelectual", homem de idéias, estudista à europea, podendo entremear preocupações de ordem político-partidária com enfiados sobre literatura, artes ou idéias gerais.

Não seria capaz, como Rui, de interromper, uma campanha política para saudar Anatole em francês requintado, à altura do mestre de estilo, de ceticismo e de beleza literária, e longe estava de impor-se como expoente de especialidade, como seriam Bulhões, Calógeras, Rio Branco ou Epitácio.

A verdade, porém, é que possuía aquele alicerce de conhecimentos comuns na generalidade dos políticos do seu tempo, exceção de Rui que a todos sobrelevava, como qualquer coisa excepcional na história política do país.

E muito próximos da verdade andaram aqueles que acentuaram este fato aparentemente paradoxal: em país culto, que soubesse escolher os dirigentes, pesando, em balança de precisão, as virtudes que deviam exornar o homem público, Pinheiro Machado, disciplinado nas qualidades injenitais, de bravura, lealdade, coragem, patriotismo e ardor combalivo, teria todas as chances de ser um "estadista".

No Brasil, sem rumos e sem princípios, onde o problema político é função das agitações e tendências ocasionais, onde o êxito é o fator que decide da verdade e da Justiça dos movimentos, ele não poderia ser, senão, o que foi: um "domador de vontades indecisas", caldeando-as e orientando-as para a consecução do que lhe parecia o bem estar nacional, confundindo, não raro, com a sua vocação de mando.

Para resumir, Pinheiro não estaria deslocado no quadro de "bachareis coringas" que enchem toda a nossa história política em que poucos chegaram aos pés de Rui, com a cultura polimorfa e inteligência rara, que o singularizam na galeria de nossos homens públicos.

E o que lhe faltava em cultura, ele o supria, vantajosamente, pela blindagem da rjeza de aço, da individualidade de "linhas normais interiores", da intuição realista das coisas e dos homens, através de senso psicológico raramente atingido.

"Talento não é juízo", fôra a advertência do sensoato baiano a Rui Barbosa e quem iria beneficiar-se da lição seria Pinheiro.

Juízo para ele significava, antes de tudo,

vér as coisas como são, sem as deformações dos interesses, das paixões, das idéias preconcebidas. Podia dizer, como o fez no Senado: "nesta questão, procuro guiar-me pelo bom senso. E o estado mais seguro para irmos ao encontro da verdade".

E era realmente esta sua grande arma: o bom senso, que emerge no escuro e vê onde falam os sentidos.

Porque o bom senso lhe era o guia no modo de agir, compreende-se a serenidade com que encarava os acontecimentos, nunca perdendo a calma, mesmo diante das circunstâncias adversas.

Este poder de cozinhar os fatos em banho tempo e dessem-lhe prazo para dividir os admaria, não precipitando, jamais, as soluções, fôra um dos fatores principais do êxito nas lutas em que se empenhou. Seu grande aliado era o verazismo, através de fórmulas despalatárias, e dificilmente perderia a paráda.

"A política muda de vinte e quatro em vinte quatro horas", sentenciava talvez o mais saaz dos políticos pernambucanos, José Bezerra, que foi Ministro e governador do Estado. Se é verdade que, na frase singela, há um mundo de realidade e bom senso, não há porque o político perder a serenidade diante de fatores desagradáveis, tão certo é que o dia seguinte pode modificar à situação, independente dos esforços e das vigílias dos homens.

Sem o sentir, Pinheiro copiava a lição do Evangelho, que recomenda certa despreocupação ante os acontecimentos, sem pensar no amanhã porque "basta a cada dia sua malícia". Por isso é que ele tanto se comprazia em arrancar asidas para ganhar tempo, o que motivaria o remoque iritado de Rui:

"V. Excia. tem sempre um "anteriormente" e um "posteriormente".

Nada mais prejudicial ao político do que a paixão e Pinheiro bem o compreendia quando sentenciava em síntese expressiva:

"Nos momentos de agitação, a calma desaparece do espírito o mais refletido, o sentimento de responsabilidade se adoece, diminuem e homens que, em situação normal, repugnam a prática de um ato condenável são obrigados a contrariar-se".

Seu individualismo exacerbado inclina-lo-ia para a singularidade de posição anônima: silencioso sua obra política em fatos e nos homens Pinheiro não acreditava nos homens.

Emergindo das vastidões dos pampas, onde o ilimitado dos horizontes dá ao "verme hu-

mano" o esquecimento da própria pequenez, seu orgulho pessoal como que o isolava do mundo, e dele seria aquela expansão que trazia a misantropia, envolta nos veus do convencionalismo político:

"A convivência humana... só para dominar; do contrário, mil vezes a solidão".

Não crendo nos homens, começava por descreer dos próprios correligionários. Aludindo uma vez, conta-lo-ia mais tarde Umberto de Campos, a idéia fixa de tombar em pleno campo de luta, no Senado, em meio ao rugir frenético da multidão, obtemperou-lhe um súbito:

"General, se o sr. for vítima de um atentado, haverá revolução".

Ao que Pinheiro sublinhou, entre irônico e objetivo:

"Sim, se o golpe falhar...".

Não crendo nos homens, Pinheiro entretanto, abria exceção e parecia acreditar... nos adversários. Insistia, sem dúvida, em irritá-los, em desafiar-lhes o ódio como quando dizia: "Eu não quero, Eu uma velha balda".

Mas é possível que, bom psicólogo, julgasse não se deveriam aprofundar as barricadas divisórias, pois os veios que separam os homens são e devem ser, no geral, muito raras.

Sustentando que "um político nunca deve recusar acordo", Pinheiro olhava para o futuro, evitando acirrar ódios que, mais tarde, servissem de obstáculo a aproximações necessárias.

Dai aquele julgamento insuspeito de Carlos Peixoto, o chefe do "jardim da infância que tanto atenuou o gaúcho, e que reconhecia em Pinheiro "a virtude de fazer justiça ao adversário", chegando ainda a esta conclusão estranha:

"As simpatias do sr. Pinheiro Machado estão em razão direta com a pugnacidade dos que conseguem hostilizá-lo", o que levava algum irreverente a inferir que "a amizade do sr. Pinheiro Machado só se consegue através da inimizade política".

E que, para Carlos Peixoto, Pinheiro era "grande avaliador de energias morais".

Esta sua qualidade mestra explica, em grande parte, a influência que exerceu no país, trazendo presos à sua vontade uma legião de adeptos, que deixavam de ser simples correligionários, para se transformarem em crentes e fanáticos. E Pinheiro dirigia-os com tacto e finura, através de certo "paternalismo", que transformava a disciplina em prazer e a obediência em fardo leve.

Ao lado disto, profundo senso pragmático, de absoluto objetivismo, que o fazia realista de primeiro quilate.

Se Pinheiro não leu Maquiavel, houve nele a coincidência da visão do florentino, que o leva a repetir, em nossa terra, muito da maneira de Talleyrand dos Pampas, dados os descontos naturais da mudança de cenário e personagens.

Quando sustentava: "não há homem político que, diariamente, não tenha de fazer concessões em relação a pontos de vistas pessoais. Eu mesmo, neste terreno, sou, talvez, o que mais concessões tem feito". Traduzia, em linguagem nova, o que mais vivo regema das páginas sempre atuais de "O Príncipe".

E aceitando acordos, ele nunca foi o político emperrado que, à semelhança de Rui, sacrificava tudo pelos princípios.

Dai as contradições de seu modo de agir, sempre adaptado às diversas circunstâncias, sempre com um "anteriormente" e um "posteriormente", da censura de Rui.

Apegado aos princípios, o baiano não cedia a nenhuma reflexão prática.

Recusando o Ministério que lhe oferecia Ouro Preto, porque no programa do chefe do gabinete não figurava o "federação", fecha os ouvidos às ponderações do ajuado chefe monarquista:

"O sr. executa no meu governo a descentralização e ficará para realizar depois a federação".

Pinheiro, porém, é que não hesitaria um instante: a federação era o fim e o Ministério o meio e o gaúcho jamais se perderia em problemas de processos e fórmulas.

Intransigente, Rui seria sempre derrotado. Recusando o Ministério por causa da federação, Recusando a presidência que Pinheiro lhe oferecia, para suceder a Hermes, porque não queria abrir mão do "revisicionismo".

Objetivo, Pinheiro pulava os obstáculos acidentais, fiel aos princípios fundamentais, pouco se lhe dava dos métodos, com apoio na formação mesma de seu temperamento de homem prático, rigorosamente em dia com a realidade e tendo, em dose perfeita, a exata compreensão dos homens e das coisas.

E isto, aliás, o que dificulta o estudo de sua psicologia: a ajustar-lhe a fidelidade a princípios com os métodos usuais de sua atuação toda ela desenvolvida através de zigzagues atordoados, dentro de férreo pragmatismo que parece a negação das normas que apregoa cingir-se.

Talvez fosse possível compreendê-lo e explicá-lo, admitindo uma distinção em que é mister separar a substância do seu pensamento e o modo de pô-lo em prática. Certa concepção doutrinária substancial, ao lado de fórmulas processuais para dar-lhes aplicação na prática. (Trecho de um livro sobre Pinheiro Machado, a sair).

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDOMIL"

TELEPHONE, 9401 — CAIXA POSTAL, 649

AVENIDA RIO BRANCO, 23 - Recife - Pernambuco

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

C/C. de Movimento (retiradas livres)	4% a. a.
C/C. Populares (limite de Cr\$ 30.000,00, com cheques)	6% a. a.
C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 30, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta)	6% a. a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

De 6 meses	6½% a. a.
De 12 meses	7% a. a.

TRES MOTIVOS POETICOS

Virginius Gama e Melo

É a fidelidade representativa da pureza fecunda da infância, infância como virgindade de formas, sons e cores, talvez, e objetivo essencial da moderna poesia. Tudo que o raciocínio ainda não iluminou em prejuízo da plasticidade receptiva do organismo subjetivo; uma recuperação do tempo perdido, efêmero; uma dissecação violenta e, muitas vezes, dramática, dos sentimentos, para afinação pura, espontânea e irrecorrível, da origem, do que primeiro foi. Nesta origem tem o milagre moderno — o canto simples, confuso, das primeiras vistas, das primeiras emoções.

Aquela mesma fidelidade, sinceridade, que faz Salvador Dalí, o pintor, imaginar veleiros com pernas imensas caminhando sobre o leito das mares, ou Archibald Mac Lish, o poeta, dizer no seu poema cíclico "1882-19..." que

"Haverá pouca coisa a esquecer
O vôo dos corvos
Uma rua molhada
O modo do vento soprar
O nascer da lua, o pôr do sol"

Todas coisas absolutamente ingênuas, comuns, vulgares. Além de tudo, diárias, mas ninguém nunca pôde deixar de sentir a sua beleza, e, se raro, elas são cantadas, é que a contemplação diária fá-las obscurecer, esta contemplação rápida, íntima e profunda, cede, esmagada pelo raciocínio, pela manipulação mental. Dai muitos considerarem esta uma poesia frágil, aquêles mais servidos pela civilização burguesa, utilitária e racionalista, do pensamento à base de tudo. Aquêles que não aprenderam com Juan de La Cruz, a mortificar, extinguir a memória para ficarem um degrau abaixo da comunhão com Deus.

Surgem então as críticas a certas, o horror à "psira do caminho", à "paróia do Lucas", à tónica inconsultil", e outras coisas mais ou menos expletivas, herméticas para a clareza meridiana a que estão acostumados, ou a que se julgam acostumados. Sim, a que se julgam acostumados, pois a verdade é que ainda mais estrambóticas, incompreensíveis, sem explicação, a não ser o jogo mecânico, frio, do pensamento, são muitas das imagens dos poetas prestigiados pela poeira dos tempos.

O que realmente separa as duas poesias, independente das variantes e complexidades das coisas menores, é que numa o exagere existe em parte duma beleza formal, surpreendida por um método analógico, e na outra, como uma fórmula técnica, apenas de efeito pictórico, sem relação ou coerência com a idéia central, embora com uma ligação infra-real, quasi psicanalítica. Pois toda ela se processa nos subterrâneos da personalidade, nestas regiões misteriosas e eternamente puras, onde se cristalizaram e permaneceram como marcos irremovíveis sentimentos indefinidos, indenuciáveis, que parecem ter surpreendido, dum modo total, em beleza, a essência das coisas. Esta essência que, nos outros, quer por desenvolvimento mental ou cultura, chega colorida por idéias adquiridas, sem o autocriticismo das primeiras impressões.

A poesia moderna é esta busca em si mesmo, esta exploração escafandristica para o princípio.

"Ah! pudesse eu jamais, me levar
[vantando

espisar a janela sem paisagem
o céu sem tempo e o tempo sem
Imemória"

Deseja o poeta Virginius de Moraes, num surto magnífico de despojamento interior, verdadeiro símbolo deste sentido organico-panteístico da moderna poesia. A busca em si mesmo leva à identificação com a natureza. Um encontro de energias conduzindo à plena interpretação da personalidade. Duma personalidade que mais se exprime pela visão trágica e total do mundo, pelo que Carlos Drummond de Andrade chamou "Sentimento do Mundo".

Assim a poesia moderna transita entre dois elementos, princípios básicos que informam-na e determinam-na: a fidelidade às primeiras sensações infra-reais (melhor representadas pela busca da sensibilidade amorfa da infância) e a visão total, o "Sentimento do Mundo", essa contingência da vida moderna que transforma os homens, especialmente os poetas em razão da plasticidade emocional maior, em placas sensíveis, onde se refletem todos os momentos universais. Aquele, talvez, a maior diferença entre o poeta de hoje e o de ontem. O de ontem, diante do mundo, conhecia apenas os movimentos depois de realizados, a trajetória percorrida de princípio a fim; o de hoje aprende toda a agonia e beleza do momento, o instante que passa, aquêle ponto morto do movimento como queria Zeno de Eleia.

O poeta atual, solicitado por inúmeros meios de internacionalização, como o rádio e o cinema, é devotido do grupalismo localista para a coletivização subjetiva, para a unidade da vida, como diria Aldous Huxley, em "Sem olhos em Gaza"; "Temos constantemente a compreensão de que somos únicos e separados, só às vezes, e então só intelectualmente o mais das vezes, só por efeito de um processo do pensamento discursivo, é que percebemos que o nosso espírito é uno com outros espíritos e compreendemos nossa unidade com outras vidas e com tudo que existe. Era dessa mesma unidade que derivava o misticismo jesuítico o seu conceito subjetivo da pena de morte. Não haveria senso algum em o matador sobreviver à vítima, de vez que os destinos de ambos estavam indissoluvelmente ligados, pois, eles haviam participado de um mistério que os unia definitivamente.

Essa penetração vital, física e espiritual, que os antigos levaram até à justificação da pena de morte, encontra-se, hoje, elevada a um grave ponto de tensão emocional, dada a rapidez dos meios de comunicação, o rádio, por exemplo, que leva quase à participação instantânea além de outros que colaboram para a aproximação contínua dos nomes. Foi dentro desse espírito contingente que Edson Regis escreveu o belo "Atoll de Bikini" e que Carlos Drummond de Andrade confessou em "Mãos dadas":

"O tempo é a minha matéria, o
[tempo presente,
os homens presentes, a vida presente"

Exemplo superior, como ilustra

trativo de repercussão emocional por destinação coletiva, oferecendo Odorico Tavares:

"Nasces e tens a aurora em tua
[face
As outras nasces, e sob o solo
[escuro
Para que a aurora um dia seja
[um bem de todos
O teu primeiro e infinito sorriso
[é recebido
na grandeza dos abrigos da terra
Sonia do Recife,
Soniutcha de Stalingrado"

É um poema de uma criança que nasce em Setembro de 1912, a filha de Gilberto Freyre. Antes, no poema "Guerra", o poeta falara de si e surpreendera um momento:

"O' unidade da dor que desejava
[ria fosse minha,
a mim ligada como a raiz à terra,
[ra, como Mário à Ismael"

Embora algumas vezes fuja da integração absoluta ao confessar, como em "O Outro Lado":

"Entre os homens e o mundo
a minha face sorrindo!"

Mas sabe que a fuga é impossível e repele-se, repele até a própria poesia, no grito angustiado de rebeldia impossível — o poema "o Canto Anônimo", como as cousas da multidão, como as cousas da multidão se desfaz, e por sobre o imenso vazio alguma coisa há de restar. O poeta responde que coisa será esta.

"As colunas partidas e as mascaradas de mármore se lançarão
[na água
A poesia há de ficar. Há de ficar.
[car".

Não há propriamente uma angústia no sentimento do mundo de Odorico Tavares, uma preocupação ou desespero. Neste sentido, pelo contrário, ele é ante um poeta vibrante de esperança, fé e amor.

"Quando os céus serão limpos,
[a terra então lavrada
Quando o amor' volverá eterno
quando os caminhos povoados?"
E não é somente neste poema "Guerra" que Odorico Tavares surge como homem que percebe o futuro, cheio de vitalidade e certeza toalmente afugentada da dúvida. E também em "A Sombra do Mundo", aquêle poema que diz ser a jornada longa e certa:

"Caminhou com a certeza de
[que havia
de chegar,
Caminhou sabendo que atravessaria montanhas e terras estranhas atravessaria".

Há apenas um momento em que este sentimento agnóstico abandona o tom grandiloquente, clamante. E quando o poeta se detém nos motivos mais íntimos, refugiados no subconsciente, que não chegam a ser totalmente autênticos porque irremediavelmente ligados à memória. É o período da poesia retrospectiva, em que ela por vezes, atinge com a expressão poética a uma beleza definitiva. Que é ainda mais auxiliada pela visão global da infância, em razão mesmo do seu retrospectivismo.

Toda recordação, infelizen

te, é um ato de raciocínio, pela dela se conhecem princípios e fim, deduzem-se razões, criam-se princípios. E por isto que o ato de recordar implica num julgamento, embora batejado pela tolerância. Tolerância diante dos homens, das cousas, dos destinos. Tão grande que estes elementos são focados pelo espírito, suavemente, como um rio correndo, de que se sabem todos os desvios, ausentes a surpresa e o mistério.

A impossibilidade da paixão, na ação retrospectiva é, provavelmente, a substância do seu superior poder emocional, quando representada em poesia. Isto porque a recordação surge desbastada, modelada, simplificada, reduzida aos elementos essenciais. Apresenta-se com um ex-



Carlos Drummond de Andrade

ráter sintético de essência pura, portanto, com mais possibilidades de atingir à forma pura, quasi no princípio divino. E o seu poder sugestivo será enorme, por despertar em cada indivíduo a função supletiva para este período que todos viveram. Acreditava tanto nele Rainer Maria Rilke que disse um dia: "Mesmo se você estivesse encerrado numa prisão, cujos muros abafassem todos os ruídos do mundo, não lhe ficaria para sempre sua infância, esta preciosa e real riqueza, este tesouro de lembrança?" E o amorfalismo das representações infantis não será, talvez, a apreensão real, verdadeira, da forma pura; que os anos vão repelindo e esmagando até que se torna uma miragem?

Em Odorico Tavares, a infância, antes de ser um motivo, é uma razão suficiente da poesia. Fora da infância há somente dois motivos: a amada e o mundo. Mas, sente-se que ele participa do pensamento de Rainer Maria Rilke quando imagina a infância como uma eterna companheira, compassiva e suficiente, mais poderosa que os outros, porque, finalizada, definida. Em "Volta a Casa Paterna", um dos seus melhores poemas, onde o sentimento suave e imenso se transfunde numa saudade indistinta, embora verdadeira. O poema diz que tudo será diferente: os sapatos, as roupas, os livros, os amigos... Mas, limpem o espelho:

"porque, apesar de todos os
[diarfarca,
a imagem da criança, que se foi
[há muito tempo e
hoje voltou
se refletirá nítida e forte,
com a pureza e o encanto dos
[seus primeiros sorrisos".

E em "Bonde de Burro da Minha Terra", poema de que o título já é um belo verso, ou então "Lembrança da Noite de São João da Minha Terra", onde retinem risadas adolescentes, confundidas nos estalos da madeira das fogueiras, todo um capitulo humaníssimo de sociologia regional. Poema que poderia servir muito bem para legenda dum quadro de Cícero Dias, o pintor que é aconselhado:

"Repousemos nossas cabeças
[fatigadas
e vejamos se nos panos de croché que enfeitam
velhos sofás
poderemos encontrar a grande
[música ouvida na
infância".

A infância é um dos grandes motivos da poesia de Odorico Tavares, pois é o ponto de referência para a saudade da terço, com os tempos, modificou-se e para ele envelheceu; saudade dos amigos, dos banhos de rio, do pai, da mãe, cuja lembrança, mais tarde, lhe proporcionará este rasgo de beleza:

"Senti um ar envolvente de ternura e carinho como se fosse a mão magra e fina de minha mãe passando em meu rosto de menino, em seu leito de moribunda".

A amada é o seu terceiro motivo aliás comum a quasi totalidade dos poetas. Mas ele trata este motivo com uma fórmula nova, sedutora, por vezes surpreendente, dramática como no belíssimo "Ouverture", em que a chegada da amada, muitas vezes confundida com a própria poesia, assume proporções de verdadeiro cataclismo, assim como um estandão cômico. Esta amada é de uma natureza imensa em si mesmo e imensa diante da natureza. Tudo parece existir em função dela e por ela, uma razão de todas as cousas. Diz em "Falsagem":

"Não há saudade de nada.
Sómente nós. Sómente nós".

Eis o amor totalizante, galvânico, energético, amor de posse. Desligamento do mundo exterior, seccionamento da personalidade, fisicamente absorvente. Esta interpretação poderá parecer até ilusória, tal a violência com que foi enunciada, que presta-se até a intenções outras que não as interessadas do poeta. Mas, quando assim dizemos, é para fazer uma dissociação entre o amor romântico, que encheu toda a poesia anterior, desde a "Odisseia" até o verso célebre de Clement Marot — "Je l'ayme tant que je n'ose l'aymer" — ao amor que se poderia sintetizar no binômio sexo e vida, em que participaríamos as forças puramente fisiológicas, ao lado da atração espontânea, no conceito decadente de Schopenhauer.

Este amor que interessa à poesia moderna não é, em absoluto, o amor só de instinto, com uma finalidade de gozo, que constitui a preocupação parassiana, mas com uma finalidade de complemento, pelo seu impulso de vida caminhando para auto-suficiência, o que até biologicamente é explicável po-

la troca de elementos fertilizantes. Já André Gide, em "Os Moeiros Falsos", considerara o amor com uma auto-sugestão, em que o psíquico não seria despertado pelo desejo, e sim este é que era realizado conscientemente, em particular pelas forças imaginativas. Thomas Mann, em "A Montanha Mágica", ofereceu-nos, com Castorff, representado como um antípoda dos sentimentos amorosos gregos, um bom exemplo, pois levou essa auto-suficiência do amor, esse desejo de completarse, até ao ponto de fazer a personagem amar ternamente Cláudia Chawrot, através do do convívio diário e envolvente ou de uma impressão estonteante de beleza que ela, por acaso, lhe houvesse despertado, mas, apenas por uma radiografia dos pulmões, idéntica a milhões de outras, sem nada de individualidade. Pode-se afirmar que o doente Castorff, gideamente auto-sugestionaria-se, amava, e, auto-suficiente, era feliz. Que diferença do amor romântico, de Clement Marot, por exemplo, amando tanto que não podia amar, para este amor de sexo e de vida, habitual à poesia moderna, e já conhecido por Lengo, em seu poema em prosa "Dafnis e Cloé":

Em artigo de interpretação recentemente publicado no "O Estado de São Paulo", o romancista italiano Alberto Moravia, estudando os russos e os ingleses, de um lado, e do outro os povos latino mediterrâneos, do ponto de vista da concepção amorosa dentro das literaturas, afirmava que "A violência de subjugação, existente no fundo do amor, nos russos e ingleses se afasta da ação direta para uma ação indireta e espiritual. As relações entre os personagens masculinos e femininos que em Boccaccio e Stendhal levam à ligação total, nos russos e nos ingleses se concretizam na derrota ou vitória de uma alma ou de um caráter sobre outro; e a ligação não é sinal a consequência de tal derrota ou vitória".

Esse caráter de amor complemento, realizado como sexo e como complemento de vida individual, assim como uma força que para realizar-se precisa do seu objeto, já encontrado e tão bem definido por Alberto Moravia, parece-nos não ser apenas, hoje, um característico exclusivo dos russos e dos ingleses, e sim uma determinante da época, força social, como diria Lester Ward, representada singularmente na poesia moderna, pela sua fidelidade aos sentimentos reconditos, e pela sua visão profética, marginal do tempo, na teoria de Sérgio Milliet.

AOS NOSSOS LEITORES E ANUNCIANTES

Por motivo de força maior, fomos obrigados a suspender, por 3 meses, a saída de "Nordeste".

Agora recomeçamos com o propósito de mantermos a regularidade anterior, para isso contando sempre com a compreensão e simpatia dos nossos leitores e anunciantes de Pernambuco e dos outros Estados, onde "a melhor revista literária do Brasil", segundo a opinião do romancista José Lins do Régio, vem tendo uma aceitação que muito nos alegra e desvanece.

FALAM os CRÍTICOS

PROVINCIANISMO

"Um provincianismo ou regionalismo, o da Província, com pretensões a criador, como já fora, aliás, o do Centro Regionalista do Nordeste, fundado no Recife em 1924. Decidido a misturar-se ao cotidiano. Enpenhado em dar, dentro de círculo regional ou provincial, solução a problemas atuais os novos das cidades e do interior, como os de arquitetura doméstica, os de cooperativismo agrícola, os de engenharia sanitária e de higiene. Empenhado, também, em valorizar, prestigiar, alongar em criações novas, reclamadas por novas condições de vida e de cultura, as já antigas linhas de beleza mestiça da arquitetura regional, em particular, e da luso-brasileira, em geral. Contrário, porém, a todo tradicionalismo apenas necrófilo. A todo regionalismo apenas político. A todo estadualismo. A todo provincianismo que se queixasse em ódio a outras províncias, em desprezo pelos valores estrangeiros, em horror ao moderno, ao novo, ao atual, confundido sempre pelos catarras com o mau cosmopolitismo.

A todo regionalismo ou provincianismo apenas "literário", apenas de "atitude", apenas sentimental. Onde a insistência no contato com as fontes, com o cotidiano, com o existencial, com as expressões populares de vida. E não apenas com o pitoresco dos dias de festa."

(Gilberto Freyre — Trecho de artigo — "Diário de Notícias" — Rio, 30-6-1948).

POLICIA E LITERATURA

Vamos dizer que existe uma literatura para crianças e jovens prejudicial à formação do seu espírito, do ponto de vista moral ou intelectual. Mas não se parece em coisa alguma, conveniente à implantação de oração de censura, embora disfarçado em órgão orientador. Repugnante qualquer tentativa de controle ou sujeição das atividades intelectuais. O fato de existirem publicações cuja leitura ou manuseio pode deformar o espírito

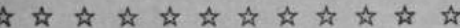
das crianças ou dos jovens não justifica, de nenhum modo, a instituição de um sistema de penetramento em moldes suspeitos. Todos sabemos muito bem em que dão, afinal, tais aparelhos de compressão. Temos frenas na memória a lembrança dos atentados à liberdade de expressão e de pensamento, levados a efeito por órgãos semelhantes — na aparência meramente técnicos ou opinativos, mas na realidade opoativos.

(Valdemar Cavalcanti — Trecho de artigo — "O Jornal" — Rio, 13-6-1948).

BALZAC VIA TUDO...

Isso de se falar na visão pessimista de Balzac, na sua falta de elegância, de finura, nos seus excessos, etc., é, muitas vezes, posse literária, a que devemos dar um valor muito relativo. O material humano com que trabalha Balzac não é especializando não é de exceção; é o homem dum modo geral. E a despeito dos requintes de educação, do convívio social, o homem é sempre o homem decido, sujeito a todas as corruções, a todas as impurezas. Parece que com tal material não seria fácil, sem preciosismo, evitar que todas as suas mazelas até certo ponto contaminassem os seus livros. Como poderia Balzac ser o fixador da vida, se não a plissasse como a vida? O condenável seria a obsessão, a visão unilateral, tão do pósto de certos romancistas dos nossos dias que só vêm o sexo, por exemplo. Mas Balzac via tudo e como tudo dá mais na vista, avulta muito na sua obra. O resultado é que o leitor começa por achá-lo pessimista e dissolvente, mas a familiaridade com a obra do escritor, em bloco, e também a experiência da vida levam-no a dar razão a Balzac. Eis o segredo do seu triunfo que cada dia mais se acentua porque à medida que o tempo recua, melhor perspectiva nos dá para contemplá-lo.

(João Vasconcelos — Trecho de artigo — JORNAL DO COMMERÇO — Recife, 25-1-1948).



FALAM os NOVOS

UMA REVISTA LITERÁRIA NO PARÁ

"Agora mesmo, liderada pelo mais jovem grupo-élite do Norte, em franca "resistência aos blocos literários", acaba de aparecer em Belém a revista Encontro, que reúne as colaborações dos intelectuais paranaenses de maior significação no momento. Tratando-se de um fato expressivo que bem mostra o excesso de gosto pela vitória e desejo de vencer dos novos (desejo e projeção que aumenta com o correr dos anos) registado neste suplemento — que também é anti-grupista — a sua importância especial, de vez que representa não só uma simples conquista literária, mas um acontecimento de cultura."

(Natalício Norberto — Trecho de artigo — "Diário de Pernambuco" — 20-6-1948).

ARTE E CONCIÊNCIA SOCIAL

"O artista trabalha conscientemente, comunicando às suas obras a medida quase física de sua personalidade, mas — obedecendo inconscientemente às fi-

nalidades históricas da humanidade — sua arte não declina de refletir as concepções e os sentimentos mais verdadeiramente homogêneos e substanciais da época em que vive. Elevando, às vezes, ao mais alto grau o convívio de que está criando, unicamente por capacidade própria, com o espírito levemente arrejado por influências exteriores, o artista se esquece que é um instrumento involuntário dos fins sociais cuja ação sobre sua psicologia é demasiadamente opressora e expansiva ao mesmo tempo. Mesmo fazendo uma experiência ousada de regresso, de exploração de possibilidades mal dirigidas no passado, ferendo os recursos naturais de seu gênio, a alcançarem os métodos longínquos de criação, e atingindo mesmo esse propósito, o verdadeiro artista não deixa de ser fiel — embora sem consciência disso — às correntes filosóficas e literárias que dominam a estrutura do pensamento da sua geração. Momento em nosso tempo onde o valor histórico do indivíduo cede e deixou-se absorver quase integralmente pela consciência social."

(Jonas Ferreira Lima — Trecho de artigo — JORNAL DO COMMERÇO — Recife, 30-6-1948).

Revistas

A revista de Dalton Trevisan, no seu número 17, inseri uma resenha das revistas dos novos em circulação que está incompleta. Incompleta porque não menciona "Nordeste" e "Região", ambas de Pernambuco, e com uma saída um tanto ou quanto regular. E ainda mais: foram as primeiras, espécie de pioneiras dessa fase de renovação das letras que nós estamos assistindo e participando com entusiasmo.

Animadas por um sópro provinciano dos mais sadios — daqueles que não estão evadidos de preconceitos regionalistas, as revistas novas estão surgindo no Pará, no Rio Grande do Sul, em Minas, Santa Catarina, Paraná e... em Pernambuco. Desde "Região", do poeta Edson Régis, até esse último "Quizote", dos moços do extremo-sul, o movimento realizado pelas revistas de gente nova é o maior até hoje registrado em nossa história literária. Revistas como "Joaquim", "Quizote" e "Região" demonstram cabalmente que a nova orientação cultural da mocidade está liberta da demagogia fácil e sem trabalho. Daí o esforço de "Nordeste" que está na estacada sem poupar canseiras a fim de que a caminhada prossiga.

Recebemos:

Do Recife — "Região", número de junho, com variada colaboração e ilustração de Hélio Feijó, "Revista de Cultura", n.º

2, com colaboração em prosa e verso.

Do Rio Grande do Sul — "Quizote", n.º 2, direção de Silvío Duncan e Raymundo Faoro, redator chefe — João Francisco Ferreira. Colaboração com ilustrações de Paulo Flores, Victório Gheno, Plínio Bernhardt e Maria Monteiro. Que barbaridade de revista! Mandem o 1.º número.

De Santa Catarina — "Sul", n.º 2 e 3, revista do Circulo de Arte Moderna, direção de Aníbal Nunes Pires e diretor de redação, Gely F. e S. (T) 3.º número dedicado ao poeta Cruz e Sousa numa capa de M. Fernandes.

Do Paraná — "Joaquim", n.º 10, 11, 13 e 17, direção de Dalton Trevisan e paginação de Oriando Simões. Cem por cento boia.

Do Ceará — "Clá", n.º 2, direção de Fran Martins e outros, em plena forma e magnificamente impressa. "Trincheiras", dirigido por Edmilson Barros Oliveira, órgão do P. S. B., n.º de estreia. Diz na sua apresentação: "Trincheira, como órgão de propagandas do Partido Socialista Brasileiro, no Ceará, é abrigo intelectual de defesa da Constituição, da legalidade e da democracia".

Da INGLATERRA: "Britannia-Day", n.º de abril e maio de 48, com artigos, informações e "clichério".

O LIVRO do MÊS

★★ A poesia de Manuel Bandeira ★★



O poeta que no "Belo Belo" quer "rever Pernambuco" e na "pedalatória no autor desta nota escreveu "com as minhas suas dozes de Pernambuco" é, no atual panorama literário brasileiro, um nome que nós provincianos com respeito e amor. Mas amor do que mesmo respeito porque um poeta como Manuel Bandeira nasceu para ser mais amado do que respeitado, tal o tom de íntima emoção que a gente sente nos seus versos. Versos que não se repetiram nos vários livros agora reunidos no volume de "Obras completas", mas que guardam fidelidade ao seu temperamento sem se tornar um monodrama da poesia. Cada um deles marca a fase política, o estado de sensibilidade do mesmo da rua da União. A unidade de sua obra é mais profunda porque se reveste da própria consciência criadora do poeta, ou seja a sua alma de criança verificada pela sua consciência poética. Essa permanência do mundo poético infantil, que se encon-

tra em quase todos os seus poemas, é uma característica muito definida em Bandeira. Já mais se deixou ele contaminar pelas durezas da vida, refletindo de vez em quando o que o "espelho, amigo verdadeiro" não teve artes para descobrir: "O menino que sustenta esse menino que não quer morrer".

e que continuará a ser, através dos anos, o mesmíssimo sr. Manuel Bandeira.

Talvez, por esse estado de graça com a infância, seja o poeta que mais inspira confiança e ternura nos novos. Dae páginas de suas "Obras completas", editadas pela Casa do Estudante do Brasil, desabrocharão dos versos-sementeiros outros tantos poemas que virão assinados por gente nova. Gente nova que nem sempre se aperceberá da fonte pura onde foi beber a essência de sua poesia.

Diante dessa influência bandeirense, que já se generalizou no jovem poeta brasileiro durante esses últimos quinze anos, Manuel Bandeira não ficará somente como o maior poeta do período de 1930/50, mas também como o cantor mais multiplicado que a literatura brasileira já possuiu. Justamente em homenagem à popularidade de sua poesia, hoje declarada nas festas colegiais e nos grêmios de arrabalde, e pela alegria com que foi recebido o seu volume de "Obras completas" entre os leitores confederados, "Nordeste" assinala-o como o melhor livro dos meses de maio e junho de 48.

A. J.



Peregrino Júnior

PEREGRINO JÚNIOR

"O Livro do Mês", de São Paulo, reeditou "Pussanga", livro de contos do escritor nordestino-pernambuco Peregrino Júnior.

A reedição de "Pussanga" pelo "Livro do Mês", organização que vem selecionando as suas edições com um critério de elevado nível intelectual, é mais uma recomendação para a obra de Peregrino Júnior que tantos louvores recebeu da crítica brasileira por ocasião do lançamento da sua 1.ª edição.

Em "Pussanga", contos da região amazônica, Peregrino Júnior, hoje membro da Aca-

FALAM os EDITORES

"Vidas de Grandes Romancistas"

Vinte dos maiores romancistas mundiais tornam a viver nas páginas deste livro. E o leitor, conhecendo a vida íntima e cotidiana desses gigantes da literatura, poderá melhor compreender e apreciar as suas obras-primas.

Ao contar a história de cada um dos romancistas incluídos neste livro, os autores procuram pintar não apenas o homem exterior, tal como é visto através dos fatos de sua vida, mas também o homem interior, tal como se revela através de suas idéias e tendências.

São os seguintes os romancistas famosos cujas vidas vêm narradas neste livro: Boccaccio, Rabelais, Cervantes, Swift, Sterne, Defoe, Scott, Balzac, Hugo, Dickens, Thackeray, Hawthorne, Flaubert, Dumas, Dostoyevsky, Maupassant, Zola, Tolstoi, Mark Twain, Hardy.

(Aba do livro de Henry Thomas e Dana Lee Thomas, ilustrado por Gordon Ross — Editora Globo — Porto Alegre).

"O CONVÍVIO RECUSADO"

A bastardia do jovem David Norris e o esnobismo britânico é o tema inicial de Richard Aldington no romance "O Convívio Recusado", que a Editora Globo acaba de publicar. A carreira do herói desenrola-se pelas linhas sinuosas da pobreza e por uma breve reta de desocupada opulência, na qual florescem o amor ao estilo da Riviera francesa e a inteligência de tipo céptico, irônico e, no fundo, amável.

Paralelamente à história, desenvolve-se em "O Convívio Recusado" uma crônica real e mordaz da sociedade inglesa durante o interregno entre a primeira e a segunda guerra européia. Aldington tem sido acusado de amargo, violento e selvagem — e isto porque, sendo antes de tudo um artista, ousou, ou melhor, foi compelido a pintar a verdade tal como a viu e viveu. Mas nem a guerra, nem a injustiça social, nem uma

nítida consciência da fatibilidade humana conseguiram matar, na sua mensagem, o amor pelo beija.

A caracterização e o caráter como é típico na ficção de Richard Aldington, estão intimamente ligados, mas o pequeno grupo de pessoas de significação vital para o romance e para o tema é analisado com maior profundidade do que nas novelas anteriores.

O próprio David, a personagem central, é um dos mais autênticos e comovedores exemplos da geração jograda, sem padrões e desintegrada, num mundo desequilibrado pela guerra. Mas David é mais do que uma criatura de sua época. Ele é a juventude perene-novecentista, que tem sede de todos os conhecimentos, que deseja tomar a própria medida em todas as experiências, que aspira perder-se e encontrar-se no amor.

(Da aba do romance de Richard Aldington — Editora Globo — Porto Alegre, 1948).

"Os Dois Amores de Grey Manning"

"A psicanálise abriu campo para uma nova categoria de dramas realmente fascinantes, facultando ao romancista boteiro do inconsciente, cheio de sombras, de memórias e fantasmas, mil vezes mais rico e atraente do que o cansado material que serviu para o esplendor e a decadência do chamado "romance psicológico" francês.

"Os Dois Amores de Grey Manning" é um romance que pertence a esta nova espécie de ficção: livro cheio de intensidade e sofrimento, de angústia e paixão, movimentado-se em planos muitas vezes inéditos para a novelística, mas tratado com tal segurança e equilíbrio que jamais perde a justa medida, o poder de sugestão e verossimilhança, a qualidade intrínseca da obra de arte."

(Opinião de Rachel de Queiroz, inserida na aba do livro de Forrest Rossair — Edição José Olympio, 1948).



FALAM os POETAS

VALOR SOCIOLOGICO DE O POETA SIDNEY KEYES

"Repetimos que é difícilmente penetrar no âmago do pensamento de Proust sem uma série de leituras consecutivas e sistemáticas de sua obra, de leituras de tal modo repetidas, que as partes mais sutis ou nebulosas de seus livros acabam por se nos tornar familiares, porque esse vasto romance não é apenas um romance cíclico como tantos outros, e sim uma das indagações mais profundas que já foram feitas sobre o enigma da personalidade em contacto com o meio social, donde também o extraordinário valor sociológico da obra de Proust em relação à sociedade francesa, ou melhor parisiense, do seu tempo, já pósto em relevo por vários e agudos ensaístas."

(Tomás Seixas — Trecho de artigo — "Diário de Pernambuco" — 20-6-1948).

mia Brasileira de Letras, marcou definitivamente a sua carreira de escritor ao descrever cenas regionais que se transformaram em universais graças ao seu poder de expressão simples, direto e humano. E' hoje um livro clássico na literatura da terra verde, livro que não foi e nem será esquecido pelos historiadores da nossa literatura de ficção, em função de uma realidade geográfica.

(Trad. de Paulo Mendes Campos — William Shaut — Trecho de artigo — "O Jornal" — Rio, 13-6-1948).

Seleção de poemas do livro

VERSOS ESCRITOS NA AREIA

Angela Delouche

SE É DO TEU AGRADO...

Aqui está a tua serva humilde:
se é do teu agrado,
que eu permaneça a tua porta
mesmo que esta neblina penetrante e fria
me traspasse,
se é do teu agrado
permanecerei a tua porta.

Aqui está a tua serva humilde:
se é do teu agrado
'que de joelhos vele a tua cabeça,
enquanto com outros repartes as tuas atenções,
se é do teu agrado,
de joelhos permanecerei à tua cabeça.

Mas não esqueças, ó meu amado,
aqui está a tua serva humilde.

POEMA 27

Saimos e nos detivemos
à sombra da jaqueira antiga

Por nós passaram os caçadores,
e aos nossos ouvidos
chegaram o som de suas trombetas.

Por nós passaram as mulheres
que carregam da fonte o seu cântaro de barro.

Por nós passaram bandos de patos selvagens
e os nossos olhos os seguiram
no céu longínquo e azulado.

Silenciosos ficámos face a face,
e nos embriagamos dessa comunicação sem palavras.

N.º 20

Hoje estiveste silencioso
e fui eu quem falou:
ainda quando esgotares todos os meus beijos
e meus lábios
já não forem êstes macios e sedosos lábios
ainda assim permanecerás deante de mim?
Ainda quando já tiveres desmanchado
peça por peça, fio por fio os meus vestidos
e todos escaninhos de minh alma
já tiverem recebido o teu sinete,
ainda assim permanecerás deante de mim?

E tu, sufocando-me as palavras
entre beijos murmuravas: ainda assim,
ainda assim,
ainda assim...

N.º 19

Que o teu murmúrio seja o meu doce enlevo
e que sempre estremeça ao seu contacto.

Que essa tua suave carícia seja inquebrantável cadeia
que me torne para sempre prisioneira do teu amor.

Que a tristeza do teu olhar
e a ansiedade do teu coração
fiquem vivendo para sempre
no meu olhar e no meu coração.

Tratarei, amigo, de separar-me de todas as cotidianas
frivolidades,
para consagrar-me toda a ti.

Por ti, por ti somente, sem receio e sem temor,
estarei vigilante, aguardando o teu chamado,
o teu cantar solitário, ó meu muito amado.



N.º 26

Sim, amado meu, não me mostrarei lá fora
com as côres e as pompas que me vêm através de tuas
[mãos.

Levantarei uma barreira entre mim
e o mundo dos infelizes, dos sem amor, dos sem remédio,
dos que jamais tiveram uma palavra de esperança.

Sufocarei o meu cântico de triunfo
e não permitirei jamais que a minha alegria louca
e a minha desvairada posse de felicidade
perturbem os desgraçados, os infelizes,
os sem remédio, os sem amor,
os que jamais tiveram uma palavra de esperança...

N.º 31

Quero que me ames com simplicidade.
Quero me ames como se ama uma criança.
Sacode a minha trança
beija e acaricia meus cabelos.
Não te ausentes de mim,
vigia os meus folguedos.
Vela pelo meu sono
e procura entre as abelhas
do mais doce mel
e sacia a minha fome.

Quero que me ames com simplicidade.
Quero que me ames como se ama uma criança.
Afugente os teus desejos
e não lances a inquietude à minha volta.
Olha por mim em todos os momentos
que formam o tempo,
e fazem de tua vida a minha vida.

Reflexões Sobre Um Passaro

Francisco Julião

Conheço um pássaro, de canto singular, em que as notas predominantes são as da melancolia e do desespero. Esse passaro teve por ninho o cimo de um contra-forte da serra da Borborema. Daí desce o seu canto. Quem o ouve, cá em baixo, na planície, sente a necessidade incoercível de recolher-se dentro de si mesmo para meditar. É que uma estranha sensação de fadiga e desalento, como um fluido misterioso e sutil, penetra na alma da gente, quando a gente se deixa embalar pela magia daquele canto. Ele não nos conduz aos caminhos iluminados, aos pensamentos claros, às doçuras da vida, mas às veredas escusas e sombrias, aos pensamentos graves e profundos, às amarguras da vida. Raro em raro é que surge uma nota doce, um alegre trinado, um raio de luz, como feitos de propósito para realçar ainda mais a dor que flui daquele canto em torrente contínua. Que passaro é esse que tão mórbida fascinação exerce sobre a gente, quando, noite alta, manda ao céu, ainda que por ele vague o plenilunio como por um caminho recamado de diamantes, o seu canto melancólico e desesperado? Ouçamo-lo.

FOLHA SECA

— Fólha seca, provinda das sementes
E que vejo tornar à terra fria
Vós talvez sois, de todos os descrentes,
O que mais eu contemplo dia a dia!

— Temos sortes iguais. Equivalentes
São os nossos destinos. Na agonia,
Nós olhamos a vida descontentes,
Sob o péso da mesma nostalgia!

— No futuro decerto tombarei.
Mas afirmo que nunca sentirei
Um resquício de glória na minh'alma.

— Cairéi como vós assim eu creio,
co'a descrença de tudo que me veio,
Num silêncio de noite muito calma.

HORA TRISTE

— Hora triste é o crepúsculo da vida
É a descrença que fala num momento,
Dum passado tangido pelo vento,
Numa eterna e suprema despedida...

— Hora triste inda é mais: é esquecimento!
É o silêncio da máguia refletida
Em nosalma que avança combatida,
Entre as sombras do tédio e do tormento.

— Hei de escrever meus derradeiros versos,
Da mulher adorada que quisemos
Ver marchando conosco para a frente!

— É' declínio de nossa mocidade,
Hora triste, afinal, é uma saudade
Que trazemos no peito eternamente!

MEU DESTINO

— Hei de escrever mais derradeiros versos,
Sem pão, sem lar, no-desespero, ingente,
Sem fe, sem luz, que ilumine a mente,
Vendo os meus sonhos um por um dispersos,

— Este é o caminho que me resta em frente.
Meus pensamentos, por demais diversos,
Eu sempre tive no infortúnio imersos,
Eu que sou triste porque sou descrente.

— Até no riso natural das flores,
Eu vejo expresso um turbilhão de dores,
Mágoas remotas de remotas éras.

— E se inda rio, muita vez se canto,
É' tão somente para ocultar meu pranto
E a derrocada de fatais quimeras!

Éis o seu canto de máguia e de tormento.
Ouvindo-o, quem não retarda o passo, quem
não sustem o riso? Ele deixa na gente impercíveis
ressonâncias. Quem o ouve, uma vez, não
mais o esquecerá, assim como o viajante não
se liberta da profunda melancolia que certifi-

ca de uma aldeia deixou na sua alma, quando,
solitário, foi surpreendido, em certo cair de
noite, pela sua piangência. Acaso pode alguém
esquecer a tristeza que emana de todas as coisas
cada vez que uma sombra do crepúsculo recolhe
uma gota da luz que doira o espaço? Assim
é o canto desse pássaro. Ele tem todos os ecos
da desilusão. Se esse canto se transmutasse
em fruto, ele seria amargo; se em perfume, este
seria o das flores que murcharam em um velório;
se numa pintura, esta mostraria sombras
vagas fugindo para o alto, num crepúsculo indefi-
nido; se numa estrada, esta nos conduziria,
fatalmente, ao campo onde florescem cruzeiros. Se
gostais de Leopardi, paraí para escutar o can-
to desse pássaro que dele se tornou irmão. Se,
porém, tendes da vida a ilusão de que é um
sonho, fugi bem para longe antes que a vossa
alma beba dessa linfa. Quem, dela, se nutrir,
voltará sempre a buscá-la, como se busca no
ópio a ilusão da felicidade e do esquecimento.
Gravai bem o nome desse pássaro: J. Correia
Lima. E o desse ninho: Areia. Já subistes
aquela montanha de onde desceu Pedro Amé-
rico para imortalizar na tela o grito do Ipiranga?
Ide e passai diante do que os vossos
olhos poderão contemplar. Enquanto a subir-
des, readquiri a esperança, perdi-a quando se
perde a infância, de que podereis, erguendo as
mãos, desengastar as estrelas do céu. Lá che-
gando, tendes a certeza de que o mundo jaz
aos vossos pés.

Pois não é de estarrecer que aquela mon-
tanha mágica seja o ninho de um poeta som-
brio? Porque não canta ele os claros dias de
sol ou a rutilância das estrelas, que, naquelas
alturas, são mais vivas, quando não há brumas?
Bem vêde que a natureza ambiente nem
sempre consegue penetrar e apoderar-se da alma
de um poeta. Este tem a sua própria natu-
reza, o seu mundo interior, o seu universo.
São contraditórias e complexas as leis que regem
o dinamismo desse universo. Que astrônomo
jamais pôde sondar e descobrir com segurança
o que, ali, se processa? Vagam astros mortos
Choram repuxos. Fólhas outonais embalam-se

ao vento. O riso e a lágrima marcham de mãos
dadas, como a vida e a morte.

O pássaro taciturno e misterioso que existe
em Cereia Lima procura a indecisão da bruma
e o pranto das estrelas, não mais a alegria
do rio de sol ou a doçura das cascatas. Capta
o que a vida oferece de triste e de medonho
e zomba do que ela tem de risonho e bom. Sofre
com o mendigo, o tuberculoso, o ébrio, a
prostituta, o cego, o pária, orgulha-se de tê-la
por irmãos. A noite, a morte, o fim, a dor, o
cemitério, a tristeza, o desespero, com essas
notas edificam os seus castelos de rimas. Não odeia
mas também não ama. É' um descontente, um in-
dubiado. O seu último livro de versos "Confissões
da alma", éle a quem oferece? A desilusão
que, como éle próprio reconhece e confessa, tem
sido a sua companheira inseparável em todos
os instantes de sua vida. Quando éle canta o
bem não é o bem que éle exalta, porém o mal.
Vive a negar a vida e afirmar a morte porque
na vida éle só vê a morte e na morte, o nada.
Sua nota característica é o pessimismo.

Éis um poeta que bem reflete a tragédia da
civilização burguesa. Leva o tempo a demolir
com a sua musa as paredes da casa solareira
e mal assombrada. Seus símbolos são os do de-
sespero. Pronuncia desgraças. Anuncia tormen-
tas. Seu martelo não sabe edificar, mas sabe
por abaixo. É' irreverente diante do mundo bur-
guês em agonia desvairada. Não é um poeta
do passado nem será do futuro. É do presente.
Sabe que sucumbirá com os valores que se es-
traticaram. Sente a angustia de não poder
sobreviver e, por isso, prolonga-se e procura
transfigurar-se nos seus versos. Poeta de um
mundo em confusão e tormenta, quando o parto
se anuncia doloroso e brutal, as suas menagens
só falam em decadência.

Talvez, assim, se explique porque, tendo
nascido e vivido em um ninho beijado pelas mais
puras brisas e a mais doce luz, esse pássaro, ao
envies de buscar com as suas asas a alegria
das amplidões, prefira acollar-se a sombra de
um cipreste e cantar sobre as rimas da exis-
tência...

O IPASE

José Lins do Rêgo

Fez um ano que Alcides Carneiro chegou ao IPASE para ser o seu presidente. O Instituto dos funcionários havia sofrido, com a agitação eleitoral, em seu prestígio. A interinidade Ciro dos Anjos iniciara uma obra de recuperação. Vem Alcides Carneiro e, embora homem político, até à medula, supera as suas paixões partidárias, para ser, exclusivamente, um administrador de primeira ordem.

O Instituto dos servidores públicos passa a ser para os servidores públicos. A função social da autarquia não se desvia um milímetro da sua estrada. O IPASE não servirá para fomentar isto e aquilo. O IPASE servirá para a vida do funcionário, para dar-lhe segurança e conforto. O dinheiro do IPASE não andará em jogo político, suspenso no emprego de negócios, fora da sua função especial. E assim o homem que desconta em fólha os seus cinco por cento saberá que o znr. Alcides Carneiro não desviará um cruzado para outro destino que o da obra de sua previdência e da sua assistência. O magro escriptorário não dirá, com os seus pobres bofes: "O meu dinheiro está ali no arranha-céu do mi-

lionário tal, ou na valorização da pimenta, do alho, da mandioca".

A classe que mais sofre, que é esta triste classe média, que vive de ordenados, sentirá que o seu Instituto cuida da sua vida, como uma espécie de pai-grande, guardando o seu dinheiro para as horas apertadas.

Ai está o Hospital dos Funcionários Públicos. Coube ao sr. Alcides Carneiro dar-lhe realidade concreta. É' hoje o melhor hospital da cidade, organizado e funcionando, como nenhum outro, em capacidade de leitos, em eficiência médica. Ali tem o funcionário uma cama de primeira qualidade para curar-se, médicos, enfermeiros como só teriam os ricos da terra. O presidente Carneiro pretende estender a outros Estados da União hospitais que tenham o do Rio como padrão.

O escriptorário A. F., que ganha mil e seiscientos cruzeiros por mês, procura o hospital na sua classe para uma operação. Gasta em remédios, hospitalizações, médicos, quasi que vinte mil cruzeiros. E como é contribuinte de ordenado reduzido não pagará nada. Os cinco por cento do desconto deram para tu-

do. A viúva X., do Cenrà pode dizer, com a alegria de quem não recebe uma esmola, mas de quem confia nos homens: "Meu marido recebia, como funcionário do Ministério da Agricultura, um ordenado de Cr\$ 800,00. Hoje percebo do IPASE, uma pensão mensal de Cr\$ 863,00".

O presidente Alcides Carneiro pôs a autarquia a funcionar como uma máquina de proteção ao funcionário. Se há um Instituto de assistência e de previdência, terá éle que ser exclusivamente dedicado à sua função. O dinheiro que sai da miséria do funcionário é dinheiro sagrado. Que façam festas com outros dinheiros, mas que defendam o nosso dinheirinho do descontento forçado, com unhas e dentes.

É e o que está fazendo o ser-tanejo Alcides Carneiro, com o escrupulo, a honradez, e eficiência de quem tem sob a sua guarda o patrimônio de orfãos e viúvas.

Tiveam todos os Institutos homens assim e muita história cabeluda não se contaria, por aí agora, como histórias de ar-repiar a frades de ped'a.



Entre as tarefas que cabem ao Departamento de Aplicação de Capital do IPASE, figura a de dotar o serviço administrativo do Instituto, de edifícios próprios onde as suas Agências possam funcionar, nos Estados, com a plenitude exigida, no cumprimento da elevada missão de amparo ao trabalhador público.

Nesse setor, o Departamento de Aplicação de Capital realiza importantes empreendimentos. Em Niterói, foi concluído o edifício da Agência, com 7 andares; em Florianópolis, um de 4 pavimentos já se acha igualmente terminado; em São Paulo, um de 19 andares está com a sua construção na fase final; em Belo Horizonte, prosseguem adelantadas as obras de construção de um edifício de 16 pavimentos e para a Agência do Distrito Federal, agora o edifício da Administração Central, está se erguendo um outro com 12 andares.

Projetam-se vários outros edifícios para diversas capitais brasileiras, dentre as quais as de Pernambuco, Alagoas e Paraíba, respectivamente com 8, 6 e 7 pavimentos, cujas obras terão início e andamento ainda em 1948.

Cumpra-se, desta forma o plano da administração Alcides Carneiro, no IPase. Viss doar de instalações próprias, e, se possível, também destinadas à renda, os serviços que a Autarquia mantém em todos os Estados da Federação, sem prejuizo das operações imobiliárias e construções de vilas que beneficiam diretamente os servidores públicos, proporcionando-lhes a aquisição de casas próprias, como também não sofrerá solução de continuidade o largo plano de assistência social e médico-hospitalar que se vem estendendo por todas as unidades da Federação.

No clichê acima, vê-se uma perspectiva do edifício que será construído na cidade de João Pessoa, para o funcionamento da Agência do IPase na Paraíba.

PROBLEMAS de BASE



(Aula inaugural no Colégio Osvaldo Cruz, em março de 1948)

Atendendo a irrecusável convite vou roubar vossa atenção durante alguns minutos tratando de um problema que está em ordem do dia "o aproveitamento da energia hidráulica da cachoeira de Paulo Afonso", problema que pela sua magna importância deve interessar não já apenas a todos os pernambucanos senão também aos que sinceramente desejam a prosperidade do Nordeste Brasileiro.

Falando neste ambiente julgo oportuno iniciar esta preleção tecendo ligeiras considerações em torno da energia em geral, formas sob as quais se apresenta e sua utilização para o bem estar material da humanidade.

Deixando de lado a técnica pré-histórica caracterizada principalmente pelo fato de haver o troglodita sabido prolongar o esforço da mão pela pedra de sílex e de terem os primitivos caçadores se exercitado na arte de fabricar um arco, o exame dos locais onde floresceram as civilizações do oriente médio, Caldes, Babilônia e Egito fazem razoavelmente supor, ante a esmoldadura dos monumentos ali erguidos que dispuzeram os homens de então dos primeiros recursos mecânicos tais como o plano inclinado, o sarilho e quejandos outros dispositivos simples capazes de proporcionar êxito em obras e serviços de tão larga envergadura.

Diznos a história da ciência que na antiga Grécia, entre outros sobressaiu-se um homem genial, Arquimedes de Siracusa, que entre muitas coisas inventou não só o parafuso hidráulico por meio do qual conseguiu elevar água dum nível a outro mais alto, engenhoso esse considerado a base do propulsor helicoidal moderno, de tão conhecidas aplicações na navegação marítima e aérea, como ainda de um parafuso sem fim que transmitindo movimentos encontrou aplicação na direção dos automóveis.

Está fora do nosso propósito detalhar a evolução dos processos empregados pelo homem para transmitir força de modo a poupar esforço muscular e consequentemente a fadiga ou a orientá-lo mais convenientemente. Este, o objetivo dos aparelhos que chamamos máquinas. E como é sabido, se uma força desloca o seu ponto de aplicação surge um trabalho mecânico e dizemos que está dotado de energia ao corpo ou sistema de corpos capazes de realizar trabalho mecânico.

Embora lançando mão das fontes de energia tais como os animais, o próprio homem, o vento, a água armazenada ou em movimento, na ância bem justificada de aproveitar as forças naturais para o benefício da humanidade, o homem somente veio a distinguir os conceitos de força e energia, precisando este, no início do sé-

O APROVEITAMENTO DA CACHOEIRA DE PAULO AFONSO



NEWTON MAIA

culo passado, quando foi criado a termodinâmica, esta parte da física que, considerando o calor uma modalidade de energia, estabelece suas relações com a energia mecânica.

Gracias aos trabalhos experimentais e teóricos de Rumford, Carnot, Mayer, Joule, Helmholtz, Clausius e Rankine, precipuamente, chegou-se a desenvolver todo um corpo de doutrina que recebeu o nome de "energética". As transformações das várias modalidades de energia foram sendo estudadas à luz das ciências ditas exatas e novas modalidades foram sendo consideradas: a energia química (dos alimentos, dos combustíveis, dos explosivos) a energia elétrica, a energia radiante e mais recentemente a energia intratômica ou nuclear. Estabeleceram os físicos que as diversas formas de energia se transmitem entre si mas conservam-se em quantidade total, nos sistemas isolados, fato de magna importância para a ciência.

Este notável princípio da conservação da energia mantém-se inculme a despeito de todas as modificações por que tem passado as teorias físicas durante os últimos cinquenta anos.

Tão capital se tornou por fim o conceito de energia que hoje definimos a física como a ciência que estuda as diversas manifestações da energia.

E o progresso material dos países civilizados, o conforto que usufruimos no presente é devido em máxima parte ao aproveitamento das fontes energéticas que a natureza nos oferece: matéria em movimento (v. g. o ar atmosférico), diferenças de altitude (energia hidráulica), combustíveis. Posto que também fontes naturais de energia, a ação do vento sobre a superfície dos mares produzindo vagas, a radiação solar direta, as marés com o seu fluxo e refluxo devidos as atrações lunar e solar sobre a hidrosfera lunar e solar sobre a hidrosfera, a descarga elétrica atmosférica (o raio) tem escapado a pertinaz ação do engenho humano no sentido de uma eficiente utilização.

Pondo a margem, por insignificante, a contribuição para a grande indústria mundial, dos motores animados com as grandes inconveniências de grande custo de manutenção e de discontinuidade de ação, do vento utilizado outrora nos moinhos e atualmente nas turbinas eólicas, da hulha azul ou potência das marés e da energia sub-atômica que se encontra ainda em fase de experimentação, podemos afirmar que a prosperidade das nações está dependendo quasi exclusivamente das reservas de combustíveis (primordialmente o carvão de pedra ou hulha e petróleo) e das suas quedas d'água.

No momento atual a estatística revela que no Brasil as fontes da energia que se está consumindo estão distribuídas assim: lenha 83,2%; carvão estrangeiro 3,7%; carvão brasileiro 6%; gasolina 2,1%; óleo Diesel 3,3%; álcool 0,1%; carvão vegetal 0,82%; energia hidráulica 1,28%; outros combustíveis 0,5%.

Vê-se pois que a lenha tem sido o elemento energético mais empregado, e que temos vivido a custa da devastação das nossas matas.

Há quatro séculos que assim procedemos por ignorância e por negligência, contribuindo sensivelmente este nosso comportamento para agravar as condições climáticas do Nordeste brasileiro. E ainda que desejássemos continuar seguindo a mesma imprudente diretriz não o poderíamos mais porque as nossas reservas florestais se acham praticamente esgotadas.

Afortunadamente não nos encontramos mais na fase do porque-me-ufanismo. Já se pode dizer realisticamente, sem receio de pedradas dos fanáticos, que o Brasil é pobre, que o seu carvão é de baixa capacidade calorífica e em tão pequena quantidade que mal pode atender ao consumo regional (Sul) e às necessidades da única usina siderúrgica a coque ali funcionando.

O nosso petróleo está por ser explorado e não temos idéia aproximada do volume das jazidas: podemos dizer que é apenas uma esperança.

Se pretendemos que a nossa indústria incipiente se desenvolva e a nossa agricultura se racionalize e se mecanize de maneira a poder enfrentar a concorrência das nações civilizadas urge que aproveitemos o nosso potencial hidráulico transformando-o inicialmente em energia elétrica.

A eletricidade que, pelos seus efeitos vem despertando a curiosidade e o interesse dos pesquisadores desde 1602 com a construção por Otto de Guericke de uma primitiva máquina eletrostática e cujos progressos essenciais para o bem estar humano se verificaram em ritmo acelerado a partir de cerca do início da última centúria com a descoberta da corrente por Galvani e Volta, do eletromagnetismo por Oersted e Ampère, da eletroquímica por Davy, da termo-eletricidade por Seebeck, da indução por Faraday, da aplicação a telegrafia por Morse e Bréguet, ao acumulador por Planté, ao dinamômetro por Gramme, a radiotelegrafia por Hertz, Branly e Marconi, ao telefone por Bell, à lâmpada elétrica por Edison, constitui a modalidade que melhor se presta a transformação em outras e a transmissão a distância.

Com variadíssimas aplicações domésticas, industriais e agrícolas, como sabem, a energia elétrica pode ser fornecida quer pelas usinas centrais térmicas quer por centrais hidráulicas, conjugando-se por vezes estes dois sistemas quando há vantagens econômicas ou de regularidade de produção.

A energia elétrica nessas usinas resulta da transformação da energia cinética, a qual por sua vez é obtida principalmente:

- a) pela combustão do carvão (energia química criando vapor d'água utilizado pela sua força elástica ou pressão para acionar embolos de máquinas alternativas ou, de preferência, turbinas a vapor. É o caso da Pernambuco Tramways;
- b) pela explosão de misturas

gaseosas produzidas com gás de iluminação, gás pobre, gasolina (motores de explosão) e óleos pesados (motores Diesel).

c) pela energia potencial gravítica da água dos rios ou das geleiras (hulha Branca), utilizadas em turbinas hidráulicas.

As centrais hidro-elétricas convertem em eletricidade dinâmica a energia potencial que possui a massa d'água passando dum certo nível a outro inferior.

De um modo geral utilizam-se as denominadas baixas quedas cujo desnível é inferior a 35m, as médias em que a altura de queda fica compreendida entre 35 e 300m e as altas quedas cujo desnível excede 300m. Esta classificação, um tanto variável com o profissional especializado, interessa aos técnicos pois dependem dessas circunstâncias, os trabalhos a executar e as máquinas hidráulicas a utilizar.

Sómente nos lugares atrás-dados do globo ainda se pode ver em funcionamento a "almanjarra" que utiliza um par de animais para uma ação operatriz, em geral, esmagamento; outros usam as rodas de pás e de alicatrazes que durante tanto tempo foram entre nós usadas para aproveitamento do peso ou da velocidade da água dos riachos, acham-se em vias de desaparecimento.

Hoje uma instalação hidro-elétrica média, ordinariamente compreende em essência:

- a) barragem com órgãos acessórios
- b) tomada d'água
- c) aqueduto ou canal condutor d'água sem pressão
- d) conduto forçado levando água sob pressão
- e) turbinas com seus aparelhos de comando e de conjugação com as máquinas elétricas
- f) geradores ou máquinas produtoras de eletricidade
- g) obras de evacuação d'água utilizada e reconduzida a seu curso natural, a jusante.

Por escapar ao objetivo desta preleção apenas mencionamos que ao engenheiro caberão os delicados estudos de detalhes, quais sejam: o regime do curso d'água com variações periódicas da descarga, a questão da variabilidade da utilização da energia em face do meio consumidor, as obras necessárias à captação da energia, a escolha judiciosa do tipo mais adequado de turbina a dotar (Francis, Pelton, Kaplan).

Além de inúmeras de média e pequena potência possui o Brasil três grandes cachoeiras: Sete Quedas ou Guayra, no rio Paraná, na fronteira com a Argentina, com cerca de 20 milhões de c. v.; Iguaçu no rio de igual nome, com cerca de 3 milhões de c. v.; e Paulo Afonso com cerca de 1 milhão de c. v.

De todo esse potencial hidráulico apenas uma infinita parte está sendo explorada.

Entre tantos estudos feitos por abalizados engenheiros a respeito da inclemência climática de vasta zona do território brasileiro, o nordeste, sujeito frequentemente às dantescas cenões de prolongadas e intensas secas, inúmeros são os que preconizam entre outros remédios para minorar os desastrosos e-

feitos dessas calamidades públicas a recuperação do vale do S. Francisco, "o mais brasileiro dos grandes rios" que banham nosso território, para o efeito de irrigação e suas consequências agrícolas e pastorais a criação de indústrias eletro-químicas como, por exemplo, a extração do nitrogênio do ar atmosférico para fins de adubação e militares.

Ao solhos daqueles que conhecem a verdadeira situação do país em relação às primordiais fontes de energia o deslumbrante espetáculo da cachoeira de Paulo Afonso, passando o primeiro instante do extase diante da magnificência da natureza, suscita um ímpeto de revolta pela negligência com que o poder público olhava indiferente para todo aquele potencial hidráulico.

Essa impressão consignamos no livro adequado quando a visitamos em 1942 em companhia de colegas e discentes do Curso de Química, então funcionando na Escola Superior de Agricultura do Estado.

Enfim coube a um técnico estudioso e de visão larga, o engenheiro agrônomo pernambucano Apolônio Sales, quando Ministro da Agricultura, lançar suas vistas para o problema e fazer dele o problema de salvação do Nordeste.

Gracias a sua patriótica pertinácia podemos dizer que a Companhia Hidroelétrica do S. Francisco passou a ser um imperativo nacional.

Discutem técnicos especializados sobre as conveniências econômicas da transmissão da energia elétrica que vai ser gerada com o aproveitamento de cerca de 200m³ d'água caindo de c. a. 66m de altura na estagem. Projeta-se levar essa energia até as capitais do Rio Grande do Norte e da Bahia, numa extensão total de 1648 km e com os elevados preços dos necessários cabos condutores, postes ou torres, isoladores, transformadores o preço do Kw.h. talvez venha a ser elevado para o atual pequeno mercado consumidor da energia.

Não temos base para entrar na pendência técnica especializada mas encaramos o problema doutro ponto de vista do daque-

les que nele veem individualmente uma fonte de lucro para a Companhia que se está organizando, isto é, como um problema de economia privada. Ao nosso ver o problema é político, para a nação e especialmente para os nordestinos. Enquanto os estados do sul tem progredido aceleradamente graças a fertilidade das terras e a imigração, o nordeste se vai esvaindo indefinidamente.

Na solução de um problema que encaramos como de salvação pública regional não podemos nos preocupar primordialmente com o lucro da empresa maxime quando, dispoñdo dos palácios do Catete e de Guanabara na Capital Federal e do Rio Negro em Pôrto Alegre, o poder executivo julga oportuno adquirir por centenas de cruzados, mais um, o palácio Guinle; quando para receber a visita de um chefe de estado se gasta dezenas de milhões de cruzados.

Trabalhem os nordestinos que amam a sua terra para que a união também despeje um boçado das suas rendas em nosso solo para melhorar nosso padrão de vida, para que se eletrifique também as nossas estradas de ferro, aperfeiçoando-se de modo a eficientemente distribuirem a nossa produção, para a criação do serviços de "omnibus" elétricos para eletrificação da nossa indústria rudimentar e da zona rural, para que a eletricidade possa trazer aos nossos lares aquele conforto material que já desfrutam não só dos países mais adiantados como mesmo algumas cidades do sul do Brasil.

E rendamos nesta ocasião um preito de homenagem ao pernambucano Delmiro Gouveia que por sua rara intuição e extraordinário espírito de iniciativa empreendeu há mais de trinta anos o aproveitamento de pequena parcela energia (c. a. de 1500 kw ou 200 c. v.) para a indústria de fiação instalada na Vila da Pedra, atual Delmiro Gouveia, tornando-se o pioneiro da campanha de redenção que fazemos hoje.

Homens como Delmiro Gouveia são dignos de imitação.

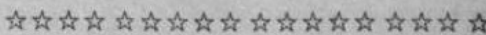
TRIBUNA

Poetas Pernambucanos!

"NORDESTE" vos concita a participar do 1. Salão de Poesia do Recife

NO MÊS DE SETEMBRO

(Exposição de poemas manuscritos e palestras)



"Ha uma crise moral

PERTURBANDO A VIDA CONTEMPORANEA — CABE AO CONGRESSO ASSEGURAR O FUTURO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA.

declara à "Nordeste", o sr. Samuel Duarte, presidente da Câmara de Deputados, numa mensagem cheia de advertência e de compreensão dos problemas em que se debate a Nação.

Reconstitucionalizado o país e efetivado o acôrdo inter-partidário, as esperanças do povo voltam-se para a presente sessão legislativa do Congresso. Dos legisladores espera-se a iniciativa de vários dos mais urgentes diplomas legais, que as contingências nacionais estão exigindo para que o país possa vencer as dificuldades que o assobrem. Essa a grande responsabilidade do Congresso Nacional, em cujas mãos foi confiada a consolidação do regime instituído em 18 de setembro.

O sr. Samuel Duarte, recentemente reconduzido, pelos seus pares à presidência da Câmara dos Deputados, fixa em cores bem ajustadas, para NORDESTE, essas responsabilidades do Poder Legislativo. Encarou de frente os problemas que estão a desafiar a capacidade realizadora dos representantes do povo, traçando rumos que serão seguidos pelo Congresso no curso da atual sessão legislativa.

Homem de inteligência e cultura, com largo tirocinio no trato da coisa pública através do exercício, na Parahyba e no Parlamento Nacional, de várias e destacadas funções públicas nas quais se houve com apuro, sensibilidade e sobretudo muito equilíbrio moral, o sr. Samuel Duarte é uma voz cheia de autoridade. Daí a ressonância de suas palavras que não são apenas de um presidente de um dos Poderes da República com toda a imensa responsabilidade de suas elevadas e graves funções, mas de um representante do povo que tem bem em conta a delicadeza de uma situação político-administrativa que se faz aos problemas instantes de uma nacionalidade mal saída de um longo período discricionário, e sem um lastro cultural suficiente para arcar com o ônus de uma era em que se atrimam culturas e civilizações diferentes, incidindo fortemente na maneira de viver de todos os povos. Por isso mesmo

"Nordeste" foi ouvi-lo. E aqui está o seu pensamento.

COLABORAÇÃO ENTRE O EXECUTIVO E LEGISLATIVO

Apreciando a tarefa de grande envergadura que o Congresso terá de desempenhar, o sr. Samuel Duarte começou pondo em evidência a mensagem presidencial que expõe a urgência de algumas iniciativas da maior relevância. Depois de salientar que todos os parlamentares sentem a importância dessa colaboração, o presidente da Câmara Federal diz: — "Com a paz política tentada pelo Presidente da República, apoiado pelas maiores correntes da opinião nacional, acredito que o Parlamento corresponda as esperanças da Nação. Para isso não bastam só a boa vontade e as disposições que todos manifestam. Os problemas atuais pedem mais ação e menos verbalismo. Em abono da Câmara pode afirmar-se que ela vai evoluindo da dissertação acadêmica para os debates dos temas vivos, ganhando em objetividade e em substância o trabalho do plenário e das comissões. O que é necessário é coordenar melhor o trabalho parlamentar, em termos de prioridade para as proposições de interesse imediato para o país".

Condenando a dispersão de esforços manifestada através das iniciativas de alcance parcial e restrito, sem guardar as relações de harmonia e interdependência com outras de natureza semelhante, o sr. Samuel Duarte adverte que não se deve estranhar que isso aconteça em uma assembleia, de vez que cumpre aos órgãos responsáveis, velar pela sistemática dos trabalhos, assegurando-lhes certa unidade.

PARA DAR AO PAIS LEIS CLARAS E CONCISAS

Referindo-se ao ponto que diz respeito ao aspecto de generalidade a que se deve subordinar a técnica legislativa, o presidente da Câmara afirmou — "Entendo que a Câmara não deve por menorizar e esmiuçar os projetos. Ganhará em tempo e melhor alcançará os objetivos

das normas bem elaboradas, quando não ultrapassar as linhas gerais dos institutos construídos ou das medidas votadas. Com isso, esgotando sua competência constitucional, a Câmara dará ao país leis claras e concisas e se refugiará dos defeitos do casuismo gerador de confusões, deixando livre ao Executivo, a tarefa de regulamentar que lhe é próprio. Não só porque ele é o Poder que administra, que manéja a máquina dos serviços públicos, como também lhe fica melhor dispor dos planos de detalhe e das providências complementares, tanto mais quanto o risco de invasões de competência constitucional é prevenido pelo controle do Judiciário, nos casos em espécie".

PROBLEMAS BÁSICOS

Salientando que se refirira à prioridade de assuntos que devem ser debatidos na Câmara porque quiz aludir aos de maior importância, aos que respondam de preferência à ansiedade pública, entre os quais avulta o problema de Abastecimento, o estatuto do petróleo, a reforma agrária, as leis complementares e a reorganização da previdência social, o sr. Samuel Duarte caracterizou a existência de uma crise de efeitos penosos, dizendo: — "Disfarçá-la seria ingenuo; cumpre enfrentá-la com decisão e ânimo de superá-la. O melhor método em face das complexas condições de vida brasileira, não é o que encara a totalidade dos problemas. Seria insensato com a escassez de nossos recursos, pretender impulsionar, de uma vez, as soluções. Daí a necessidade de um plano viável concebido em sério e dentro de linha de interdependência, já que inevitável seria o fracasso de qualquer orientação que fugisse ao relatório para abarcar empiricamente programas completos nos diversos setores da administração pública. Considero o processo mais completo e seguro, a concentração de parte das disponibilidades de Tesouro na execução do plano concebido e promovê-la sem descontinuidade".



O sr. Samuel Duarte quando, dirigia os trabalhos da grande reunião dos presidentes de todas as comissões da Câmara dos Deputados.

Reportando-se ao trabalho de equipe das duas Casas do Legislativo, o sr. Samuel Duarte assegurou ter o parlamento uma oportunidade de reaver a nossa aptidão para o exercício do governo democrático, ou melhor, de demonstrar a aptidão da democracia brasileira para assegurar ao povo dias de bem estar e tranquilidade.

PARA A CONSTITUIÇÃO SOBREVIVER

Após considerações de ordem geral, o presidente da Câmara afirma: — "A Constituição para viver necessita infundir o seu espírito nas leis complementares ainda não votadas, mostrando que ali surge um ponto de interesse para a vida do regime e da nação. Trata-se de conciliar os princípios da ordem social que a Constituição estabelece com os métodos da organização capitalista. Fundamos uma ordem constitucional que que impõe restrições ao poder econômico, como condição da paz social e de bem estar para a comunhão. Será obra de sabedoria política, atingir sem perigosas perturbações, tais objetivos e será tanto mais completo e penoso esse programa quanto se pensa nas formas primitivas que ainda ostenta o nosso regime rural. Quando se observa o sistema fiscal, complicado numa rede de exigências que entorpece, quando não paralisa, os movimentos da iniciativa privada, ao invés de ser um instrumento de fácil manéja que resguarde o interesse do tesouro sem vexames para o

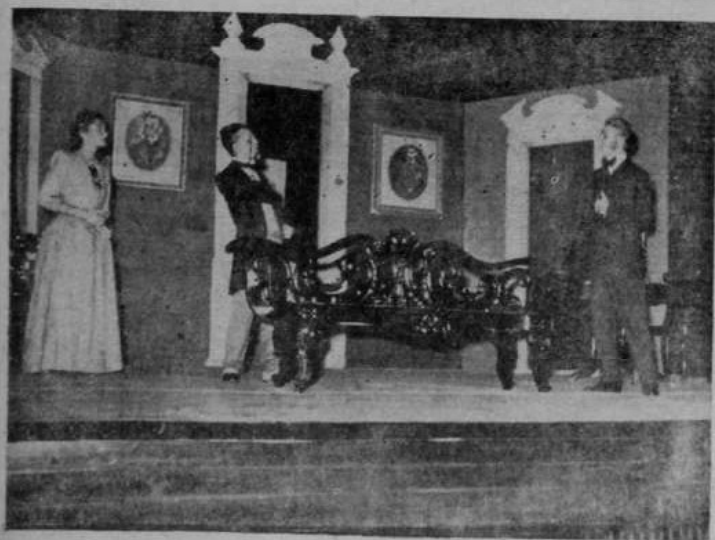
contribuinte. Quando o seguro social ainda é uma experiência a rever, pela transformação da organização atual, que não responde aos objetivos institucionais da previdência. Quando se considera o desamparo do pequeno agricultor e o crescente desenvolvimento das indústrias urbanas, a par do tremendo desequilíbrio da vida, gerado pela queda do poder aquisitivo do salário. Apesar de não se tratar de um fenômeno puramente local, a posição em que se deve colocar o legislador brasileiro, para ser fiel à sua missão, está definida — defender o povo, criando um mínimo de condições que lhe permitam atender às necessidades fundamentais da vida. Do contrário, estariam iludindo a boa fé dos que lhes confiaram a missão de representá-los".

UMA ADVERTENCIA AOS HOMENS DE ESTADO

O sr. Samuel Duarte se mostra confiante nos resultados da presente sessão legislativa, adiantando: — "A nenhum dos parlamentos escapa o sentido das graves interrogações que lhes propõe a consciência pública, como não deixaram de perceber que há uma crise moral perturbando o ritmo da vida contemporânea. Alarma verificar como certas situações se modificam, como os valores do trabalho, da competência, da probidade, da inteligência construtiva sofrem, as vezes um confronto negativo, em presença de interesses subalternos. O gozo da vida fácil leva a essa

filosofia perigosa, fenômeno de civilização em decadência. Teve a sociedade, dotada de reservas de resistência para não se deixar suplantiar pela crise. Reagirá, ou já está reagindo. E o primeiro passo foi dado — o freio enérgico à especulação, a febre inflacionista, fonte de tanto negócio escuso. Mas em meio a essa confusão, ainda há lugar para um pensamento de equilíbrio. Ouçamos Rocker. É um nome insuspeito à direita e à esquerda, pela viril oposição aos regimes de força: "o problema básico da economia atual não está só em promover e desenvolver a produção mediante novos planos de trabalho, de modo que resulte mais lucrativa, senão em procurar que as conquistas de conhecimento técnico e as rendas do trabalho, isto é, o produto do trabalho, sejam igualmente úteis e aproveitáveis a todos os membros da sociedade. O gigantesco Estado atual e o monopólio econômico moderno, converteram-se em terríveis flagelos da humanidade e nos leva com ritmos mais acelerados para um extremo que culminará abertamente na barbárie mais brutal".

São palavras de um sábio — conclue o sr. Samuel Duarte, de um sábio que viu o drama da Europa convulsa. É advertência que não deve escapar aos homens de Estado, sobretudo àqueles, como nós, que estamos recolhendo a trágica partilha de um mundo em desmoronamento".



Cena da 1.ª atq de "A Casa de Rosmer", pelo Teatro do Estudante de Pernambuco

COOPERATIVA

Banco do Nordeste

LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Endereço Telegráfico: "BANORDESTE" — Telefone n.º 6260

RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRESTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM

Presidente

WALDEMAR CARDOSO

Gerente

Cabeça-de-Ferro não tinha medo de ninguém. Nasceu e se criou no Alto do Lenhador e, muito cedo ainda, se fez na vida. Carrapateira já fechou o seu corpo e enaou-lhe as fortes para lutar contra os inimigos. Mas Cabeça-de-Ferro não acreditava muito nas resas de Carrapateira e tem mais confiança na sua cabeça que bate na barriga do adversário deixando o bruto estirado no chão, sem fala. É uma cabeça grande, plantada em um pescoço de touro, um perigo quando acerta, na luta é raramente erra.

Ninguém sabe qual é o seu nome de batismo. Não tem pai, nem mãe, nem irmão que diga o seu nome de cristão. Só sabe que se chama Cabeça-de-Ferro e está satisfeito com o nome que leva, o nome que lhe dá fama e que, o faz respeitado entre os valentes do Alto do Lenhador. Já topou muitas paradas e em todas elas saiu vencedor. É o galo de briga da zona das mulheres da vida. Uma vez chegou um valente do Recife especialmente para desafiá-lo. Vinha saber se ele queria brigar em campo aberto, apostando, valendo todos os golpes, até a caçoira. Cabeça-de-Ferro disse ao homem que não brigava sem motivo, sem ver de que. Não fazia profissão daquilo, só quando era preciso. O valente hospedou-se no hotel de Boacarda-Rê. E todas as noites ia para o Alto do Lenhador, rondando Cabeça-de-Ferro, olhando muito para ele sem dizer uma palavra. Os outros homens da zona começaram a achar aquilo uma coisa muito chata, esse negócio de vir gente de fora brigar com gente da terra. E foram falar com Cabeça-de-Ferro, estranhando a sua atitude, que aquilo era um desafio, que ele devia decidir o negócio. Mas Cabeça-de-Ferro disse que não ia brigar sem motivo, que não havia sido insultado, que não ia ariscar a vida só porque um cristão olhava para ele. Se fosse brigar por causa disso terminava brigando com todo o mundo que tivesse olhos na cara. Os homens deram-lhe as costas e as mulheres começaram a cochichar, até que chegou a noite em que Doninha-me-deixe recusou-se a dormir com ele, dizendo-lhe na cara que não se deitava com gente covarde. Recebeu uma tapa por cima dos olhos que a estendeu no chão, mas levantou-se sorrindo e correu atrás de Cabeça-de-Ferro que ia ligeiro para o Riso da Noite procurar o homem do Recife. E lá foi uma beleza. Nunca se viu tanta gente no Alto do Lenhador, até a polícia olhava satisfeita, contentos os torcedores mais entusiasmados. Foi uma cena bonita. Dois homens lutando, o mulherio gritando e batendo palmas, os outros machos com os olhos relampagueando como em noite de trevoada. Uma luta bonita. Ainda hoje se fala nela no Alto do Lenhador. Cabeça-de-Ferro chegou ao Riso da Noite, o homem estava sentado, numa mezinha bebendo cerveja. Bateu de leve no ombro dele e disse:

— Meu velho, a gente tem mesmo qui decidiu esse negócio.

O outro levantou-se rápido e derrubou uma cadeira num gesto de defesa, mas Cabeça-de-Ferro sorriu:

— AQUI, não, pra não dá prejuízo a Zé Ventinha. Vamo lá pro meio da rua.

Capítulo do romance

« FIM DE VIAGEM »

Hermilo Borba Filho

Vinha juntando gente de todos os cantos, Guaxinim chegou em uma maquina de carburador e amarraram-no num poste de iluminação elétrica, um poste apagado e triste. Fizeram uma roda enorme e no meio os dois homens. Um de cada lado. Como galos de briga. Só olhando. Se experimentando. Procurando a ocasião de atacar. O homem-do-Recife atacou primeiro, mas deu no vento. Olhou surpreso para o adversário, conhecendo naquele momento que o caso era mais sério do que pensava. Cabeça-de-Ferro atacou depois e teve o mesmo resultado. Parecia que as forças eram iguais. E assim passaram uma porção de tempo, sem se pagarem, a pequena multidão gritando "tão homem-do-Recife tem medo um do outro". Mas não estavam, não. O homem-do-Recife avançou e deu um murro em Cabeça-de-Ferro que cambaleou, quasi cai, as pernas tremeram. Mas se aprumou e deu outro murro no homem-do-Recife que tremeu das pernas, quasi caiu cambaleou, mas ficou de pé. Todo o mundo gritava. Do pátio do mercado se ouviu o barulho e os soldados que subiam aderiam ao espetáculo. Cabeça-de-Ferro levou um rabo-de-arraia, deu um pulo medonho pra trás, mas ainda foi alcançado na nuca com que se partia como um tiro seco como o de um revólver. Deu um gemido surdo com a dor e as mulheres exconciaram o rosto com as mãos, enquanto os olhos dos homens relampaguearam com mais violência.

Cabeça-de-Ferro foi para lá e para cá, como um galo tonto correndo na arena e o homem-do-Recife correu atrás dele, certo da vitória. De repente, o outro virou-se, abaixado, a dois palmos de distância e voou no espaço como uma bala. A cabeça pegando-o na altura dos peitos. O homem-do-Recife esbugalhou os olhos, caiu com todo o corpo e uma golfada de sangue lavou-lhe a roupa branca, brilhando à luz do carburador, enquanto a multidão dava um urro pela vitória do campeão da terra. O próprio Cabeça-de-Ferro correu para junto do homem-do-Recife, levantou-o nos braços e levou-o para o Riso da Noite. Lá, Zé Ventinha trouxe um copo com aguardente e forçando os lábios trincados do homem derramou-lhe a bebida quente pela garganta abaixo. O mais agoniado era Cabeça-de-Ferro, que não achava lugar:

É capaz de eu tê matado o homem sem precisão.

O outro, deitado em cima do balcão, estava

duro como um cadáver, rodeado de pessoas que vinham espisar a sua cara. Lá fora os comentários choviam:

— Cabeça-de-Ferro é macho mesmo.

— Mas o homem-do-Recife não é sópa não.

— Eu só não gostei porque foi tudo muito ligeiro.

— Se Cabeça não acertava aquele, tava desgraçado.

Os soldados passavam com o fardo-abo-de-galo batendo no trazeiro, também comentando a briga, sem se importarem com o homem ferido nem com o vencedor.

Foi uma briga falada essa de Cabeça-de-Ferro. Durante muito tempo constituiu o assunto predileto e até "A Notícia" publicou, no sábado: "Cena de sangue no Alto do Lenhador" — chamando a atenção do delegado para aquele antro de perdição onde os homens promoviam desordens impunemente e as mulheres se tornavam cada vez mais desaxadas. Mas o prestígio de Cabeça-de-Ferro subiu. Depois disso brigou muitas vezes, nunca saiu perdendo e contam até que, certa vez, empilhado em uma luta com um homem desconhecido estava quasi perdendo quando uma voz gritou do meio da roda que se formava:

— Abra o olho qui ele te mata. Cabeça-de-Ferro!

Foi o bastante. O adversário ao ouvir o nome célebre, deixou tudo e saiu correndo.

Cabeça-de-Ferro tem todas as mulheres que deseja no Alto do Lenhador e não dá um dia de trabalho a ninguém. Come no café de Guaxinim e dorme ora na casa de uma, ora na casa de outra. Junto com Clodomiro, Cafabrê e Carrapateira, é um dos donos daquela zona, depois das dez horas da noite. E' dele a rua, são dele as mulheres, o ar que se respira também é dele, porque se ele não quiser fecha-se o tempo e acaba-se a vida.

Até na pensão da Quiterinha, que fica no pé da ladeira e cujas mulheres não pisam no Alto do Lenhador, Cabeça-de-Ferro tem carta branca. Quando chega, a cafiteira velha vai logo botando uma cerveja gelada pra ele e aquelas mulheres bem vestidas vêm sentar-se em seus joelhos, fazendo-lhe cócegas no pescoço.

Não é orgulhoso e não provoca ninguém. Só ataca quando é atacado, para se defender. Fora disso, não tem besteira. Apesar de ser o dono do Alto do Lenhador todo o mundo pode lá an-

dar livremente, sem medo, que ele não insulta ninguém. Tem tudo o que quiser. Tem mulher pra cama, tem comida pra barriga, tem aquelas casas todas onde dormir. Só não tem dinheiro. Há uma porção de anos que dinheiro não entra nos seus bolsos. Também pra que! Não precisa de dinheiro. Os cigarros estão no fiteiro de Zé Ventinha, as mulheres são dele, comida é coisa que não falta. Quando precisa de uma roupa ou de um par de sapatos, os amigos se reúnem, as mulheres fazem questão de entrar na quota e compram para ele um par de sapatos pretos e uma roupa de brim branco, que Cabeça-de-Ferro só usa branco bem engomado com muita goma, de doer na vista quando o sol bate em cima. No mais é aquele sorriso no canto dos lábios, o olhar morto, bem sossegado e o andar de urubú malandro.

Um branco de lá de baixo do cidadão já levou uma surra dele porque foi perguntar quanto queria para dar uma pisa num inimigo. Mas ninguém soube disso, somente os mais íntimos.

Não sai do Alto do Lenhador. Nunca vai à cidade. Lá nasceu, se criou e há de morrer. O seu mundo é aquele, onde manda e onde é respeitado. O mundo de lá de baixo é um mundo estranho, diferente, com rouazes bem vestidos, mocinhas de cachos, velhas gordas e homens sempre preocupados com a política e os negócios. Não dá para viver naquela atmosfera. Gosta é das noites escuras com as estrelas piscando, as vozes roucas dos cantadores de baque e o som da harmônica no tód. O que quer é ouvir as histórias de Clodomiro, a gargalhada das mulheres e aquele bate-boca sem importância dos malandros do Alto do Lenhador. Quando tem lua no céu, Cabeça-de-Ferro chama uma mulher, vai andando com ela até a ponte de Pirangi e tomam um banho de cachoeira, bem prolongado, com goles de cachaça, o luar batendo em cima das pedras e em cima dos seus corpos embolando na areia branca da praia. E depois dormem. E' bom dormir assim, depois do amor, com aquela cantiga da cachoeira e o assobio do vento que vai fugitando a lua para trás das matas. E' bom se estirar na areia, com uma mulher no braço, a cabeça vazia de pensamentos, olhando as nuvens correr lá em cima, apagando as estrelas, formando bichos fantásticos que dizem já ter existido no mundo. Cabeça-de-Ferro gosta de amar assim em noite de lua cheia e todas as mulheres do Alto do Lenhador já foram iniciadas no mistério das noites, já aprenderam todos os ruidos que enchem o silêncio das coisas adormecidas e não sentem mais o frio da madrugada quando, nuas, dormem e sonham encostadas no homem.

Cabeça-de-Ferro não tem pai, nem mãe, nem irmão. Parece que já nasceu assim mesmo. A terra se abriu e ele apareceu. Com a força da terra. Foi parido assim. Até cheio de terra dizem que tem. E a força da terra. As mulheres gostam dele. Os homens gostam e temem. O Alto do Lenhador sendo dele o mundo todo lhe pertence. Até o cemitério que fica junto e onde vai, de tarde, buscar flores silvestres para os santos de Carrapateira, que lhe fechou o corpo contra bala e faca, que lhe ensinou orações fortes para livrar-se dos inimigos, amen. (Do romance inédito, a sair).

Vista com distinção e com elegância
comprando o seu vestuário nas



LOJAS PAULISTA

Voules, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

☆☆☆ BANCO DO BRASIL ☆☆☆

SEDE — RIO DE JANEIRO

O maior estabelecimento de crédito do país

Reservas: . . . Cr\$ 2.577.815.330,30
Capital: 100.000.000,00

AGÊNCIAS:

ACRE — Cruzeiro do Sul, Rio Branco.
ALAGOAS — Assembléia (ex-Viçosa), Maceió, Palmeira dos Índios, Penedo, União dos Palmares (ex-União).
AMAPA — Macapá.
AMAZONAS — Manaus.
BAHIA — Alagoinhas, Amargosa, Barra, Barreiras, Caetité, Canavieira, Feira de Santana, Ibhés, Itabarnaíba, Itabuna, Jacobina, Jiquié, Juazeiro, Lençóis, Mundo Novo, Nazaré, Salvador, Santo Amaro, São Félix, Senhor do Bonfim (ex-Bonfim), Serrinha, Ubaitaba (ex-Itapira), Vitória da Conquista (ex-Conquista).
CEARA — Aracati, Camocim, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatú, Quixadá, Senador Pompeu, Sobral.
ESPÍRITO SANTO — Alegre, Cachoeiro de Itapemirim, Colatina, Mimoso do Sul (ex-João Pessoa), Santa Teresa, São Mateus, Vitória.
GOLAS — Buriú, Alegre, Goiânia, Goiás, Ipameri, Rio Verde.
GUAPORÉ — Pôrto Velho.
MARANHÃO — Caxias, Codó, Pedreiros, São Luiz.
MATO GROSSO — Aquidauana, Bela Vista, Cáceres, Campo Grande, Curumbá, Culabá, Guaraínguba, (ex-Lajeado), Maracáju, Ponta Porá, Três Lagoas.
MINAS GERAIS — Aimorés, Alfenas, Araguari, Arassuaí, Araxá, Barbacena, Belo Hori-

zonte, Bicas, Boa Esperança, Campo Belo, Carangola, Caratinga, Carlos Chagas, Cataguases, Curvelo, Dêres do Indaiá, Formiga, Governador Valadares, Guaxupé, Ituiutaba, Juiz de Fora, Montes Claros, Muriaé, Ouro Fino, Passos, Patos de Minas, Patrocínio, Pedra Azul (ex-Formaleza), Pirapora, Ponta Nova, São João del Rei, Teófilo Otoni, Três Corações, Ubá, Uberaba, Uberlândia, Varginha.
PARÁ — Belém, Bragança, Igarapé Agu, Óbidos, Santarém.
PARAÍHYBA — Cajazeiras, Campina Grande, Guarabira, João Pessoa, Monteiro, Patos, Taboiana (ex-Itabaiana).
PARANÁ — Cornélio Procopio, Curitiba, Foz do Iguaçu, Iratí, Jacarésinho, Londrina, Paranaguá, Ponta Grossa, União da Vitória.
PERNAMBUCO — Arcoverde (ex-Rio Branco), Caruarú, Garanhuns, Goiana, Limoeiro, Palmares, Recife, Serra Talhada, Vitória de Santo Antão (ex-Vitória).
PIAUI — Campo Maior, Floriano, Luzilândia (ex-Pôrto Alegre), Parnaíba, Picos, Piracuruca, Piriápi, Teresina, União.
RIO BRANCO — Boa Vista.
RIO DE JANEIRO — Barra do Pirai, Bom Jesus do Itabapoana, Cabo Frio, Campos, cantagalo, Itaperuna, Macaé, Niterói, Nova Iguaçu, Petrópolis, Resende, Volta Redonda.
RIO GRANDE DO NORTE — Açú, Caicó, Mossoró, Natal.
RIO GRANDE DO SUL — Alegrete, Bagé, Bento Gonçalves, Cachoeira do Sul (ex-Cachoeira), Camaquã, Caxias do Sul (ex-Caxias), Cruz Alta, Dom Pedrito, Erechim (ex-José Bonifácio), Itaqui, Jaguarão, Lajeado, Livramento, Passo Fundo, Pelotas, Pôrto Alegre, Quaraí, Rio Grande, Santa Cruz do Sul (ex-Santa Cruz), Santa Maria, Santa Vitória do Palmar, Santo Angelo, São Borja, São Gabriel, São Leopoldo,

Tapes, Uruguiana, Vacaria.
SANTA CATARINA — Blumenau, Florianópolis, Joaçaba (ex-Cruzeiro), Joinville, Matfra, Rio do Sul, Tubarão.
SÃO PAULO — Andradina, Aracatuba, Araguacô (ex-Paraguacô), Araraquara, Assis, Avaré, Bariri, Barretos, Baurú, Bebedouro, Botucatu, Bragança Paulista (ex-Bragança), Caféândia, Campina, Catanduva, Duartina, Franca, Itapetininga, Itapira, Ituverava, Jaboticabal, Jaú, Limeira, Lins, Lucélia, Marília, Matão, Mirassol, Mogi das Cruzes, Monte Aprazível, Nova Granada, Novo Horizonte, Olímpia, Orilândia, Pederneiras, Piracicaba, Piraju, Pirajul, Pirassununga, Presidente Prudente, Promissão, Rancheira, Ribeirão Bonito, Ribeirão Preto, Rio Claro, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, Santo André, Santos, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo, São José dos Campos, São Paulo, Sorocaba, Taquaritinga, Taubaté, Tupá, Valparaíso, Votonga, Xavantes.
SERGIPE — Aracaju, Capela, Estância, Itabaiana, Propriá, Simão Dias (ex-Anápolis).

Limite de Cr\$ 50.000,00	4%
Limite de Cr\$ 100.000,00	3%
Depósitos a prazo fixo	
Por 6 meses	4%
Por 12 meses	5%
Com retirada mensal de juros	
Por 6 meses	3½%
Por 12 meses	4½%
Depósito de aviso prévio	
30 dias	3½%
60 dias	4%
90 dias	4½%
Letras a prêmio (selo proporcional)	
Condições idênticas às de depósito a prazo fixo.	

NO EXTERIOR

PARAGUAY — Assunção.
URUGUAY — Montevidéu.

Mantém correspondentes nas principais praças do mundo

TAXAS DE DEPÓSITOS

Depósito sem limite	2% a/a
Depósitos populares	
Limite de Cr\$ 10.000,00	4½%
Depósitos limitados	

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na rua 1ª de Março, n.º 56, mais as seguintes: BANDEIRA, rua Mariz e Barros, n.º 44 — BOTAFOGO, rua Voluntários da Pátria, n.º 448 — CAMPO GRANDE, rua Campo Grande, n.º 100 — CAPACABANA (em instalação), avenida Nossa Senhora de Copacabana, n.º 1.292 — GLÓRIA, rua do Catete, n.º 238-A — MADEIRA, rua Carvalho de Sousa, n.º 299 — MEYER, avenida Amaro Cavalcanti, n.º 95 — RAMOS, rua Leopoldina Régio, n.º 76 — SÃO CRISTOVÃO, rua Figueira de Melo, n.º 360 (esquina da rua São Cristovão) — SEDE, rua do Livramento, n.º 63 — TIJUCA, rua Desembargador Isidro, n.º 4 — TIRADENTES, rua Visconde do Rio Branco, n.º 52 e VILA ISABEL, avenida 28 de Setembro, n.º 412-A.

NA VIDA DAS INSTITUIÇÕES O ANO QUE PASSA É APENAS UM MARCO ULTRAPASSADO. MAS HÁ A GRANDE SATISFAÇÃO DOS OBJETIVOS CUMPRIDOS E AS MESMAS ESPERANÇAS DE SE AVIZINHAREM MELHORES DIAS, TORNANDO MAIS PROPÍCIO O CAMPO PARA A AMPLITUDE DO PROGRAMA TRAÇADO DE REALIZAÇÕES.

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

TEM DADO O MÁXIMO DE SEU ESFORÇO PARA O BEM ESTAR E PROGRESSO DE PERNAMBUCO. POR ISSO TÓDAS AS CLASSES SÃO UNÂNIMES EM PROCLAMAR A SUA ORGANIZAÇÃO MODELAR DIRIGIDO POR UMA EQUIPE DE HOMENS INTELIGENTES, DINÂMICOS E COM CAPACIDADE DE INICIATIVA.

Daí a sua projeção nos círculos bancários de Pernambuco e do Brasil — Para transações comerciais dirija-se ao

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 155 — CAIXA POSTAL, 444 — RECIFE — PERNAMBUCO.

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERCIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 468
1.º andar — Recife — Pernambuco

☆
Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

Número avulso Cr\$ 3,00
Número atrasado Cr\$ 5,00

☆
REPRESENTANTES:
Estados Unidos (New York): Artur Coelho
Rio de Janeiro: José Irineu Cabral
São Paulo: Ênio Silveira
Alagoas: Igor Tenório
Bahia (Salvador): Jota Soares
Parahyba (João Pessoa): Gamberra Filho.
Rio Grande do Sul (Porto Alegre): Sílvio Ducan
Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros
Minas Gerais: Lara Rezende (Belo Horizonte)
Ceará (Fortaleza): José Edésio Albuquerque.
Paraná (Curitiba): Dalton Trevisan.

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.
— Solicitamos permuta com as publicações congêneras.

O Conto INFANTIL

Risoleta já estava deitada na cama, pronta para dormir. Enquanto não vinha o sono, ela começou a olhar o céu de estrelinhas piscando, piscando... De repente, passou pelo meio das estrelinhas uma bola de fogo. Era um balão. Risoleta correu para a janela. A bola de fogo já ia longe, bem longe, parecia que ia furando o céu...

Risoleta foi dormir pensando em fazer um balão. Um balão verde, azul e amarelo. Mas tinha que ser um balão maravilhoso, um balão que nunca no mundo pudesse haver outro igual. Só queria ver a cara de Carlos e Angelita quando vissem o balão...

No dia seguinte, Risoleta foi arranjar o papel para começar o balão. A Mamã guardava no porão um bocado de couças velhas. Quem sabe se no meio daquilo tudo, ela não encontraria o papel desejado? Lá se foi Risoleta para o porão.

O quarto era cheio de malas e caixotes de todos os tamanhos. A menina foi logo para uma mala grande, feia que havia junto da janela. Mas, quem disse que Risoleta podia abrir a mala? Os fechos estavam duros, enferrujados e por mais que a menina fizesse força não conseguia abri-los.

— Quer que ajude você? perguntou uma vozinha junto dela.

Risoleta virou-se e avistou junto de uma das malas, um ratinho de cara espreitada. A menina abriu no riso. Como é que um ratinho daqueles podia ajudá-la?

— Não manguê de mim! exclamou o ratinho zangado. Pois agora eu não ajudo mais você. E o ratinho aborrecido, foi roer um pedaço de queijo que tinha arrastado para o porão.

Risoleta tentou ainda abrir a mala mas não conseguiu nada.

— Olhe aqui, seu ratinho! Peço desculpas de ter rido na sua cara. Ajude-me a abrir a mala. E Risoleta chegou junto do ratinho e fez um agrado na sua orelha.

O rato, todo importante, dirigiu-se para a mala e bateu nela três pancadinhas... toc... toc... O tempo da mala abriu como se tivesse uma moeda. Imediatamente, saiu da mala e pulou no quarto um boneco todo fantástico de serpentina.

— Só abro a mala se você me der todas as serpentina que eu quiser, gritou ela de dentro da mala.

— Só dou a azul, respondeu o boneco. Ah! ah! ah! que me dê um rumo!...

— Eu quero de todas as cores, tornou Risoleta. Vendo que a menina não cedia, o boneco entregou os pontos. Daria a ela todas as serpentina que quizesse. Só então Risoleta saiu da mala e começou a encher o avental de serpentina. Eram azuis, verdes e amarelas. Que beleza! Ouvia-se

O Balão de Risoleta

Maria Lucia Amaral

— Só abro a mala se você me der todas as serpentina que eu quiser, gritou ela de dentro da mala.

— Só dou a azul, respondeu o boneco. Ah! ah! ah! que me dê um rumo!...

— Eu quero de todas as cores, tornou Risoleta. Vendo que a menina não cedia, o boneco entregou os pontos. Daria a ela todas as serpentina que quizesse. Só então Risoleta saiu da mala e começou a encher o avental de serpentina. Eram azuis, verdes e amarelas. Que beleza! Ouvia-se

caiu no chão um pedaço grande de algodão que estava enchendo o sapato. Oh! algodão... Era o que a menina estava procurando. Risoleta, cheia de alegria, deixou o sapato, deixou tudo e correu para o algodão. Mas o rato foi mais ligeiro. Apanhou o algodão e saiu com ele preso no focinho.

Foi outra correria pelo porão. O ratinho se escondia atrás da mala, atrás do baú e a menina com sua perseguição. De repente, Risoleta não aguentou mais e caiu no chão.

— Ora! ratinho, Tenha pena

a ficar num canto parada, que-linha. Mas, que fazer? Era o porão. Lá se foi ela buscar o tesouro de cola e, com cuidado, endireitou o sapato.

— Ufa! Até que enfim! e Risoleta jogou o sapato para o ratinho. Este, imediatamente, entregou-lhe o algodão.

Capelinha de melão
E' de São João
E' de cravo, é de rosa
E' de manjerico.

Miquelina, Carlos, Angelita, um grupo enorme de meninas, de mãos dadas, cantavam animados no quintal da casa de Risoleta. Uma grande fogueira iluminava os rostinhos das crianças. De vez em quando, um moquitinho atravessava o quintal e era uma correria. Risoleta foi para um canto acender o balão. Carlos já havia dito a Angelita que podia haver um balão maior, mais fechado, porém igual àquele, nunca! Era lindo!... Parecia um arco-íris. Todo cheio de cores.

O balão começou a subir.
— Lá vai o balão! gritava a criança cheia de alegria com os rostinhos voltados para o céu. Sob o balão! Sob o balão!...

De repente, a luz do balão começou a crescer, a crescer e... virou uma grande fogueira no céu.

— O balão pegou fogo, pegou fogo!... gritavam as crianças agoniadas.

Risoleta ficou parada olhando o balão. Os seus olhinhos não se despegavam daquela fogueira no céu. Tanto trabalho perdido... O seu lindo balão estava indo embora. Estivera pertinho da morte para fazer o balão, brigar com o ratinho e... para quê? Para isso, Risoleta não via mais o balão. Fora embora de uma vez. A menina rebotou no choro.

— Não chore, Risoleta. O balão era bonito demais. Quem sabe se não haveria uma briga no céu por causa dele? As estrelinhas são muito convencidas e não o deixariam ficar por lá.

Mas Risoleta continuava a chorar. Já tinha os olhos inchados. Carlos teve uma idéia:

— Risoleta, não chore mais. Vamos ver lá, em casa um papel que eu tenho, todo salpicado de bolinhas. É ótimo para fazer balão.

Carlos e Angelita agarraram a menina pela mão mas ela resistiu.

— Não vou. Não quero mais fazer balão. Ah! ah! ah!
— Vamos, Risoleta!
— Não vou, não vou.

Mas, de repente, deu a mão nos meninos e saiu andando...



depressa correu para a mala e trançou-se dentro dela.

— Menina! abra a mala que eu não posso ficar aqui fora, começou o boneco a gritar sacudindo os braços para cima.

Risoleta não respondia.

— Abra a mala, não sei o porquê. Não posso viver muito tempo na claridade.

A menina teve uma idéia.

um piatt! e o boneco desapareceu no fundo da mala.

Risoleta sentou no chão e começou a fazer o balão. Precisava colar as serpentina uma justinha da outra na folha grande de papel de seda. Foi o que a menina fez. O balão ficou lindo depois que ela botou o arame. Era uma mistura de cores: verde, azul e amarelo. Agora, era preciso arranjar algo-

Mas o ratinho não ligou. Continuou a roer um sapato velho, de pano, que havia caído do baú. Risoleta ficou tão zangada com a indelicadeza do ratinho que puxou com força o sapato que ele estava roendo, e fugiu com ele na mão. O ratinho correu atrás. Junto da janela, arrancou a menina e quis tomar o sapato. Puxa daqui, puxa daí e o sapato se partiu pelo meio

de mim. Não vê que já estou coisada? Deixe ver o algodão.

— Não, senhora, não dou. Você é uma menina muito ruim.

— Desculpe, ratinho. Vou ser boa menina. Dê-me o algodão, por favor. Risoleta quase chorando.

O rato era teimoso.

— Não dou. Só dou se você colar o sapato que partiu.

Risoleta tinha horror a fazer qualquer coisa que a obrigasse

Mala do Estrangeiro

De Paris

O CINQUENTENÁRIO DE "NOURRITURES TERRESTRES" — Por ocasião do cinquentenário desse famoso livro de André Gide, publicado em Paris em 1847, um jornal francês divulgou opiniões de Jean Schulerberger, que leu o livro quando tinha vinte anos de idade; de François Mauriac, que o leu aos vinte anos em 1905; de Henry Thomas, que o leu na mesma idade em 1932; de Andrienne Monnier, que o leu em 1912 e de Pierre Bost, que, também aos vinte anos, o leu em 1921.

Monumento a Saint-Exupéry — Por iniciativa da Société des Gens de Lettres será erguido um monumento ao escritor Antoine de Saint-Exupéry, morto em ação na última guerra. Saint-Exupéry, que foi um dos poucos intelectuais a se destacarem também como homens de ação, tornou-se conhecido no Brasil com o seu "Terra dos Homens". Foi também um dos pioneiros da aviação na América Latina e na África.

Sartre e o Existencialismo — Acabam de aparecer "L'Homme Sartre", de Marc Eigbeder, uma biografia ilustrada; "O Problema Moral e o Pensamento de Sartre", de Francis Jeanson; e "O Existencialismo não é um Humanismo", de Jean Kapana em resposta ao livro de Sartre: "O Existencialismo é um novo humanismo".

Prêmio Ibsen — Este prêmio, que é distribuído anualmente pela associação de Crítica Dramática foi concedido a Georges Neveux com a sua peça "Quel-va contra um Des-ahcedo".

PLAGIO... De Londres — O editor londrino Hamish Hamilton levou o

escritor James Hadley aos tribunais, acusando-o de ter incluído páginas inteiras de "Safra Vermelha", do romancista Dashiell Hammet, numa de suas obras. Hadley defendeu-se dizendo que aproveitou as páginas de Dashiell a fim de descrever com precisão o cenário americano de sua novela.

O livro de Dashiell Hammet foi publicado, no Brasil, pela Editora Globo.

Dos Estados Unidos O caso de "Rebecca" nos tribunais norte-americanos Em confirmação à primeira



A romancista inglesa Daphne du Maurier

mala informativa sobre o caso de "Rebecca", com um processo contra Daphne du Maurier continuado por J. Clifford MacDonald, filho da falecida escritora Edwina MacDonald, agora o juiz John Brigg que leu todos os livros em causa, do tribunal de Nova York, acaba de reanudar a questão declarando Daphne du Maurier isenta de culpa...

DE LISBOA

Ferreira de Castro em francês — Os jornais noticiam o lançamento, em Paris, do romance "Terra Fria" de Ferreira de Castro, em tradução de Louise Delapierre. Há cerca de dez anos Blaise Cendrars traduziu "A Selva" sob o título de "Forêt Verte". Anunciaram-se as traduções de outras romances do escritor português como "Eternidade", "Emigrantes" e "A epopeia do Trabalho".



Digressões De Um Repórter Em Torno De Um Saco

(A propósito do "record" de 600 mil sacos de açúcar produzidas, êste ano, pelo Usina Central Barreiros S. A.)

São 5:20 desta manhã chuvosa de domingo. Insistente, um carro buzina à porta. É o café-drático José Eustáquio quem me manda buscar exatamente quatro minutos antes da hora aprazada. Mal tenho tempo de enfiar as calças e o "sillax" e engolir uma chicara de café fofoegante. Saio correndo para tomar o carro. Mas saio praguejando contra a pressa do homem que, há uns bons vinte anos, no velho Ginásio, tinha essa mesma cara trônica e galbofeira de hoje. Decididamente, José Eustáquio jamais seria matéria plástica nas mãos cruéis de um Walter B. Pitkin para sua "História da Estupidez Humana". Qual nada! É sabido e astuto. Tão sabido que se recusou um dia a caminhar, parou no tempo e aí esperou por este seu antigo discípulo do Ginásio. Espécie de Larousse em edição de bolso desse dinamico e jovial "businessman" que é Manuel de Britto, o nosso ameno Humboldt provinciano divide agora o seu tempo entre histórias de açúcar, crônicas de tomates e as sentimentais leituras da "Arte de Ser Avô", de Victor Hugo. E é feliz o Eustáquio!

Afinal, por que tão cedo assim me arranca ele da cama? Mas não foi ele: foi um saco. Um saco de que se fala há no Brasil inteiro: o saco de açúcar 600.000, da "Usina Central Barreiros". Estou intimado, desde a véspera, a comparecer hoje, com certos créditos e também alguns créditos da terra, ao magnífico parque da indústria açucareira ali situado e ora varrido por uma verdadeira fúria de progresso: Manuel de Britto. Mas, para ser franco, tenho eu com isso? Que diabo me tenta a sacrificar este meu domingo de folga para ver um saco? José Eustáquio me dizera, olhando por cima dos óculos: "você vai ver um fenômeno. Ora, que fenômeno, Zé? Ele, com uma convicção de maometano voltando para Mecã, retrucou-me: o saco 600.000!

Agora me pergunto: estará aí mesmo o fenômeno? Creio que não. Manuel Caetano de Britto, eis o buisill! Esse Manuelzinho é o diabo feito, gente. Não há dúvida. Quem duvidar, vá a Barreiros, veja o saco e ouça um pouco de sua história. E curtain: apenas cinco anos. Plantador de tomates em Peixeira, cultivador de marmelos em Minas, ebreiro e coração do maior parque da indústria do doce no país, Manuel de Britto resolveu, em 1934, ser também plantador de cana. Mas, como é em tudo um "big", não quis um banguê: comprou uma usina. No breve período de um lustro, melhorou suas condições, dotou-a de instalações, mais eficientes e modernas, aumentou a área de cultivo, triplicou talvez a sua capacidade de rendimento e produção. Resultado? Ai, lendas: um saco! Mas que saco amigo! Um saco com o número 600.000, graças ao qual a "Central

Barreiros" bateu, na safra deste ano, o "record" da produção açucareira em todo país. Está entendido: não se trata do valor da estopa. O continente vale aqui pelo conteúdo: o açúcar!

Curioso é o assinalar-se, entretanto, a esse respeito, a posição da "Central Barreiros" em face de seus congêneres deste Estado que é ainda, apesar das tramas urdidas lá fora contra a nossa maior fonte de riqueza, a matriz da indústria do açúcar no Brasil. Realmente, esse coitejo, que não diminui nenhuma das partes isoladas porque exalta o complexo econômico açucareiro do Estado, trazendo-lhe emulação e estímulo, é altamente

de sacos, ou seja, 8% daquela produção, fazendo ela só um movimento financeiro de Cr\$. 72.000.000,00.

Então, é ou não é um fenômeno esse incrível Manuel de Britto? Rei do tomate, rei do marmelo, eis que ele agora põe sobre a cabeça outra coroa: rei do açúcar. Todavia, à frente deste último reinado, conserva uma espécie de príncipe consorte dinâmico e ativo: o genro Alvaro Azevedo. E tem, para os negócios do Tomate, do Açúcar e do Doce, um secretário de Estado escolhido à dedo: Zé Eustáquio. O zôgrafo, que é diabólico, bebe o café amargo e não come goiabada. Em compensação, tratando-se da indústria da cana, usa e abusa de um derri-



Ai estão os industriais Manuel de Britto e Alvaro de Azevedo, entre os jornalistas, apropriada: DOIS HOMENS REPOUSAM SOBRE UM "RECORD"...



O governador Barbosa Lima Sobrinho e o general Gil Castelo Branco seguram, na foto acima, o famoso saco 600.000. Vêem-se ainda na fotografia industriais e autoridades presentes ao ato



O saco 600.000, vendido em leilão, rendeu Cr\$ 85.000,00 para a Campanha da Criança. Ai está ele ladoado pelos industriais Manuel de Britto e Alvaro Azevedo e um grupo de senhoras da nossa alta sociedade.

te expressivo para a usina de Barreiros. Pernambuco orgulha-se de haver atingido este ano a sua maior safra: 7.500.000 sacos. E, desse total, originou da produção conjunta de 36 usinas, a quota de mais de meio milhão

vado. Ama o "whiskey"! Manuel de Britto, porém, a rigor, está aqui um pouco como o homem da anedota: cria fama e deixa-se na cama. Não, não está direito, seu Manuel. Na verdade, a execução desse prodigioso renascimento que apresenta o

tal. Quase não fala: age. Chegou a Barreiros assim como um daqueles primitivos conquistadores do oeste americano, às vésperas da fase do chamado "Destino Manifesto". Como encontrou a usina? Fabricando metade do que hoje fabrica. Que fez? Tirou o palito, arregaçou as mangas e meteu mãos à obra. Em brevíssimo tempo, viveu dentro dos decantadores, vacilou os amplos tubos de cristalização e tanto apertou as moendas, tanto botou fogo nas caldeiras, tanto azelou as polias, que, afinal, a sua usina — porque é ele quem manda mesmo — atingiu o atual volume de produção. Curioso: o sogro se vangloria, se loba todo dessa atividade "exclusiva", quase tirânica de genro. Os demais diretores não sentem o comichão dos chumes. Não é pra sentir, mesmo. Não estão todos gostando, afinal de contas, dos inesperados proventos que lhes dá o rapaz?

Deante dessa dupla infernalíssima, tem-se de fato uma impressão dominadora: a impressão de que no genro se difunde toda a energia já por tantos celebrada do sogro. Oh! a civilização das máquinas! Dir-se-ia que mestre Manuel de Britto apertou não comutador e pronto: zerou-se um simile dele: Alvaro Azevedo! Não é então o caso de dizer-se parafraseando o brocardo: tal sogro, tal genro?

precisamente às nove horas em ponto chegamos à elegante "casa-grande" da "Usina Central Barreiros". Já lá estão muitos convidados. Entre eles, avisto três figuras indispensáveis em tais convectos, onde se serve em abundância o rhuu, o whiskey e o glibu. Deus se fez Baco os juntos. Que demônio os separará? São eles: os delegados de polícia, Apuleiro d'Assunção, de cans não muito polcra, e Paulo do Couto Malta, dono de uma calça evangélica, e o Zé Nunes, delegado do Trabalho. Cada qual se esforça mais por demitir o brocardo dos ingleses: the right man in the right place. Todavia, adiro, faminto

que estou, à alegre malta do Paulo. Um copo de whiskey? Topo a parada. Vem o whiskey? que é de boa marca: Five Star! Mas enquanto nós vamos nos deixando embalar pelas "cinco estrelas", que faz, onde outra e nosso Arnaldo? Pinto? Pasmem, estrélas, pasma! O mandacatuva da PRA-8 está tomando café outra vez: banana frita, mancheira, inhame, queijo e pão ao forno, com manteiga. Como come, esse Arnaldo!

Entim, a missa. Depois da nossa Arnaldo Pinto? Pasmal, vos direi aqui de sua eficiência, de sua excelente organização, do seu funcionamento perfeito. Nada. O que me interessa, senão verdade, o que me aguç a imaginação é o desejo de ver o saco. Onde está o saco. Lá está esse o saco 600.000. Aparelamente, é uma coisa besta: um saco igual aos outros que se empilham aos montes na usina. Por fora: estopa. Dentro: açúcar. Só? Não e ali que está o buisill. Isto é Manuel de Britto. Ou melhor: Alvar, Azevedo. Sim, esse sacotem a força dum simbolo: se apresenta o destino, a expansão, o progresso da indústria açucareira do Estado. E, desarte, um sacorel. Todavia, cabe aqui um pormento: ao meio-dia de hoje o volume de produção da usina atingiu o saco 602.010, esperando-se que, no final da safra, seja alcançado o de número 605.000. Com isso, Manuel de Britto está dando a quebra...

Mas, interessante foi o destino do saco 600.000. Depois de fotografado, de puchado para cá e para lá, poss pucha-saco, há muitos por aqui, é Sina Alfeia, o Saco, posta em leilão. Quem dá mais? Quem dá mais? Madame Barbosa Lima, que teve a idéia do leilão em benefício da Campanha da Criança, encontra um excelente leiloeiro: Zé Eustáquio, o "factotum". Cada leilante entra com a importância do lance. Madame Antêgenes Chaves começa: 5.000,00. José Pessa de Queiroz acaba a oferta da Britto suplanta o segundo lance: Cr\$ 15.000,00. A "Cooperativa dos Gaúnciros" faz o quarto: Cr\$ 25.000,00. Mas, então, está Manuel de Britto? Ah! está aqui atento: — Cr\$ 30.000,00. Total para a Campanha da Criança: Cr\$ 85.000,00. Meu amigo Artur de Sá arrapalra os olhos e lambe os beiços quando souber disso, e sem dúvida dirá: Viva o saco!

Curioso: a malícia política também esteve presente. Meter seu dedo não no saco, mas na gravata do governador Barbosa Lima. Após o almoço, em que o churrasco no espeto aguçou a gula do confrade Paulo Malta, o A.H., chama-me a atenção para o flagrante mais delicioso da festa. Lá está o uidentado históricoo, Edgar Escarva Cavalcanti, netista da velha guarda, fazendo o que? — Arranjando o nó da gravata do governador Barbosa Lima. Momento de sensação com efeito. Mas S. Exclênciã, Perisso, comentando a episdio, ante uma demonstração muito natural de curiosidade do repórter, diz apenas: "coaxativo". Não há nada demais nisso. Afinal, o Edgar é um bom velho amigo. Juntos, já remanem ao "Náutico"...

Não há dúvida. O Edgar está mesmo se preparando para voltar aos ramos e às lites. Quando será a regata?

Bem, aqui termino as minhas digressões em torno de um saco. E que saco!

Em, é pensando nestas "propagandas sociológicas", como diria o velho José Euclides, que tomo o automóvel nesta manhã

VAI INICIAR-SE, AGORA, UMA NOVA E AUSPICIOSA FASE PARA A PRODUÇÃO AÇUCAREIRA E ALCOOLEIRA

Será dado à publicação, hoje, na capital do país, o importante decreto sobre o açúcar que o presidente Eurico Gaspar Dutra assinou, em sua recente visita a Pernambuco. Trata-se, como já é do conhecimento público, da resolução que cria um fundo de compensação dos preços do açúcar, destinado a ressarcir os prejuízos das exportações, para os mercados externos, dos excedentes da produção e bem assim bonificar o álcool fabricado, mediante o aproveitamento da matéria prima do excedente das necessidades da produção nacional.

Ao registarmos o fato, somos obrigados a assinalar que a publicação do referido decreto constitui o primeiro resultado prático e o primeiro benefício que a recente e honrosa visita do presidente da República a esta cidade traz ao povo de Pernambuco, pois é marca o início de uma nova e auspiciosa fase da produção açucareira e alcooleira do Estado, visando a proteger uma indústria que é, sem nenhuma dúvida uma das vigas mestras da nossa economia.

CREDOR DE SIMPATIA

Com a execução da importante medida, o presidente Eurico Gaspar Dutra dá mais uma prova do alto apreço que devota ao nosso Estado. Com ela se vê que a excelsa, longe de des-arruar dos nossos problemas fundamentais, dedica o máximo de

Será publicado, hoje, no Rio, o importante decreto sobre o açúcar, assinado pelo general Dutra, por ocasião de sua recente visita ao nosso Estado -- Mais uma prova de alto apreço que o presidente da República devota a Pernambuco -- Uma vitória da Cooperativa dos Usineiros -- Troca de telegramas

seu interesse e da sua preocupação em solucioná-los a contento. Por tudo isso, o sr. presidente da República vem-se tornando, dia a dia, credor da simpatia e do reconhecimento do nosso povo.

Também de parabéns está o governador Barboza Lima Sobrinho, que proporcionou, com o prestígio do seu cargo e o seu patriótico desejo de servir a Pernambuco, essa visita que em tão boa hora fez, o general Eurico Dutra, ao nosso Estado.

ESFORÇO CONSTANTE E PERTINAZ

Não podemos, igualmente, deixar de registar o esforço constante e pertinaz que o Conselho de Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, e frente o industrial José Pessoa de Queiroz, vêm empenhando há tanto tempo a fim de obter a solução que hoje se concretiza. Trata-se, portanto, de uma autêntica vitória daquela organização que tantos e tão relevantes serviços vem prestando à laboriosa classe dos usineiros

dêste Estado. Em data de ontem, o sr. Pereira Lira, secretário do presidente da República, enviou o seguinte telegrama ao industrial José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros:

"Peço-lhe o obsequio de comunicar aos membros da Cooperativa dos Usineiros que o sr. presidente da República recomendou ao Instituto do Açúcar e do Alcool pôr em execução, no mais breve prazo, a resolução de sua Comissão Executiva, que cria o fundo de compensação dos preços do açúcar, destinado a ressarcir o prejuízo das exportações, para os mercados externos, nos excedentes da produção açucareira nacional e bem assim a bonificar o álcool fabricado, mediante o aproveitamento da matéria prima excedente das necessidades da produção nacional".

AO PRESIDENTE DUTRA

A propósito do assunto, o sr. José Pessoa de Queiroz endereçou, ontem, o seguinte telegrama



O sr. José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco.

ao presidente Eurico Dutra. "Tivemos conhecimento através de uma comunicação do professor Pereira Lira, de que v. excia. recomendou ao Instituto do Açúcar e do Alcool pôr em execução, no mais breve prazo, o fundo de compensação de preços e o plano do álcool, destinados a amparar as exportações deficitárias e bonificar o álcool. Os produtores pernambucanos, reunidos nesta Cooperativa, decidiram agradecer a v. excia. por meu intermédio, a assinatura de tão importantes atos que assegurarão aos produtores de todas as regiões do país sem distinção a tranquilidade e a estabilidade de sua indústria. Por aclamação, foi decidido enviar uma ata especial do Conselho de Administração, na qual se registará tão auspicioso fato e o reconhecimento de todos os produtores aos bons serviços que v. excia. tem prestado à classe.

Queira v. excia. receber os nossos mais calorosos votos de alta estima e sinceros agradecimentos. (Ass.) José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco". Em resposta ao professor Pereira Lira, o industrial José Pessoa de Queiroz remeteu o seguinte mensagem telegráfica: "Acuso o recebimento do seu atencioso telegrama, comunicando que o sr. presidente da República acaba de autorizar o Instituto do Açúcar e do Alcool a pôr em execução, o mais breve possível, o fundo de compensação e o plano de álcool. Os produtores pernambucanos reunidos nesta Cooperativa, decidiram fazer chegar, por meu intermédio, a v. excia. os seus mais sinceros agradecimentos pela assinatura dos referidos atos que tiram a possibilidade de qualquer produtor reclamar com justiça a atuação do Instituto do Açúcar e do Alcool. Estamos certos de que os atos referidos consolidarão a obra de defesa da indústria alcooleira e açucareira que, sob a proteção esclarecida do sr. presidente da República, terá dias tranquilos para o futuro. Receba, o prezado e distinto amigo, o nosso mais reconhecido agradecimento".

Ainda sobre o assunto dirigiu-se, o presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco ao sr. Edgar de Góes Monteiro, presidente do I. A. A., o seguinte telegrama: "Acabamos de receber do professor Pereira Lira a comunicação de que o sr. presidente da República autorizou o Instituto do Açúcar e do Alcool a pôr em execução, no mais breve prazo, o fundo de compensação e o plano de álcool. Os produtores de Pernambuco, neste momento, congregados em Cooperativa dos Usineiros, congratulam-se com a grande vitória do Instituto do Açúcar e do Alcool, que é também a vitória da indústria do açúcar no país. Estamos certos de que esse momento marcará uma nova e decisiva fase na defesa da produ-

ção açucareira e alcooleira do país, cujos destinos estão sob a guarda esclarecida do sr. presidente da República, através desse Instituto. Aceite do JORNAL DO COMMERCIO, do Recife, v. excia. as nossas felicitações. 7-9-1948).

Atenciosamente. (Ass.) José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco". (Do JORNAL DO COMMERCIO, do Recife, 7-9-1948).



E o açúcar sobe rumo ao Velho Mundo — Foto de Bersin

SINTESE

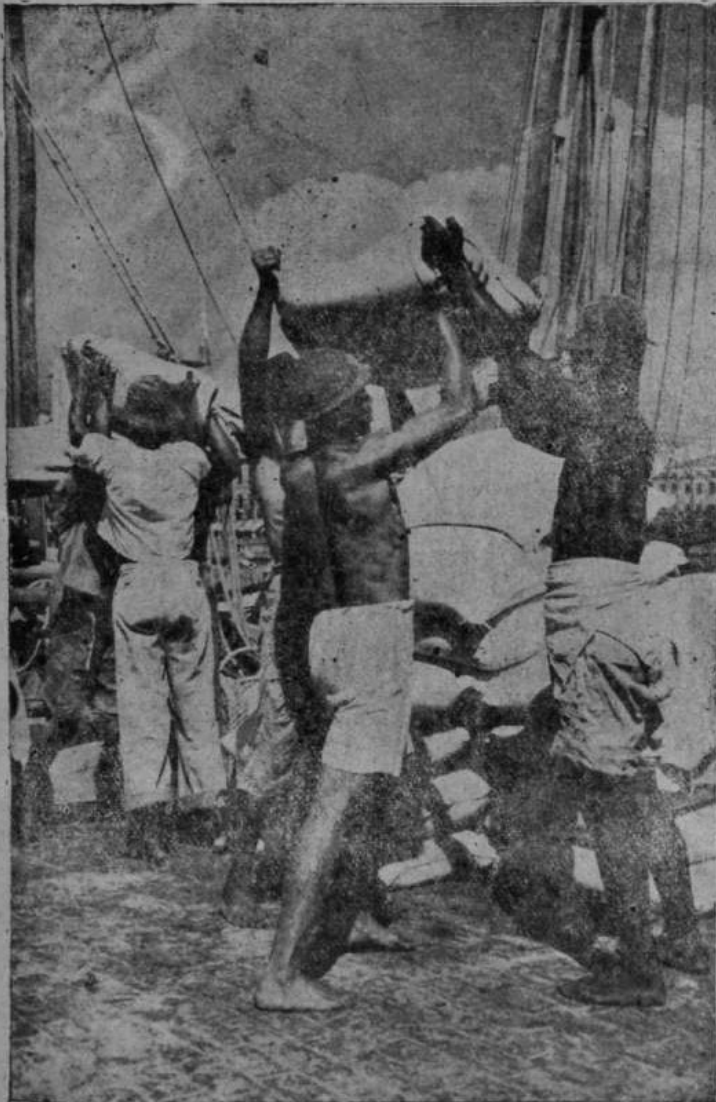
(Continuação da 1a. pag.)

tante nos temas do grande guia ibérico. Ele afirmava, enquanto todos duvidavam; e os vacilantes e ansiosos descansavam em suas palavras, como descansar e ainda, porque a sua presença, como a de Lorca, faz-se cada vez mais próxima e mais viva.

Recolho-me um instante, comovido, ante esta derradeira jornada espiritual do maior clássico do nosso tempo. Penso em sua dramática saída de Espanha, em sua morte, pouco depois, no exílio, cantando até o último alento o infortúnio do seu povo:

Alguien vendió la piedra de los [ares] al pezado teuton, al hambre [mora], y al fatal las puertas de los mares. [res.]

LENDO esses três livros, evomovido, ante esta derradeira jornada espiritual do maior clássico do nosso tempo. Penso em sua dramática saída de Espanha, em sua morte, pouco depois, no exílio, cantando até o último alento o infortúnio do seu povo:



Descarregamento de açúcar — Foto de Bersin.

CONTRIBUIÇÃO PARA A História da Poesia Pernambucana

ADERBAL JUREMA

No momento em que a forma do soneto reaparece com uma nova força de expressão artística não somente em Pernambuco, como também nos meios literários do Rio, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Ceará, não podemos chegar à compreensão dessa revivência poética sem uma viagem, ainda que ligeira, aos corredores da Faculdade de Direito do Recife, lá pelo ano de 1934. Em fevereiro de 1934, nós assinalávamos em artigo sobre "A Poesia Nova em Pernambuco", publicado no suplemento literário do "Diário de Notícias", do Rio, o declínio das escolas literárias e a ausência absoluta do verso parnasiano entre os jovens poetas pernambucanos daquela época. E, diante da onda de poetas que — espalhava pelos suplementos literários dos jornais, pelas revistas e em "plaquetes", dizíamos também que a poesia estava vivendo uma fase de afirmação de tendências. Naquela "ano poético" por excelência para Pernambuco, agitado pelas correntes estudantis mais diversas, surgiram alguns nomes que, hoje, permanecem na primeira plana da poesia brasileira. Nomes que não sofreram de perto a influência da Semana de Arte Moderna e nem de longe tomaram conhecimento da antiga Escola do Recife, de famosa e encantada memória, que já perdera toda a sua influência sobre os novos que tentavam a poesia na terra do açúcar.

O verso parnasiano não possuía nenhum representante de talento, a não ser o poeta Austro Costa que era uma espécie híbrida de último romântico e de derradeiro bilaqueano na paisagem poética recifense. A decadência, aliás das mais legítimas e naturais, uma vez que os sentimentos do mundo viviam a sua hora desordenada e arbitraria, estendia-se também ao próprio marinismo, ou futurismo, que andava de parceria com os sonetistas de almanaque nas publicações suburbanas e de circulação duvidosa. O movimento poético de 1934 afirmava-se por uma fertilidade de tendências — indicadoras seguras de um notável surto de valores novos.

Surgiram, então, os poetas subjetivistas — individualistas extremados; os socialistas ou revolucionários — objetivistas e líricos indecisos; e os surrealistas — alguns deles premeditadamente esquizofrênicos. Poetas do verso livre como o sr. Willy Lewin, admirador de Cocteau, ou poetas da pintura como o sr. Cicero Dias, verdadeiro surrealista da civilização canavieira. Ao lado de poetas antigos como o anedótico Apense Ferreira e o lírico Joaquim Cardoso, apareceram os srs. Mateus de Lima, Carlos J. Duarte, Odorico Tavares, Américo de Oliveira Costa, Mauro Mota, Danilo Torreão, Sebastião Maciel, Moacir Albuquerque, Aluizio Branco, Luiz Wanderley e muitos outros. Muitos desses computaram poemas em pleno vedor da mocidade para, logo depois, deixarem de fazer versos. Poetas mais fisiológicos do que psicológicos. Alguns outros ainda hoje fazem versos, mas de quatro em quatro anos, como os tais bissexto catalogados por Manuel Bandeira. Todos eles, porém, empenhados em achar uma linguagem pública para a poesia que lutava com sérias dificuldades para se mostrar ao povo.

Depois desse magnífico ressurgimento, onde Mayakovsky e Breton eram bandeiras, a poesia pernambucana foi entrando em crise, crise com síncope bem prolongada através de 1937 a 44. Nesse período, de 37-44, de raro em raro apareciam poemas em nossos suplementos dominieiros assinados por gente da terra. Houve até um Congresso de Poesia, se não me engano em 1942, para se discutir o destino da musa pernambucana e onde se falou de quase todos os "ismos" estudados e catalogados pelo sr. Ramon Gomes de la Serna. A repercussão e o fato da necessidade de se indagar do destino da nossa poesia atestam o estado moribundo a que chegou Pernambuco poético. Já nessa época, o apolinarismo, o picassismo, o negrismo, o klaxonismo, o jazzbandismo, o dadatismo, o serafismo, etc., etc., viviam uma vida obscura de cristão das catacumbas nos bolsos amarratados dos nossos poetas por falta de editores, de revistas literárias e de apoio dos nossos suplementos. Crise gráfica da poesia que expulsou desta terra jovens vocações poéticas como João Cabral de Melo Neto e Léo Ivo, sem falar em Declínio

Tavares que desapareceu em plena mocidade, ignorado na capital do país, sem que até agora tenha saído o seu livro com alguns poemas realmente belos. José Tavares de Miranda e Rangel Bandeira, o primeiro para São Paulo e o segundo para o Rio, foram publicar seus livros no sul. De José Tavares de Miranda são "Alambôa", "Poemas" e "Galba dos Infernos". Rangel Bandeira estreou com "Poemas".

Em 1939, ainda no Recife, o sr. Odorico Tavares, que havia estreado com 13 poemas dos "26 Poemas", em 1934, publicou "A Sombra do Mundo" em 1939 onde reafirmou as suas grandes qualidades de lírico moderno do verso livre tão lucidamente assinaladas pela autoridade crítica do sr. Álvaro Lins. Sem esquecer a marca do ano de sua estréia — 1934 — o poeta timbaubense, hoje na Bahia, reuniu em volume as suas "Poemas", editado em 1946. Nesse volume estão as suas melhores poesias desde o evocativo "Bonde de Burro de Minha Terra", que figura em antologia, até às mais recentes produções poéticas onde já se entremostra a persistência de um sabor clássico na música dos versos e onde o ritmo surge menos desordenado e mais construído. Foi no sr. Odorico Tavares, dos poetas de Pernambuco, que apontou primeiro essa volta subjetiva de sabor clássico.

Resatiu a essa emigração, embora de 37 a 44 os livros de poesia, editados no Recife, não somem os dedos das mãos de um poeta, o sr. Austro Costa, autêntico poeta recifense, autor de uma porção de sonetos, poemas e quadrinhas satíricas que bem demonstram o seu talento poético capaz de subsistir a todas as formas de crise gráfica, intelectual e política. A prova aí está no seu livro "Vida e Sonho", editado por um grupo de amigos. Ficou também como poeta, o sr. Mateus de Lima, irmão de Jorge de Lima, que editou "Poemas", "Acalanto" e "Cadernos da Hora Melhor" — I e II — entre 34-44. E o sr. Mateus de Lima um dos mais profundos, singulares e incompreendidos temperamentos poéticos do Recife. A forma gráfica de sua poesia não obedece a escolas e nem a princípios definidos de composição. Jorram para o papel ídéis ao seu impulso poético e nada mais. Mais ou menos o que fez o sr. João Cabral de Melo Neto, quando no Recife, com o seu primeiro livro "Fedra do Sótão".

E o prof. Odilon Nestor, que continua em plena mocidade da inteligência, haja visto o seu último livro de poemas, "O Barqueiro das Sombras", com ilustrações de Luiz Jardim.

Em meio dessa poesia nova que hoje ressurgiu em outros poetas mais jovens como Carlos

Moreira ou em ainda jovens como o autor das "Elegias", o sr. Mauro Mota, o sr. Araújo Filho lançou as suas "Sugestões de um Poeta Perna", em 1945. Nesse ano somente dois poetas novos a anotar: Maria do Carmo Barreto Campêlo, Lucilo Varejão Filho. Outros que atualmente dão sangue novo ao renascimento das musas pernambucanas ainda não haviam conquistado as páginas dos suplementos literários. Porisso Pernambuco viveu, até 1945, uma fase de crise gráfica da poesia. Crise de divulgação literária, ausência de boas revistas no gênero que impediam drasticamente a circulação das mensagens de sensibilidade no meio dos homens de boa vontade que nos rodeiam. Felizmente que a nossa consciência da província — tão viva e saudável entre os intelectuais que se dedicam aos estudos de história social liderados direta ou indiretamente pelo grande mestre Gilberto Freyre — está conquistando para a poesia pernambucana um lugar ao sol.

Os organizadores do II Congresso de Poesia do Recife foram os novos bandeirantes das musas pernambucanas em 1946. Através de um número da revista "Região", dedicada a certa maneira, podemos tomar conhecimento da atividade poética daquele ano, onde surgiram novos poetas, entre os quais destacamos os srs. Edson Régis, Carlos Moreira e Guerra de Holanda ao lado de outros já conhecidos como os srs. Vicente do Régio Monteiro e Tomás Seixas.

Vicente do Régio Monteiro, além de sua atividade poética, desenvolveu uma ação viva e inquietante nas páginas da revista "Renovação", nos seus poemas de bolso e nas traduções de poetas franceses como Mallarmé. Dêse sempre o nome Stéphane Mallarmé em quem Paul Verlaine disse a força do romântico no espantilho parnasiano e de quem o sr. Vicente do Régio Monteiro soube verter ainda quente para a língua portuguesa os seus versos imortais. Além de poeta, o artista Vicente vive mais interessado a sua poesia nos seus quadros do que nos seus poemas; nas suas traduções poéticas do que na sua prosa um tanto sofisticada. No entanto num poema seu — "A Cantiga das Tecelãs" — ele conseguiu fazer de um tema simples algo de muito lírico que tembra o prosaísmo fofoleiro das nossas velhas canções de cirandinha. Por isso estranhamos ter passado despercebido do sr. Fernando Mota, na sua bem selecionada "Antologia de Poetas Pernambucanos", o poema do pintor pernambucano ora residindo em Paris. E por falar em residência, queremos assinalar neste estudo ligeiro, que discordamos do critério rígido de cidadania literária que o jovem antologista adotou quando excluiu "alguns poetas que a nós se identificaram", somente porque não nasceram em Pernambuco. Ora o poeta pode nascer feito, mas fazendo nossas as palavras de Jacques Maritain em "Fronteiras da Poesia", achamos que a grandeza de uma obra poética não depende somente do poeta e sim de sua harmonia com o mundo, com o seu universo humano. Logo o poeta pertence muito mais à região onde vive do que à onde nasceu.

Entre os poemas de 46, fora congresso, "Região" incluiu um de Mauro Mota. Poema que perde de importância diante das suas Elegias recentemente publicadas em conjunto nesta revista. Cronologicamente, a nova fase do sr. Mauro Mota data da publicação da sua "Elegia n.º 4". Fase recentíssima que vem revelando ao Brasil um elegiaco-amoroso da estirpe de um António Nobre ou de um Amado Nervo, ambos poetas de origem ibérica, aos quais podemos juntar o nome do jovem poeta pernambucano para completar esse estranho e admirável triângulo elegiaco-amoroso de três vozes da latindade.

Muito tempo ainda a esperar do sr. Mauro Mota que atinja agora o grande momento poético de sua inteligência, embora na sua primeira fase, no poema "Finados", já entremostrasse o potencial lírico ainda não de todo revelado e que desbrochou nesses sonetos que marcaram definitivamente a sua atual fase poética. Nesses, a fluidez da rima, a música suave do ritmo e o vocabulário sensivelmente lírico, ali estão



Aderbal Jurema



Odilon Nestor



Carlos Moreira



Edson Régis



Mauro Mota



Joaquim Cardoso

Poesia

Alguns dos poetas que irão expor os seus poemas manuscritos no I SALÃO DE POESIA DO RECIFE

(NOTICIÁRIO NA PAG. 7)



Joaquim Cardoso



Lucilo Varejão F.



Laurelio Lima



José Gonçalves



Odorico Tavares



Ariano Sussanna



Duarte Neto



Adauto Gonçalves



Craveiro Leite



Andrade Lima F.



Guerra de Holanda

Viva



Lício Neves